



LORENZO SCUPOLI

O
COMBATE
ESPIRITUAL

EDIÇÕES
ORATIO

LORENZO SCUPOLI

O Combate Espiritual

Nova tradução para o português brasileiro

Tradução e edição de
Paulo Ricardo Alves
com auxílio de inteligência artificial

EDIÇÕES ORATIO

2026

Créditos da edição

O Combate Espiritual

Lorenzo Scupoli

Nova tradução para o português brasileiro

Tradução, revisão e preparação editorial:

Paulo Ricardo Alves

Auxílio técnico:

ferramentas de inteligência artificial empregadas no processo de tradução e revisão

Publicação digital:

Edições Oratio

Primeira edição digital:

2026

Texto original de Lorenzo Scupoli: domínio público.

Texto-base imediato: *The Spiritual Combat*, versão inglesa revista por William Lester e Robert Paul Mohan, Newman Bookshop, 1945, em recomposição digital publicada pela Catholic Way Publishing em 2013.

Linhagem textual: a revisão inglesa de 1945 pertence à tradição da tradução publicada por J. T. em 1742, realizada a partir da versão francesa de Jean Brignon, de 1688.

© 2026 Paulo Ricardo Alves / Edições Oratio, quanto às contribuições autorais humanas de tradução, revisão, seleção e preparação editorial desta edição.

É permitida a cópia, a reprodução e a distribuição gratuita desta edição, integral ou parcial, desde que sejam preservados os devidos créditos. A reprodução integral deve manter o texto e os créditos editoriais sem alterações. É vedada a reprodução ou exploração comercial, total ou parcial, sem autorização expressa.

Edições Oratio
oratioapp.com.br

Apresentação

Entre os muitos livros que a tradição espiritual católica legou aos fiéis ao longo dos séculos, poucos conservaram com tanta força e simplicidade o caráter de verdadeiro manual de vida interior quanto *O Combate Espiritual*, de Lorenzo Scupoli. Suas páginas partem de uma realidade que todo cristão cedo ou tarde é chamado a reconhecer: a vida espiritual não consiste apenas em desejar o bem, mas em travar, com o auxílio da graça de Deus, um combate perseverante contra o pecado, as paixões desordenadas, as tentações e, sobretudo, contra aquela confiança excessiva em nós mesmos que tantas vezes nos afasta da verdadeira perfeição.

O título da obra exprime com precisão aquilo que o leitor encontrará nestes capítulos. O combate de que trata Scupoli não é dirigido contra outras pessoas, nem se confunde com uma sucessão de exercícios exteriores realizados por mera disciplina. Seu campo de batalha é principalmente a própria alma. É nela que a vontade deve aprender a submeter-se a Deus, que o entendimento precisa libertar-se dos enganos, que as paixões devem ser ordenadas e que a confiança em si mesmo deve ceder lugar a uma confiança cada vez maior na Divina Providência.

Desde as primeiras páginas, o autor adverte que a perfeição cristã não pode ser reduzida a práticas exteriores, por mais santas e necessárias que elas sejam. Orações, penitências, obras de piedade, silêncio, mortificações e outras práticas espirituais possuem grande valor quando ordenadas para Deus, mas não constituem por si mesmas a santidade. O verdadeiro progresso espiritual exige transformação

interior, conhecimento da própria fraqueza, domínio da vontade, crescimento nas virtudes e, acima de tudo, amor sincero a Deus.

É justamente dessa convicção que nascem os quatro grandes fundamentos apresentados no início da obra: a desconfiança de nós mesmos, a confiança em Deus, o correto exercício das faculdades da alma e a oração. Esses princípios reaparecem continuamente ao longo dos capítulos, aplicados às mais diversas circunstâncias da vida cristã. Scupoli ensina a combater as paixões, resistir às tentações, suportar as contrariedades, governar os sentidos e a própria fala, examinar a consciência, aproximar-se dignamente dos Sacramentos e conservar a paz interior mesmo depois das quedas.

Há nas páginas de *O Combate Espiritual* uma espiritualidade profundamente realista. O autor conhece a fragilidade humana e não escreve como se o caminho da santidade fosse percorrido sem tropeços. Ao contrário, muitas de suas recomendações destinam-se precisamente àquele que caiu, desanimou, descobriu em si uma fraqueza que julgava já vencida ou percebeu quanto ainda está distante da perfeição. Nessas situações, Scupoli não recomenda o desalento, mas um retorno humilde e confiante a Deus. A própria experiência da miséria pessoal pode tornar-se ocasião de maior humildade, desde que a alma não se feche em si mesma, mas volte os olhos para a misericórdia divina.

Essa combinação entre profundo conhecimento da fraqueza humana e firme confiança na graça constitui uma das maiores riquezas da obra. O cristão é chamado a combater seriamente, empregando sua vontade e procurando adquirir hábitos virtuosos, mas sem cair na ilusão de que pode vencer sozinho. Quanto mais aprende a reconhecer a própria insuficiência, mais deve aprender a confiar naquele de quem procede todo verdadeiro auxílio.

A presença de Nosso Senhor Jesus Cristo percorre naturalmente toda essa doutrina espiritual. Sua Paixão torna-se escola de paciência, humildade, obediência e amor; Sua Cruz, medida pela qual o cristão aprende a compreender os próprios sofrimentos; Sua graça, fundamento de toda vitória espiritual. Da mesma maneira, a Santíssima Virgem ocupa lugar especial na vida de oração apresentada por Scupoli, sendo invocada como poderosa intercessora daqueles que desejam avançar no serviço de seu Divino Filho.

A obra conduz progressivamente o leitor desde os fundamentos da vida espiritual até as últimas batalhas da existência terrena. Seus

capítulos finais contemplam a perseverança até a morte e os combates que podem acompanhar os derradeiros momentos do cristão. Dessa forma, o livro apresenta a vida espiritual como uma luta que não conhece verdadeira aposentadoria: enquanto permanecemos nesta vida, permanece também a necessidade de vigilância, oração, humildade e confiança.

Esta nova edição em língua portuguesa nasceu do desejo de tornar essa obra novamente acessível aos leitores brasileiros em formato digital. A tradução foi realizada por Paulo Ricardo Alves, com o auxílio de inteligência artificial, a partir de uma versão em língua inglesa, especialmente para o Oratio. O propósito desta publicação não é oferecer uma edição crítica ou acadêmica, mas colocar nas mãos dos fiéis um texto destinado à leitura, ao estudo e, principalmente, à edificação da vida espiritual.

Convém, por isso, que este livro seja lido sem pressa. Muitos de seus capítulos são curtos, mas encerram conselhos que somente revelam toda a sua utilidade quando aplicados concretamente à vida. Em vez de avançar rapidamente de página em página, pode ser mais proveitoso deter-se em determinado capítulo, examiná-lo à luz da própria consciência e perguntar de que maneira seus ensinamentos podem ser praticados nas circunstâncias presentes.

Que a leitura de *O Combate Espiritual* não permaneça, portanto, apenas no entendimento, mas alcance a vontade e se transforme em propósito de vida. Em última análise, o combate descrito nestas páginas não tem outro fim senão aquele que deve orientar toda existência cristã: vencer tudo aquilo que nos separa de Deus, crescer no amor e na virtude e perseverar fielmente até alcançar a união definitiva com Ele.

Nota sobre esta edição

A presente edição de *O Combate Espiritual*, de Lorenzo Scupoli, foi preparada especialmente para o Oratio, com o propósito de tornar esta obra clássica da espiritualidade católica acessível aos leitores de língua portuguesa em uma nova edição digital destinada à leitura, ao estudo e à edificação espiritual.

A tradução para o português brasileiro foi realizada por **Paulo Ricardo Alves, com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial**, tendo como texto-base imediato a edição inglesa *The Spiritual Combat*, revista por **William Lester e Robert Paul Mohan** e publicada em 1945 pela Newman Bookshop. O arquivo inglês utilizado nesta tradução corresponde à recomposição e republicação digital realizada pela Catholic Way Publishing em 2013.

É importante esclarecer que esta edição **não constitui uma tradução direta do texto original italiano de Lorenzo Scupoli**. A versão inglesa de 1945 é uma revisão e modernização de uma antiga tradição inglesa cuja linhagem textual pode ser rastreada até a tradução publicada em Londres, em 1742, sob as iniciais **J. T.**. Essa tradução inglesa foi realizada a partir da versão francesa do jesuíta **Jean Brignon**, publicada originalmente em 1688, a qual, por sua vez, traduzia a recensão italiana de sessenta e seis capítulos.

Consequentemente, a presente edição pertence a uma longa tradição de transmissão do texto de Scupoli através do francês e do inglês. Algumas escolhas editoriais introduzidas nessas etapas intermediárias podem refletir-se no texto português. Um exemplo é a generalização do tratamento que, em certas testemunhas italianas, se dirige a uma

filha espiritual e que, já na versão francesa de Brignon, foi adaptado para um destinatário mais geral.

O emprego da inteligência artificial ocorreu como instrumento auxiliar no processo de tradução e revisão. A preparação desta edição, a definição de seus critérios, a seleção das soluções adotadas e a responsabilidade pela redação portuguesa pertencem ao responsável por esta edição. Procurou-se conservar com fidelidade o sentido do texto inglês utilizado como fonte imediata, ao mesmo tempo que se buscou uma redação natural em português brasileiro, apropriada ao caráter ascético e espiritual da obra e coerente com a terminologia tradicional católica.

Nas passagens em que uma reprodução excessivamente literal da construção inglesa prejudicaria a clareza ou a naturalidade do português, privilegiou-se a transmissão fiel do sentido. Do mesmo modo, procurou-se evitar tanto uma modernização que descaracterizasse o tom da obra quanto o emprego artificial de formas arcaicas que dificultassem desnecessariamente a leitura. O objetivo foi oferecer um texto reverente, claro e fluido, preservando tanto quanto possível a seriedade e o vigor espiritual próprios do tratado.

Esta edição compreende os **sessenta e seis capítulos de *O Combate Espiritual*** presentes no corpo principal da edição inglesa utilizada como fonte. Materiais suplementares acrescentados a determinadas edições e que não integram esse conjunto de sessenta e seis capítulos não foram incorporados à presente tradução.

A edição foi concebida sobretudo para o fiel que deseja fazer deste livro um instrumento de vida interior. Não se pretende apresentar aqui uma edição crítica do texto de Scupoli, nem estabelecer uma nova edição filológica da obra a partir de seus testemunhos italianos antigos. Para estudos históricos ou textuais que dependam da formulação exata do original, recomenda-se a consulta de edições críticas e do texto italiano.

Eventuais intervenções editoriais realizadas durante a preparação do texto limitaram-se ao que se julgou necessário para a clareza, a correção linguística, a coerência terminológica e a adequada apresentação em língua portuguesa. Nos casos em que o texto-base inglês apresentasse aparente erro ou dificuldade relevante capaz de alterar o sentido da passagem, procurou-se adotar uma solução coerente com o contexto.

Esta publicação é disponibilizada pelo **Oratio** para fins de leitura, estudo e edificação espiritual. É permitida a cópia e a reprodução gratuita desta edição, integral ou parcial, desde que sejam preservados os devidos créditos ao autor, ao responsável pela tradução e às Edições Oratio. A reprodução integral deve preservar o texto e os créditos editoriais. **É vedada a comercialização desta edição ou de sua tradução, no todo ou em parte, sem autorização expressa.**

Que este trabalho, com todas as limitações próprias de uma tradução realizada por intermédio de outras línguas, possa contribuir para que mais almas conheçam e aproveitem os ensinamentos espirituais de Lorenzo Scupoli e encontrem nestas páginas auxílio para perseverar no combate cristão, crescer nas virtudes e buscar, acima de todas as coisas, a união com Deus.

Sumário

	Créditos da edição	ii
	Apresentação	iii
	Nota sobre esta edição	vii
I	Palavras preliminares sobre a perfeição e as quatro coisas necessárias para este combate.	1
II	Da desconfiança de si mesmo	5
III	Da confiança em Deus	7
IV	Como descobrir se desconfiamos de nós mesmos e depositamos nossa confiança em Deus.	9
V	O erro de tomar a covardia por virtude	10
VI	Outros conselhos para adquirir a desconfiança de si mesmo e a confiança em Deus . .	11
VII	Do uso correto de nossas faculdades: o entendimento deve, antes de tudo, libertar-se da ignorância e da curiosidade	13
VIII	Um obstáculo à formação de um juízo correto e o meio de superá-lo	15
IX	Outro meio de impedir que o entendimento seja enganado	17
X	Do exercício da vontade e do fim ao qual devem dirigir-se todas as nossas ações interiores e exteriores.	19
XI	Algumas considerações que inclinarão a vontade a buscar somente aquilo que agrada a Deus.	23
XII	Da oposição existente na dupla natureza do homem	24
XIII	Como devemos enfrentar a sensualidade e o que a vontade deve fazer para adquirir hábitos virtuosos	27
XIV	O que fazer quando a vontade parece vencida e incapaz de resistir aos apetites sensuais.	31
XV	Outros conselhos para combater com destreza, os inimigos que devemos enfrentar e a coragem necessária para o combate	33
XVI	O soldado de Cristo deve preparar-se desde cedo para a batalha	35
XVII	Do método para combater as paixões e os vícios.	37
XVIII	Como refrear os impulsos repentinos das paixões	38
XIX	Como devemos combater a impureza	40
XX	Como combater a preguiça	45

XXI	Do uso correto dos sentidos e de como eles podem auxiliar-nos na contemplação das coisas divinas	48
XXII	Como as coisas sensíveis podem ajudar-nos a meditar sobre a Paixão e a morte de nosso Salvador	51
XXIII	Outros usos proveitosos dos sentidos em diferentes circunstâncias	53
XXIV	Como governar a própria fala	57
XXV	O soldado de Cristo, resolvido a combater e vencer seus inimigos, deve evitar, tanto quanto possível, tudo o que perturbe sua paz de espírito	59
XXVI	O que devemos fazer quando somos feridos	62
XXVII	Dos métodos empregados pelo demônio para tentar e seduzir aqueles que desejam adquirir a virtude e aqueles que ainda são prisioneiros do vício.	64
XXVIII	Dos artifícios astutos empregados pelo demônio para destruir completamente aqueles que ele já arrastou ao pecado	65
XXIX	Dos esforços do demônio para impedir a conversão daqueles que, conhecendo a enfermidade de suas almas, desejam corrigir a vida, e da razão pela qual suas boas intenções frequentemente não produzem efeito	66
XXX	Dos enganos daqueles que se julgam no caminho da perfeição	68
XXXI	Dos artifícios empregados pelo demônio para nos fazer abandonar a vida virtuosa	70
XXXII	Do último artifício do demônio, que transforma até a prática da virtude em ocasião de pecado	73
XXXIII	Algumas instruções importantes para aqueles que desejam mortificar as paixões e alcançar as virtudes necessárias	77
XXXIV	As virtudes devem ser adquiridas uma por vez e gradualmente	80
XXXV	Do meio mais proveitoso para adquirir a virtude e do modo como devemos aplicar-nos por algum tempo a uma virtude particular.	82
XXXVI	A prática da virtude exige aplicação constante.	84
XXXVII	Da necessidade de aproveitar diligentemente todas as ocasiões de praticar a virtude, pois nosso progresso deve ser contínuo	85
XXXVIII	Da necessidade de estimar todas as ocasiões de combater para adquirir as virtudes, especialmente aquelas que apresentam maiores dificuldades	87
XXXIX	Do modo como podemos exercitar a mesma virtude em diferentes ocasiões	89
XL	Do tempo que deve ser empregado na aquisição de cada virtude e dos sinais de nosso progresso	91
XLI	Da necessidade de moderar o desejo de sermos libertados dos males suportados com paciência e do modo de regular nossos desejos	93
XLII	Da defesa contra os artifícios do demônio quando ele sugere devoções indiscretas.	95
XLIII	Da inclinação de nossa natureza corrompida, estimulada pelo demônio, para o juízo temerário, e do remédio contra esse mal.	97
XLIV	Da oração	99
XLV	Da oração mental	103
XLVI	Da meditação	105
XLVII	Outro método de meditação	107
XLVIII	Método de oração fundado na intercessão da Santíssima Virgem	108
XLIX	Algumas considerações para despertar a confiança no auxílio da Santíssima Virgem.	110
L	Método de meditação e oração que recorre à intercessão dos Santos e dos Anjos	111

LI	Meditação sobre os sofrimentos de Cristo e os sentimentos que devemos extrair de sua contemplação.	113
LII	Dos benefícios alcançados pela meditação da Cruz e da imitação das virtudes de Cristo Crucificado.	117
LIII	Do Santíssimo Sacramento da Eucaristia.	121
LIV	Do modo como devemos receber o Santíssimo Sacramento	122
LV	Da preparação para a Comunhão e do papel da Eucaristia em despertar em nós o amor de Deus	125
IVI	Da Comunhão espiritual	130
IVII	Da ação de graças.	132
IVIII	Da oferta de nós mesmos a Deus	133
LIX	Da devoção sensível e da aridez	136
LX	Do exame de consciência	140
LXI	Do modo como devemos perseverar no combate espiritual até a morte.	141
LXII	Da preparação contra os inimigos que nos assaltam na hora da morte	143
LXIII	Dos quatro assaltos do inimigo na hora da morte, do primeiro assalto contra a fé e do modo de lhe resistir	144
LXIV	Do assalto do desespero e de seu remédio	146
LXV	Da tentação de vanglória	147
LXVI	Das diversas ilusões empregadas pelo demônio na hora da morte	148
	Sobre Lorenzo Scupoli	149
	Sobre esta edição	151

Capítulo I

Palavras preliminares sobre a perfeição e as quatro coisas necessárias para este combate

Alma cristã! Se desejas atingir o mais elevado cume da perfeição e unir-te tão intimamente a Deus que te tornes um só espírito com Ele, debes primeiro conhecer a verdadeira natureza e a perfeição da vida espiritual, a fim de ter êxito na mais sublime empresa que se pode experimentar ou imaginar.

Alguns, julgando apenas pelas aparências, fazem-na consistir em penitências, cilícios, austeridades corporais, vigílias, jejuns e outras mortificações semelhantes. Outros se imaginam sumamente virtuosos porque se entregam a longos períodos de oração vocal, ouvem várias Missas e passam muitas horas na igreja. Outros ainda, entre os quais não se excluem alguns religiosos consagrados a Deus, pensam que a perfeição consiste na assiduidade irrepreensível ao coro, na observância do silêncio e na estrita fidelidade à própria regra. Assim, pessoas diferentes situam a perfeição em práticas diferentes; é certo, porém, que todas se enganam do mesmo modo.

Com efeito, uma vez que as obras exteriores nada mais são do que disposições para alcançar a verdadeira piedade, ou efeitos dessa mesma piedade, não se pode dizer que nelas consistam a perfeição cristã e a autêntica vida espiritual. Sem dúvida, são meios poderosos para nos tornarmos verdadeiramente perfeitos e santos e, quando empregados com discrição, possuem valor singular: sustentam nossa natureza, sempre indolente para o bem e inclinada ao mal; repelem os ataques e permitem escapar às ciladas do inimigo comum; e alcançam do Pai das Misericórdias os auxílios tão necessários aos fiéis, especialmente aos principiantes. São também frutos preciosos da virtude consumada a que

chegaram as pessoas verdadeiramente santas. Estas castigam o corpo, seja em penitência das culpas passadas, seja para maior humilhação e sujeição ao Criador; procuram a solidão e guardam silêncio para, afastadas do mundo, preservarem-se até da menor mancha de pecado e conversarem somente com o Céu e os Anjos; empregam o tempo em obras de piedade e no serviço de Deus; rezam e meditam sobre a vida e a Paixão de nosso Redentor, não por curiosidade nem por algum prazer sensível daí proveniente, mas pelo desejo de conhecer melhor, de um lado, a grandeza da Bondade Divina e, de outro, a profundidade da própria ingratidão. Fazem tudo isso para crescer no amor de Deus e no desprezo de si mesmas, para seguir o Senhor carregando a Sua Cruz e renunciando à própria vontade; e recebem os Sacramentos unicamente para a honra de Deus, para uma união mais íntima com Ele e para maior proteção contra o poder do demônio.

Muito diferente é a condição daqueles que, por ignorância, fazem consistir a devoção nos atos exteriores, os quais frequentemente se tornam causa de sua própria ruína e acarretam consequências muito mais graves do que os pecados manifestos. Esses atos não são maus em si mesmos, mas tornam-se nocivos quando mal empregados. Tais pessoas se apegam tanto a essas práticas que descuidam inteiramente de vigiar os movimentos interiores do coração; dando-lhes livre curso, deixam-nos entregues à própria corrupção e aos ardis do demônio. Então esse destruidor, vendo-as extraviar-se, não apenas as encoraja a prosseguir no mesmo caminho, mas também lhes enche a imaginação de ideias vãs, fazendo-as crer que já saboreiam as alegrias do Paraíso e as delícias dos Anjos, e que contemplam Deus face a face.

Basta uma breve reflexão sobre sua conduta para revelar o erro em que vivem e a grande distância que as separa da perfeição que agora buscamos. Em todas as circunstâncias, desejam ser preferidas aos demais; não conhecem outro guia senão o próprio juízo particular, nem outra regra senão a própria vontade. Cegas para os próprios negócios, têm olhos penetrantes para os do próximo e estão sempre prontas a descobrir faltas. Basta tocar na reputação vazia que julgam possuir e que guardam com extremo ciúme, ou ordenar-lhes que abandonem alguma das devoções a que estão acostumadas, para que seu espanto e irritação mal possam ser expressos.

Se o próprio Deus, para lhes abrir os olhos e mostrar o verdadeiro caminho da perfeição, lhes enviar cruces, enfermidades ou duras

perseguições, provas certíssimas da fidelidade de Seus servos e que jamais sobrevivem sem Seu desígnio e permissão, então a condição corrompida de seus corações se manifesta na desmedida soberba com que reagem. Em todos os acontecimentos desta vida, favoráveis ou adversos, nada sabem de uma justa conformidade com a Vontade de Deus; não sabem render-se ao Seu poder onipotente nem submeter-se aos Seus juízos, tão justos quanto secretos e impenetráveis; não sabem imitar Cristo Crucificado, que Se humilhou diante de todos os homens, nem amar os inimigos como instrumentos dos quais a bondade de Deus Se serve para exercitá-las na renúncia de si mesmas e auxiliá-las não somente em sua salvação futura, mas também em uma santificação cada vez maior na vida presente.

Por essa mesma razão, encontram-se em perigo iminente de perdição. Com os olhos cegos pelo amor-próprio, examinam a si mesmas e suas ações, que de outro modo talvez não fossem censuráveis, e inflam-se de vaidade. Concluem que já avançaram muito no caminho de Deus e, sem hesitar, desprezam o próximo; na verdade, sua soberba frequentemente aumenta-lhes tanto a cegueira que sua conversão não se pode realizar sem um milagre da graça.

A experiência demonstra que os pecadores conhecidos se corrigem com menor dificuldade do que aqueles que deliberadamente se ocultam sob o manto de uma virtude falsa. Por isso, podes compreender facilmente que a vida espiritual não consiste nas práticas acima enumeradas quando elas são consideradas apenas em sua aparência exterior.

Ela consiste, na verdade, em conhecer a infinita grandeza e bondade de Deus, juntamente com o verdadeiro reconhecimento de nossa fraqueza e inclinação para o mal; em amar a Deus e desprezar a nós mesmos; em humilhar-nos não somente diante d'Ele, mas, por amor a Ele, também diante de todos os homens; em renunciar inteiramente à nossa própria vontade para seguir a Sua. Consiste, enfim, em fazer tudo isso unicamente para a glória de Seu Santo Nome, com um só propósito, que é agradar-Lhe, e por um só motivo, que Ele seja amado e servido por todas as Suas criaturas.

São esses os preceitos daquela lei de amor que o Espírito Santo escreveu no coração dos fiéis. É por isso que devemos praticar a renúncia de nós mesmos tão insistentemente recomendada por nosso Salvador no Evangelho; é isso que torna tão suave o Seu jugo e tão leve o Seu fardo.

Uma vez que procuras o mais alto grau de perfeição, debes travar uma guerra contínua contra ti mesmo e empregar todas as tuas forças em destruir cada inclinação viciosa, por menor que seja. Por conseguinte, ao preparar-te para o combate, debes reunir toda a tua resolução e coragem, pois ninguém receberá a coroa se não tiver combatido valorosamente.

Lembra-te, porém, de que nenhuma guerra pode ser conduzida com maior ferocidade do que esta, pois combatemos contra nós mesmos e as forças se encontram, por assim dizer, de ambos os lados; entretanto, a vitória, quando alcançada, é a mais agradável a Deus e a mais gloriosa para o vencedor. Quem tem a coragem de dominar as próprias paixões, sujeitar os apetites e repelir até os menores movimentos da vontade própria pratica uma ação mais meritória aos olhos de Deus do que se, sem esse domínio interior, dilacerasse a carne com as mais ásperas disciplinas, jejuasse com maior austeridade que os antigos Padres do Deserto ou convertesse multidões de pecadores.

É verdade que, consideradas as coisas em si mesmas, a conversão de uma alma é, sem dúvida, infinitamente mais agradável à Majestade Divina do que a mortificação de um afeto desordenado. Contudo, cada pessoa, dentro de sua condição particular, deve começar pelo que dela se exige imediatamente. Ora, o que Deus espera de nós acima de tudo é uma aplicação séria em vencer nossas paixões; e cumprir esse dever é prestar-Lhe um serviço mais apropriado do que realizar uma obra aparentemente maior enquanto permanecem desregrados os nossos apetites.

Agora que sabes em que consiste a perfeição cristã e que, para alcançá-la, debes resolver-te a uma guerra perpétua contra ti mesmo, começa a prover-te de quatro armas sem as quais é impossível obter a vitória neste combate espiritual: a desconfiança de si mesmo, a confiança em Deus, o uso correto das faculdades do corpo e da alma e o dever da oração. Com o auxílio da graça de Deus, trataremos delas brevemente nos capítulos seguintes.

Capítulo II

Da desconfiança de si mesmo

A desconfiança de si mesmo é tão absolutamente necessária no combate espiritual que, sem essa virtude, não podemos esperar vencer sequer nossas paixões mais fracas e muito menos alcançar uma vitória completa. Esta importante verdade deve gravar-se profundamente em nosso coração, pois, embora nada sejamos por nós mesmos, somos demasiadamente inclinados a superestimar nossas capacidades e a concluir falsamente que temos alguma importância. Esse vício nasce da corrupção de nossa natureza; contudo, quanto mais natural é uma disposição, tanto mais difícil se torna reconhecê-la.

Deus, porém, a Quem nada está oculto, olha com horror para essa presunção, porque é Sua Vontade que estejamos convencidos de não possuir virtude nem graça alguma que não proceda somente d'Ele e de que, sem Ele, somos incapazes até mesmo de um único pensamento meritório. A desconfiança de nossas próprias forças é um dom do Céu, concedido por Deus àqueles que Ele ama; às vezes, é infundida por uma santa inspiração; outras vezes, por meio de severas aflições, de tentações quase insuperáveis ou de outros caminhos que desconhecemos. Ainda assim, Ele espera que façamos tudo quanto está ao nosso alcance para obtê-la; e certamente a obteremos se, com a graça de Deus, empregarmos seriamente os quatro meios seguintes.

Primeiro, devemos meditar sobre nossa própria fraqueza. Considera que, nada sendo por nós mesmos, não podemos, sem o auxílio divino, realizar o menor bem nem avançar sequer um pequeno passo em direção ao Céu.

Segundo, devemos pedir a Deus, com grande humildade e fervor, esta virtude eminente, que somente d'Ele pode vir. Começemos por

reconhecer não apenas que não a possuímos, mas também que somos inteiramente incapazes de adquiri-la por nós mesmos; depois, prostremo-nos aos pés de nosso Senhor e supliquemos-Lhe com insistência que nos conceda o que pedimos. Devemos fazê-lo com firme confiança de que seremos ouvidos, contanto que aguardemos pacientemente o efeito de nossa oração e nela perseveremos pelo tempo que aprouver à Divina Providência.

Terceiro, devemos acostumar-nos gradualmente a desconfiar das próprias forças, a temer as ilusões de nossa mente, a forte propensão de nossa natureza para o pecado e o número esmagador de inimigos que nos cercam. A astúcia, a experiência e a força deles superam as nossas, pois podem transformar-se em Anjos de luz e armar-nos emboscadas enquanto avançamos em direção ao Céu.

Quarto, sempre que cometermos uma falta, devemos examinar-nos para descobrir nossos pontos vulneráveis. Deus permite que caiamos somente para adquirirmos um conhecimento mais profundo de nós mesmos, aprendermos a desprezar-nos como criaturas miseráveis e desejarmos sinceramente ser desprezados pelos outros. Sem isso, não podemos esperar alcançar a desconfiança de nós mesmos, que se enraíza na humildade e no conhecimento da própria fraqueza.

Quem deseja aproximar-se da Verdade eterna e da fonte de toda luz deve conhecer-se profundamente. Não deve imitar a soberba daqueles que não chegam a outro conhecimento senão o que seus pecados lhes proporcionam e que só começam a abrir os olhos quando se veem mergulhados em alguma queda vergonhosa e imprevista. Isso acontece por permissão de Deus, para que reconheçam a própria fraqueza e, por uma triste experiência, aprendam a não confiar em suas forças. Raramente Deus aplica remédio tão severo contra a presunção, a menos que os outros meios tenham falhado.

Em suma, Ele permite que as pessoas caiam em pecados mais ou menos graves na proporção de sua soberba; e, se alguém fosse tão livre desse vício quanto a Santíssima Virgem, ousa dizer que jamais cairia. Portanto, sempre que cometeres uma falta, esforça-te imediatamente por sondar o íntimo de tua consciência; suplica com fervor a nosso Senhor que te ilumine, para que te vejas como és diante d'Ele e não tornes a presumir de tuas forças, pois, do contrário, cairás novamente nas mesmas faltas ou talvez em outras ainda maiores, para a ruína eterna de tua alma.

Capítulo III

Da confiança em Deus

Embora a desconfiança de si mesmo seja absolutamente necessária no combate espiritual, como acabamos de demonstrar, se nela apenas nos apoiarmos, em pouco tempo seremos postos em fuga, despojados e subjugados pelo inimigo. Para que não fuçamos do campo de batalha nem permaneçamos indefesos e vencidos nas mãos de nossos adversários, devemos acrescentar-lhe uma perfeita confiança em Deus e esperar somente d'Ele o socorro e a vitória. Assim como nós, que nada somos, nada podemos esperar de nós mesmos senão quedas e, por isso, devemos desconfiar inteiramente de nossas forças, também podemos esperar com segurança de nosso Senhor a vitória completa em cada combate. Para obter Seu auxílio, armemo-nos, portanto, de uma viva confiança n'Ele, a qual também pode ser adquirida por quatro meios.

Primeiro, pedi-la com grande humildade.

Segundo, contemplar, com fé ardente, o imenso poder e a infinita sabedoria do Ser Supremo. Nada Lhe é difícil; Sua bondade não conhece limites, e Seu amor por aqueles que O servem está sempre pronto a lhes proporcionar tudo quanto é necessário para a vida espiritual e para que obtenham uma vitória completa sobre si mesmos.

Tudo o que Ele exige é que recorram a Ele com inteira confiança. Poderia haver algo mais razoável? Durante trinta e três anos ou mais, o amável Pastor procurou a ovelha perdida por caminhos erçados de espinhos, com tantos sofrimentos que essa busca Lhe custou até a última gota de Seu Sangue Sagrado. Quando esse Pastor dedicado vê enfim a ovelha extraviada regressar a Ele, desejosa de ser conduzida dali em diante somente por Ele e animada de uma intenção sincera, embora

talvez fraca, de obedecer-Lhe, seria possível que não a contemplasse com compaixão, não escutasse seus clamores e não a levasse sobre os ombros de volta ao redil? Sem dúvida, muito Se compraz em vê-la novamente unida ao rebanho e convida os Anjos a se alegrarem com Ele nessa ocasião.

Se Ele procura com tanta diligência a dracma do Evangelho, figura do pecador, e nada deixa por fazer para encontrá-la, poderia rejeitar aqueles que, como ovelhas desejosas de rever seu Pastor, regressam ao aprisco?

Terceiro, outro meio de adquirir essa confiança salutar é recordar frequentemente aquilo que as Sagradas Escrituras, testemunhas da verdade, nos asseguram em mil passagens diferentes: ninguém que deposite em Deus a sua confiança será vencido.

Quarto, o último meio para adquirir simultaneamente a desconfiança de si mesmo e a confiança em Deus consiste em, antes de empreender qualquer boa ação ou enfrentar alguma falta, contemplar, de um lado, nossa própria fraqueza e, de outro, o infinito poder, a sabedoria e a bondade de Deus. Pesando aquilo que tememos de nós mesmos e aquilo que esperamos de Deus, enfrentaremos corajosamente as maiores dificuldades e as provas mais severas. Unindo essas armas à oração, como veremos mais adiante, seremos capazes de executar os maiores desígnios e alcançar vitórias decisivas.

Se, porém, negligenciarmos esse método, embora nos lisonjeemos de agir por um princípio de confiança em Deus, seremos ordinariamente enganados. A presunção é tão natural ao homem que, sem que ele o perceba, insinua-se na confiança que imagina ter em Deus e na desconfiança que julga ter de si mesmo. Por conseguinte, para destruir toda presunção e santificar cada ação, bem como as duas virtudes contrárias a esse vício, a consideração de nossa própria fraqueza deve preceder a consideração do Poder Divino, e ambas devem preceder todos os nossos empreendimentos.

Como descobrir se desconfiamos de nós mesmos e depositamos nossa confiança em Deus

O homem presunçoso está convencido de haver adquirido a desconfiança de si mesmo e a confiança em Deus, mas seu engano jamais se torna tão evidente como quando comete alguma falta. Se então se entrega à cólera e perde a esperança de avançar no caminho da virtude, fica claro que havia depositado a confiança em si mesmo, e não em Deus; e, quanto maiores forem sua ansiedade e seu abatimento, tanto mais evidente se torna esse defeito.

O homem que desconfia profundamente de si mesmo e deposita grande confiança em Deus não se surpreende quando comete uma falta. Não se abandona a um desespero confuso, mas atribui corretamente o ocorrido à própria fraqueza e à falta de confiança em Deus. Assim, aprende a desconfiar ainda mais de si mesmo e põe toda a esperança no auxílio do Todo-Poderoso. Detesta acima de todas as coisas o pecado em que caiu; condena a paixão ou o hábito culpável que ocasionou sua queda; e concebe profunda dor pela ofensa cometida contra Deus. Essa dor, porém, acompanhada de paz de espírito, não interrompe o caminho que havia traçado nem o impede de prosseguir no combate até a completa derrota de seus inimigos.

Desejaria sinceramente que estas considerações fossem examinadas com atenção por muitos que se julgam muito devotos e que, tão logo cometem uma falta, não conseguem recobrar a paz, mas correm apressadamente ao diretor espiritual, mais para se libertarem da aflição nascida do amor-próprio do que por qualquer outro motivo. Seu principal cuidado deveria ser purificar-se da culpa do pecado no Sacramento da Penitência e fortalecer-se com a Eucaristia contra uma nova queda.

Capítulo V

O erro de tomar a covardia por virtude

Muitos também se enganam de outra maneira: atribuem à virtude a covardia e a ansiedade que nascem do pecado. Embora essa fraqueza seja acompanhada de alguma tristeza, funda-se numa soberba oculta e na presunção das próprias forças. Assim, o homem que se julga muito adiantado na virtude contempla as tentações com excessiva indiferença e descobre, por dolorosa experiência, que está sujeito à fraqueza como os demais homens. Espanta-se com a própria queda e, vendo frustradas suas expectativas, mergulha na tristeza e no desespero.

Isso jamais acontece ao homem humilde, que não presume das próprias forças, mas deposita sua confiança somente em Deus. Quando comete uma falta, ela não lhe causa surpresa nem ansiedade, porque reconhece, à luz da verdade que o guia, que sua queda se deve à instabilidade e à fraqueza próprias de sua natureza.

Capítulo VI

Outros conselhos para adquirir a desconfiança de si mesmo e a confiança em Deus

Uma vez que toda a nossa força para vencer o inimigo procede da desconfiança de nós mesmos e da confiança em Deus, creio ser necessário acrescentar alguns conselhos muito importantes para a aquisição dessas virtudes.

Em primeiro lugar, cada pessoa deve estar convencida de que nem todas as capacidades naturais ou adquiridas, nem todos os dons sobrenaturais, nem o perfeito conhecimento das Escrituras, nem mesmo uma vida inteira passada no serviço do Criador podem torná-la capaz de cumprir a Vontade de Deus. Ela não poderá desempenhar o próprio dever se a mão do Todo-Poderoso não a sustentar todas as vezes que houver uma boa ação a praticar, uma tentação a vencer, um perigo a evitar ou uma cruz a carregar segundo a Vontade de Deus. Devemos conservar essa verdade diante dos olhos todos os dias, todas as horas e todos os instantes de nossa vida; assim perderemos toda presunção e jamais confiaremos temerariamente em nós mesmos.

Para adquirir inteira confiança em Deus, é preciso crer firmemente que Ele é tão perfeitamente capaz de vencer um grande número de inimigos quanto um número pequeno, os fortes e experientes tanto quanto os fracos e inexperientes. Por conseguinte, ainda que uma alma esteja oprimida pelo peso dos pecados, ainda que tenha trabalhado em vão para arrancar-se do vício e seguir a virtude, ainda que perceba aumentar diariamente sua inclinação ao mal em vez de vê-la diminuir em favor da virtude, nem por isso deve deixar de depositar sua confiança

em Deus; não deve desanimar nem abandonar os exercícios espirituais. Ao contrário, deve despertar para um novo fervor e redobrar os esforços contra o inimigo.

Nessa espécie de batalha, a vitória será alcançada por quem tiver a coragem de não depor as armas nem abandonar a confiança em Deus. Seu auxílio está sempre presente para aqueles que combatem em Sua causa, embora Ele às vezes permita que sejam feridos. Persevera até o fim, pois disso depende a vitória. Há um remédio rápido e eficaz para as feridas de todo aquele que combate pela causa de Deus e n'Ele deposita toda a sua confiança; quando menos o esperar, verá o inimigo prostrado a seus pés.

Capítulo VII

Do uso correto de nossas faculdades: o entendimento deve, antes de tudo, libertar-se da ignorância e da curiosidade

Se entrarmos no combate espiritual sem outras armas além da desconfiança de nós mesmos e da confiança em Deus, não somente deixaremos de alcançar a vitória sobre nossas paixões, mas devemos esperar cair frequentemente em erros ainda maiores. É necessário, portanto, empregar corretamente as faculdades do corpo e da alma, terceiro meio que apresentamos como indispensável para alcançar a perfeição.

Começemos por ordenar o entendimento e a vontade. O entendimento deve libertar-se de dois grandes defeitos que frequentemente o afligem. O primeiro é a ignorância, que o impede de alcançar a verdade, objeto próprio de suas investigações. O exercício torna-o límpido e luminoso, a fim de que possa discernir claramente como purificar a alma de todos os apegos desordenados e adorná-la com as virtudes necessárias. Os meios para consegui-lo são os seguintes.

O primeiro meio é a oração, pela qual se pede a luz do Espírito Santo, que jamais rejeita aqueles que procuram sinceramente a Deus, encontram alegria em obedecer à Sua lei e, em todas as decisões, submetem o próprio juízo ao de seus superiores.

O segundo é a aplicação perseverante ao exame sério e diligente de cada objeto, para distinguir o bem do mal. O juízo assim formado não deve conformar-se às aparências exteriores, ao testemunho dos sentidos ou às normas de um mundo corrompido, mas ao juízo do Espírito Santo.

Então veremos claramente que tudo quanto o mundo busca com tanto ardor e afeição não passa de vaidade e ilusão; que a ambição e o prazer são sonhos que, uma vez desfeitos, deixam após si tristeza e remorso; que a ignomínia pode ser ocasião de glória e os sofrimentos, fonte de alegria; e que nada é mais nobre nem mais próximo da natureza divina do que perdoar aqueles que nos ofendem e retribuir o mal com o bem.

Veremos com clareza que é maior desprezar o mundo do que tê-lo sob nosso domínio; que é infinitamente preferível submeter-se ao mais humilde dos homens por amor de Deus a dar ordens a reis e príncipes; que o humilde conhecimento de nós mesmos supera as ciências mais profundas; enfim, que merece maior louvor aquele que domina sua paixão nas ocasiões mais insignificantes do que aquele que conquista as cidades mais fortificadas, derrota exércitos inteiros, realiza milagres ou até ressuscita os mortos.

Capítulo VIII

Um obstáculo à formação de um juízo correto e o meio de superá-lo

Toda dificuldade em formar um juízo correto sobre as coisas que acabamos de mencionar, bem como sobre muitas outras, nasce de uma noção superficial de amor e ódio, isto é, da concepção precipitada que delas formamos à primeira vista. Como nossa razão sofre a influência de paixões cegas, tudo se apresenta sob uma luz muito diferente daquela em que deveria ser considerado. Portanto, quem deseja fortificar-se contra ilusão tão perigosa e comum deve conservar cuidadosamente o coração livre de todo afeto desordenado.

Quando um objeto se apresentar, deixa que o entendimento pondere seus méritos com madura reflexão antes de permitir que a vontade o abrace, se lhe parecer agradável, ou o rejeite, se lhe parecer contrário.

Enquanto o entendimento permanecer livre da influência das paixões, distinguirá facilmente a verdade da falsidade, o mal real disfarçado de bem e o verdadeiro bem encoberto pela falsa aparência do mal. Contudo, tão logo o objeto mova a vontade ao amor ou ao ódio, o entendimento já não poderá avaliá-lo com retidão, porque o afeto o disfarça e lhe imprime uma imagem incorreta. Quando essa imagem é novamente apresentada à vontade, já predisposta, ela redobra o amor ou o ódio, ultrapassa todos os limites e se torna inteiramente surda à voz da razão.

Nessa confusão desordenada, o entendimento mergulha cada vez mais profundamente no erro e apresenta o objeto à vontade com as cores mais vivas do bem ou do mal.

Por conseguinte, sempre que se despreza a regra anteriormente estabelecida, cuja importância é máxima neste caso, as duas mais nobres faculdades da alma se perdem numa rede de erro, trevas e confusão. Felizes aqueles que se despojam de todo apego às criaturas e procuram descobrir a verdadeira natureza das coisas antes de permitir que seus afetos se prendam a elas; que formulam os próprios juízos segundo os princípios da razão e, sobretudo, conforme as luzes sobrenaturais que o Espírito Santo comunica de boa vontade, seja diretamente, seja por intermédio daqueles a quem constituiu nossos guias.

Lembra-te, porém, de que este conselho deve ser observado com frequência ainda mais cuidadosamente nas coisas boas em si mesmas do que naquelas que não são inteiramente boas, porque nas primeiras há maior perigo de engano. Elas costumam despertar um entusiasmo mal compreendido. Portanto, nada faças precipitadamente, pois uma única circunstância de tempo ou lugar que passe despercebida pode arruinar tudo. Pode-se cometer uma falta grave no próprio modo de realizar uma obra, como aconteceu a muitos que prepararam a própria ruína mediante a prática dos exercícios mais santos.

Capítulo IX

Outro meio de impedir que o entendimento seja enganado

A curiosidade é outro vício do qual a mente deve libertar-se. Se nos entregarmos a pensamentos vãos, frívolos ou pecaminosos, nosso entendimento se tornará incapaz de escolher a mortificação adequada para os afetos desordenados.

Devemos morrer, por um completo desapego, para todas as coisas terrenas que não sejam absolutamente necessárias, ainda que não sejam más em si mesmas. É preciso dominar a mente e não lhe permitir que vagueie sem propósito; ela deve tornar-se insensível aos projetos mundanos, às conversas ociosas e à busca febril por novidades, e nosso desapego dos negócios deste mundo deve fazê-los parecer semelhantes a um sonho.

O mesmo vale para as coisas do Céu: devemos proceder com discricção e humildade. Nossa maior ambição há de ser conservar sempre diante dos olhos Cristo Crucificado, Sua vida e Sua morte, bem como aquilo que Ele exige de nós.

Não procures nada além disso, e agradecerás ao Divino Mestre. Seus verdadeiros amigos pedem somente aquilo que os habilita a cumprir as missões recebidas d'Ele; qualquer outro desejo e qualquer outra busca não passam de amor-próprio, soberba espiritual e laço armado pelo demônio.

Uma conduta assim disciplinada encontra-se bem fortificada contra os ataques do demônio. Quando esse adversário hábil percebe o fervor daqueles que começam os exercícios espirituais e a resolução firme de suas vontades, insinua suas sutilezas no entendimento deles; se

consegue abrir uma brecha nessa faculdade, força então passagem até a vontade e se torna senhor de ambas.

Como estratagemas, exalta-lhes a imaginação durante a oração, sugerindo sentimentos elevados. Age especialmente sobre os que são curiosos e perspicazes por natureza, inclinados à presunção e apaixonados pelas próprias ideias. Seu objetivo, naturalmente, é entretê-los com fantasias ociosas e com o prazer sensível que elas proporcionam, para que, entorpecidos por uma falsa impressão de conhecerem e apreciarem a Deus, se esqueçam de purificar o coração, examinar a si mesmos e praticar a mortificação. Desse modo, inflam-se de soberba e fazem do próprio entendimento um ídolo.

Acostumados a não consultar ninguém além de si mesmos, acabam persuadidos de que já não necessitam do conselho nem do auxílio dos outros.

Trata-se de uma enfermidade mortal e quase incurável. É muito mais difícil remediar a soberba do entendimento do que a do coração, pois, tão logo esta última é descoberta pela inteligência, pode ser removida por uma submissão voluntária às autoridades legítimas; mas, se uma pessoa imagina e persiste em sustentar que é mais sábia do que seus superiores, como se desfará seu engano?

Como descobrirá o próprio erro? Ao juízo de quem se submeterá enquanto se considerar mais sábia do que todo o restante do mundo?

Se o entendimento, lâmpada da alma e única faculdade capaz de descobrir e corrigir a vaidade do coração, encontra-se ele mesmo cego e inchado de soberba, quem poderá curá-lo?

Se a luz se transforma em trevas e o guia se torna traidor, que sucederá ao restante?

Guarda-te, portanto, de assalto tão funesto e jamais permitas que ele se apodere de tua mente.

Devemos exercitar-nos em conformar nosso juízo ao dos outros. Sem elevar excessivamente nossas ideias sobre a vida espiritual, aprendamos a amar a loucura e a simplicidade tão vivamente recomendadas pelo Apóstolo; então superaremos em sabedoria o próprio Salomão.

Capítulo X

Do exercício da vontade e do fim ao qual devem dirigir-se todas as nossas ações interiores e exteriores

Falamos da necessidade de ordenar o entendimento; é igualmente necessário dominar a vontade, para que ela não seja abandonada às próprias inclinações, mas se conforme inteiramente à Vontade de Deus.

Deve-se observar que não basta desejar, nem mesmo executar, aquilo que mais agrada a Deus. É também necessário desejá-lo e praticá-lo sob o influxo de Sua graça e por uma disposição sincera de agradar-Lhe.

É aqui que se trava a luta mais árdua contra nossa natureza, constantemente sedenta do próprio prazer. Até mesmo nas mais elevadas empresas espirituais, ela busca a própria satisfação e ali se instala sem o menor escrúpulo, porque nenhum mal aparente se apresenta. O resultado é que começamos as práticas religiosas não pelo motivo único de cumprir a Vontade de Deus, mas pelo prazer sensível que frequentemente as acompanha.

A ilusão se torna ainda mais sutil quanto mais louvável é, em si mesmo, o objeto de nosso afeto. Quem poderia imaginar que o amor-próprio, por mais culpável que seja, nos levasse a procurar a união com Deus? Ou que, em nosso desejo de possuí-Lo, buscássemos nossos próprios interesses mais do que Sua glória e o cumprimento de Sua Vontade, que deveriam constituir o único motivo daqueles que O amam, O procuram e professam guardar Suas leis?

Se desejamos evitar obstáculo tão perigoso, devemos habituar-nos a nada desejar ou executar senão sob o impulso do Espírito Santo e com a intenção pura de honrar Aquele que deseja ser não somente o

primeiro Princípio, mas também o último Fim de cada uma de nossas palavras e ações. Para isso, observemos o método seguinte.

Tão logo se apresente uma ocasião de praticar uma boa ação, devemos impedir que o coração se lance sobre ela antes de havermos considerado a Deus. Isso nos permitirá saber se a ação está de acordo com Sua Vontade e se a desejamos unicamente porque Lhe agrada.

Quando nossa vontade é assim governada e dirigida pela Vontade de Deus, move-a somente o desejo de conformar-se inteiramente a Ele e promover Sua glória. O mesmo método deve ser seguido para rejeitar tudo quanto é contrário à Sua Vontade: o primeiro movimento consiste em elevar a mente a Deus, para reconhecer o que Lhe desagrade, e então encontrar satisfação em rejeitá-lo para nos conformarmos à Sua santa Vontade.

Devemos recordar que é extremamente difícil descobrir os enganos de nossa natureza decaída. Ela gosta sempre de se constituir, por motivos muito duvidosos, no centro de todas as coisas; lisonjeia-nos, persuadindo-nos de que, em todas as ações, nosso único motivo é agradar a Deus. Assim, aquilo que aceitamos ou rejeitamos é, na realidade, feito para agradar a nós mesmos, enquanto imaginamos erroneamente agir pelo desejo de agradar ao soberano Senhor ou pelo temor de desagradá-Lo.

O remédio mais eficaz contra esse mal é a pureza de coração. Todo aquele que participa do combate espiritual deve armar-se dela, despojando-se do homem velho e revestindo-se do novo. Esse remédio se aplica da seguinte maneira: em tudo quanto empreendemos, buscamos ou rejeitamos, despojamo-nos de toda consideração humana e fazemos somente aquilo que está conforme à Vontade de Deus.

Pode acontecer que, em muitas coisas que fazemos, especialmente nos movimentos interiores do coração ou nas ações exteriores que passam com rapidez, nem sempre tenhamos consciência atual da influência desse motivo. Devemos, porém, estar ao menos de tal modo dispostos que, virtual e habitualmente, ajamos com o propósito de agradar a Deus.

Nas atividades mais prolongadas, essa intenção virtual não é suficiente; deve ser renovada com frequência e conduzida à sua plena pureza e fervor. Sem isso, corremos grande risco de ser enganados pelo amor-próprio, que sempre prefere a criatura ao Criador e nos ilude de tal maneira que, em pouco tempo, somos imperceptivelmente afasta-

dos de nossa intenção primeira. As pessoas bem-intencionadas, mas vulneráveis, geralmente começam sem outro propósito que não seja agradar a Deus; pouco a pouco, porém, deixam-se seduzir pela vaidade sem o perceber. Esquecem-se da Vontade Divina que inicialmente as movia e ficam inteiramente absorvidas pela satisfação que suas ações lhes proporcionam, bem como pelas vantagens e recompensas que delas esperam. Se, enquanto julgam realizar grandes coisas, a Providência permite que sejam interrompidas por uma enfermidade ou algum acidente, tornam-se imediatamente descontentes, censuram todos ao seu redor e, por vezes, até o próprio Deus. Isso demonstra com clareza que era defeituoso o motivo que movia e sustentava suas ações.

Quem age sob o influxo da graça divina e somente para agradar a Deus permanece indiferente quanto ao caminho pelo qual deverá agir. Se sente inclinação por alguma atividade particular, submete inteiramente à Providência o modo e o tempo de realizá-la; aceita com perfeita resignação qualquer resultado de seus empreendimentos, e seu coração nada deseja além do cumprimento da Vontade Divina.

Examine-se, portanto, cada pessoa e dirija todas as suas ações para esse fim excelentíssimo e nobilíssimo. Se descobrir que pratica uma obra de piedade para evitar o castigo ou alcançar as recompensas da vida futura, estabeleça como fim de seu empreendimento a Vontade de Deus, que exige de nós que evitemos o inferno e alcancemos o Céu.

Não está ao alcance do homem compreender a eficácia desse motivo. A menor ação, por mais insignificante que seja, quando praticada por amor de Deus, supera imensamente outras ações que, embora de maior importância, são realizadas por motivos diferentes.

Assim, uma pequena esmola dada somente em honra de Deus Lhe é infinitamente mais agradável do que o abandono de grandes riquezas por algum outro motivo, ainda que este seja o desejo de alcançar o Reino dos Céus, motivo em si mesmo muito louvável e digno de nossa consideração.

A prática de realizar todas as ações somente com a intenção de agradar a Deus talvez seja difícil no princípio; com o passar do tempo, porém, tornar-se-á familiar e até deleitosa, se nos esforçarmos por encontrar a Deus com toda a sinceridade do coração e se continuamente aspirarmos a Ele, único e sumo Bem, digno de ser buscado, estimado e amado por todas as Suas criaturas. Quanto mais atentamente con-

templarmos a grandeza e a bondade de Deus, tanto mais frequente e ternamente nossos afetos se voltarão para esse Objeto Divino; desse modo, adquiriremos com maior rapidez e facilidade o hábito de dirigir todas as ações para Sua glória.

Por fim, há ainda um último meio de agir em plena conformidade com esse motivo tão excelente e elevado: suplicar fervorosamente a graça a nosso Senhor e considerar com frequência os infinitos benefícios que Ele já nos concedeu e continua a conceder a cada instante, movido por um amor gratuito e desinteressado.

Capítulo XI

Algumas considerações que inclinarão a vontade a buscar somente aquilo que agrada a Deus

Para inclinar nossa vontade a cumprir com exatidão a Vontade de Deus e promover Sua glória, recordemos que Ele mesmo nos deu o exemplo, amando-nos e honrando-nos de mil maneiras diferentes. Criou-nos do nada à Sua imagem e submeteu todas as outras coisas ao nosso uso.

Em nossa Redenção, não escolheu o mais resplandecente dos Anjos, mas o Seu Filho único, que pagou o preço do mundo não com ouro ou prata perecíveis, mas com Seu Sangue Sagrado e por uma morte tão cruel quanto ignominiosa.

Ele nos guarda continuamente do furor de nossos inimigos, combate por nós com Sua graça e, para nos alimentar e fortalecer, está sempre pronto a dar-nos o Corpo Precioso de Seu Filho no Sacramento do Altar. Não são essas provas convincentes do imenso amor de Deus por nós? Quem pode compreender a grandeza de Seu amor por criaturas tão miseráveis? E qual não deveria ser nossa gratidão para com tão generoso Benfeitor!

Se os grandes do mundo julgam-se obrigados a retribuir o respeito que lhes é prestado até por pessoas inferiores em posição e riqueza, que retribuição não deveriam oferecer os próprios vermes da terra quando são honrados com tão extraordinário amor e estima pelo soberano Senhor do Universo?

Acima de tudo, jamais devemos esquecer que Sua Majestade é infinitamente digna de nosso serviço, um serviço movido por um único princípio de amor, cujo único objeto seja Sua Vontade e Seu desejo.

Da oposição existente na dupla natureza do homem

O homem possui uma dupla natureza, uma superior e outra inferior. A primeira é geralmente chamada razão; a segunda recebe os nomes de apetite, sensualidade ou paixão. A razão é a faculdade que distingue o homem, e ele não é considerado responsável pelos primeiros impulsos do apetite, a menos que sua faculdade superior confirme a escolha.

Por conseguinte, todo o combate espiritual consiste nisto: a faculdade racional encontra-se entre a Vontade Divina, acima dela, e o apetite sensível, abaixo dela, sendo solicitada por ambos os lados, pois Deus a move por Sua graça, enquanto a carne se esforça, por meio de seus apetites, para alcançar a vitória.

Torna-se evidente, então, que dificuldades quase inconcebíveis surgem quando pessoas que adquiriram hábitos viciosos durante a juventude resolvem mudar de vida, mortificar as paixões e romper com o mundo para se dedicarem ao serviço de Deus.

A vontade é solicitada com violência tanto pela graça divina quanto pelos próprios apetites sensuais e, qualquer que seja a direção para a qual se volte, não consegue resistir a esses ataques extenuantes senão com a maior dificuldade.

Esse conflito não é experimentado por aqueles que se encontram firmemente estabelecidos em seu modo de vida, seja na virtude, conformando-se à Vontade de Deus, seja no vício, entregando-se aos desejos sensuais.

Ninguém se iluda pensando que pode adquirir a virtude e servir a Deus como convém sem estar disposto a enfrentar uma luta violenta.

É preciso vencer a dificuldade que se experimenta ao privar-se dos prazeres, grandes ou pequenos, aos quais se permaneceu apegado de modo vicioso.

Daí resulta que pouquíssimos alcançam um grau elevado de perfeição. Depois de vencerem o vício predominante e de suportarem esforços imensos, perdem a coragem e deixam de perseguir seu objetivo, justamente quando restam apenas pequenas provas a superar, como subjugar os fracos resíduos da vontade própria e aniquilar algumas paixões menores que tornam a despertar e, por fim, recuperam inteiro domínio sobre seus corações.

Muitas pessoas desse gênero, por exemplo, não se apropriam dos bens alheios, mas são apaixonadamente apegadas aos próprios. Não recorrem a meios ilícitos para engrandecer-se, mas, em vez de desprezarem a elevação, gostam dela e a procuram por todos os meios que julgam legítimos. Observam os jejuns prescritos, mas, nos demais dias, entregam-se às iguarias mais requintadas. Cuidam escrupulosamente da castidade, mas recusam-se a abandonar seus divertimentos prediletos, embora estes constituam grandes obstáculos à vida espiritual e à verdadeira união com Deus. Como tais coisas são extremamente perigosas, sobretudo para aqueles que não reconhecem suas consequências nocivas, devem ser tratadas com grande cautela.

Sem esse cuidado, podemos estar certos de que a maior parte de nossas boas ações será acompanhada por preguiça, vaidade, respeito humano, imperfeições ocultas, presunção e desejo de receber a atenção e a aprovação dos outros.

Quem negligencia esse aspecto particular do combate não somente deixa de progredir no caminho da salvação, mas retrocede e corre o perigo de recair nos antigos hábitos viciosos. Não aspira à virtude sólida e permanece inconsciente do grande favor que Deus lhe fez ao libertá-lo do despotismo do demônio; ignora o perigo que o cerca e deixa-se encantar por uma paz falsa e enganadora.

É necessário apontar aqui uma ilusão que deve ser temida, pois não se descobre facilmente. Muitos dos que começam a vida espiritual amam excessivamente a si mesmos e escolhem certos exercícios que lhes são mais agradáveis, evitando tudo aquilo que contraria suas inclinações ou é próprio para mortificar suas paixões, contra as quais deveriam lançar todas as forças neste combate espiritual.

É preciso empregar todos os meios para que aprendam a encontrar alegria nas dificuldades que enfrentam ao vencer as próprias inclinações, pois disso depende tudo. Quanto maior for a resolução demonstrada ao superar os primeiros obstáculos, tanto mais rápida e brilhante será a vitória que os acompanhará. Enfrentem, portanto, essa guerra com coragem, sem esperar outra coisa além de sofrimentos, e aguardem pacientemente a vitória e sua recompensa; assim poderão ter a certeza de que não serão decepcionados.

Capítulo XIII

Como devemos enfrentar a sensualidade e o que a vontade deve fazer para adquirir hábitos virtuosos

Quando nosso Criador e a sensualidade disputam a posse de nosso coração, a vitória caberá ao partido do Céu se empregarmos as seguintes táticas.

1. Os primeiros impulsos do apetite sensível que se opõem à razão devem ser cuidadosamente contidos, para que a vontade não lhes dê seu consentimento.
2. Feito isso, podem ser novamente despertados, a fim de receberem uma derrota ainda mais vigorosa.
3. Pode-se submetê-los a uma terceira prova, para nos acostumarmos a repeli-los com um desprezo generoso. É necessário observar que esses métodos de despertar as paixões não devem ser empregados quando estiver em questão a castidade, assunto do qual falaremos mais adiante.
4. Por fim, é de extrema importância praticar atos das virtudes opostas às inclinações viciosas que encontramos. O exemplo seguinte tornará isso perfeitamente claro.

Suponhamos que estejas sujeito à impaciência. Recolhe-te e examina o que se passa em tua mente; perceberás que a perturbação surgida primeiro no apetite inferior tenta dominar a vontade e as faculdades superiores.

Aqui, como já mencionei, deves detê-la e impedi-la de prevalecer sobre a vontade. Não abandones o campo até que teu inimigo esteja completamente vencido e reduzido à devida sujeição à razão.

Observa, porém, a astúcia do tentador. Se percebe que vences corajosamente uma paixão impetuosa, ele não apenas deixa de acendê-la em teu coração, mas chega até a sufocar por algum tempo o fogo já iniciado. Seu desígnio é impedir que adquiras a virtude contrária por meio de uma resistência constante e encher-te da vaidade de te julgares um grande soldado por haver derrotado o inimigo em tão pouco tempo.

Deves, então, renovar o combate. Traz novamente à memória aquilo que primeiro te moveu à impaciência e, quando reconheceres que a mesma emoção se levanta no apetite inferior, mobiliza toda a força da vontade para reprimi-la.

Acontece frequentemente que, mesmo depois dos mais árduos confrontos com o inimigo, empreendidos pelo desejo de cumprir nosso dever e agradar a Deus, ainda não estamos inteiramente livres do perigo de sermos vencidos por um terceiro ataque. Devemos combater mais uma vez a paixão contra a qual lutamos e despertar em nós não apenas o ódio, mas também o desprezo e o horror por ela.

Em suma, se desejas revestir tua alma de virtude e adquirir uma santidade habitual, é necessário praticar com frequência os atos da virtude contrária às tuas inclinações viciosas.

Por exemplo, se desejas adquirir um alto grau de paciência, não deves julgar suficiente empregar as três espécies de armas já mencionadas para vencer toda a impaciência causada pelo desprezo que recebes dos outros. Deves avançar até chegar a amar o próprio desprezo, desejar que se repita, inclusive por parte das mesmas pessoas, e resolver-te a suportar pacientemente injúrias ainda maiores.

A razão pela qual devemos praticar atos diretamente contrários às nossas faltas, se desejamos alcançar a perfeição, é esta: os demais atos de virtude, por mais eficazes e frequentes que sejam, não atingem diretamente a raiz do mal.

Continuando o mesmo exemplo, embora não consintas nos impulsos de ira e os combatas pelos meios descritos, podes ter por certo que, se não te acostumares a acolher com alegria o desprezo, jamais arrancarás inteiramente o vício da impaciência, pois ele brota do medo de ser desprezado e do apego aos louvores dos homens.

Enquanto a raiz dessa erva daninha não for arrancada, ela tornará a brotar e tua virtude perecerá. Com o tempo, poderás descobrir-te despojado dos bons hábitos e em contínuo perigo de recair nas antigas desordens. Nunca esperes adquirir uma virtude sólida sem destruir tuas faltas particulares mediante a prática frequente de atos diretamente contrários a elas.

Digo que esses atos devem ser frequentes porque são necessários muitos atos para formar um hábito virtuoso, assim como muitos pecados confirmam o homem em um hábito vicioso. Na verdade, para formar o primeiro, é preciso praticar um número ainda maior de atos, porque nossa natureza enfraquecida resiste à virtude com a mesma intensidade com que favorece o vício.

Observarás também que certas virtudes não podem ser adquiridas sem a prática de atos exteriores correspondentes às disposições interiores. É o que acontece com a paciência: não debes apenas falar com grande caridade e mansidão àqueles que te ofenderam, por maior que tenha sido a injúria, mas também auxiliá-los até o limite de tuas possibilidades.

Embora esses atos, exteriores ou interiores, possam parecer insignificantes e até causar-te grande repugnância, não os omitas. Por menores que pareçam, certamente te sustentarão na luta e contribuirão muito para tua vitória.

Vigia, portanto, tua mente e não te contentes em conter os movimentos mais violentos das paixões; resiste também aos menores, pois estes geralmente conduzem aos maiores e preparam o caminho para hábitos profundamente viciosos.

Não nos ensina a experiência que muitos, por negligenciarem a mortificação das paixões nas coisas pequenas, embora demonstrem coragem em provações heroicas, acabam inesperadamente presos e atacados com violência por inimigos que jamais haviam sido inteiramente destruídos?

Há ainda outro conselho que te recomendo com toda a sinceridade: mortifica tuas inclinações mesmo quando o objeto for lícito em si mesmo, mas não necessário. Isso facilitará a vitória em outras ocasiões, dar-te-á experiência e força contra as tentações e tornar-te-á agradável ao Salvador.

Este conselho é sincero; não deixes de te aplicar às práticas mencionadas, pois elas são absolutamente necessárias à perfeita formação

de tua alma. Em pouco tempo alcançarás uma grande vitória sobre ti mesmo, avançarás rapidamente no caminho da virtude e tua vida se tornará espiritual não apenas na aparência, mas na realidade.

Se, ao contrário, seguires outros métodos, por mais excelentes que os consideres, ainda que experimentes os maiores deleites espirituais e imagines estar intimamente unido a Deus, podes ter por certo que jamais adquirirás uma virtude sólida nem conhecerás a verdadeira vida espiritual. Esta, como se demonstrou no primeiro capítulo, não consiste nos atos agradáveis e prazerosos à nossa natureza, mas naqueles que a crucificam juntamente com todas as suas inclinações desordenadas.

Desse modo, o homem renovado pelas virtudes adquiridas une-se inteiramente ao Criador e Salvador Crucificado. É certo que os hábitos viciosos se contraem por muitos atos da vontade que cede aos apetites sensíveis; da mesma forma, a perfeição evangélica é alcançada pela repetição dos atos com que a vontade se conforma à Vontade de Deus, que a move a praticar diferentes virtudes em diferentes ocasiões.

A vontade não incorre em culpa se não consente no ato, ainda que toda a força do apetite inferior a impulsione para um fim culpável. Por outro lado, a vontade não pode ser santificada e unida a Deus, por mais intensa que seja a graça que a atrai, se não cooperar com essa graça por meio de atos interiores e, quando necessário, também por atos exteriores.

O que fazer quando a vontade parece vencida e incapaz de resistir aos apetites sensuais

Se alguma vez temeres que tua vontade sucumba diante do apetite inferior ou de outros inimigos que procuram vencê-la, e se perceberes que tua coragem e determinação começam a falhar, conserva tua posição e não abandones o campo. Enquanto não estiveres inteiramente vencido, debes considerar a vitória como tua.

Assim como a vontade não precisa do consentimento do apetite inferior para fazer sua escolha, também a liberdade da vontade permanece intacta apesar de toda violência que esse inimigo interior possa empregar. O Todo-Poderoso concedeu-nos domínio absoluto sobre ela; ainda que todos os sentidos, os espíritos malignos e o universo criado inteiro se unissem contra nós, não poderiam diminuir a liberdade da vontade para agir sempre, do modo e para o fim que ela escolher.

Se, por vezes, as tentações te oprimirem com tanta força que tua vontade, quase vencida, pareça já não possuir energia suficiente para resistir, não desanimes nem deponhas as armas. Defende-te e clama: “Jamais me renderei a ti! Não me submeterei a ti!” Procede como alguém que, lutando contra um inimigo obstinado e não conseguindo feri-lo com a ponta da espada, golpeia-o com o punho; observa como procura libertar-se, recuar para investir com maior força e matar o adversário com um único golpe decisivo.

Isso te ensina a retirar-te frequentemente para dentro de ti mesmo. Recorda teu nada e tua incapacidade de realizar qualquer coisa; então depositarás grande confiança no poder onipotente de Deus e, por Sua graça, poderás atacar e vencer as paixões que se levantam contra ti. É nesse momento que debes implorar: “Meu Senhor e meu Deus! Jesus!

Maria! Não abandoneis vosso soldado! Não permitais que eu seja vencido por esta tentação!”

Sempre que o inimigo te conceder algum alívio, convoca o entendimento para reforçar a vontade e fortalece-a com motivos capazes de elevar sua coragem e dar-lhe nova vida para o combate.

Por exemplo, se fores injustamente acusado ou prejudicado de algum outro modo e, em desespero, te sentires tentado a perder toda a paciência, procura conter-te refletindo sobre os pontos seguintes.

1. Considera se talvez não mereças o desgosto que estás sofrendo e se não o atraíste sobre ti mesmo. Se tens alguma culpa, é justo que suportes pacientemente a dor da ferida que tu mesmo ocasionaste.
2. Se, porém, não fores culpado nesse caso, volta os olhos para alguma ofensa passada pela qual a Justiça Divina ainda não te tenha imposto castigo ou que não tenhas expiado suficientemente por uma penitência voluntária. Quando reconheceres que Deus, em Sua infinita misericórdia, decretou para ti somente uma pena leve e passageira nesta vida, em vez de um longo castigo no Purgatório ou até de uma pena eterna no inferno, aceita-a não apenas com resignação, mas com alegre ação de graças.
3. Ainda que penses, sem razão, serem poucas as tuas faltas e muito numerosas as tuas penitências, recorda que o caminho do Céu é estreito e cheio de obstáculos.
4. Mesmo que pudesses encontrar outro caminho, um amor ardente deveria impedir-te de considerá-lo, pois o Filho de Deus e, depois d’Ele, todos os Santos não seguiram outro senão a vereda espinhosa da Cruz.
5. O que deves conservar presente nesta e em todas as outras ocasiões é a Vontade de Deus. Ele te ama com tanta ternura que Se compraz em cada ato heroico de virtude que praticas, correspondendo com fidelidade e coragem ao Seu imenso amor. Recorda também que, quanto mais injustamente sofreres e, por conseguinte, quanto mais dolorosa for tua aflição, maior será teu mérito aos olhos de Deus, pois, no meio do sofrimento, adoras Seus juízos e te submetes voluntariamente à Sua Divina Providência, que extrai o bem do maior mal e faz a malícia de nossos inimigos servir à nossa felicidade eterna.

Outros conselhos para combater com destreza, os inimigos que devemos enfrentar e a coragem necessária para o combate

Já viste a conduta que deve ser observada para alcançar a vitória sobre ti mesmo e adquirir as virtudes necessárias. Para consegui-lo com maior facilidade e rapidez, não devemos contentar-nos em demonstrar coragem uma única vez; é necessário regressar tantas vezes ao combate, sobretudo contra o amor-próprio, que acabemos considerando amigos todos aqueles de quem recebemos as injúrias mais cruéis e mortificantes. Quando se evita essa espécie de luta, acontece frequentemente que as vitórias se tornam mais difíceis, muito imperfeitas, menos frequentes e logo se perdem.

Combate, portanto, com grande determinação e não tomes a fraqueza de tua natureza como desculpa. Se te faltarem forças, pede a Deus que te dê mais, e Ele não recusará teu pedido. Considera o seguinte: se é grande o furor de teus inimigos e esmagador o seu número, infinitamente maior é o amor que Deus tem por ti; o Anjo que te protege e os Santos que intercedem por ti são mais numerosos.

Por meio dessas considerações, muitas mulheres confundiram a sabedoria do mundo, venceram os atrativos da carne e triunfaram sobre a malícia do demônio.

Não percas a coragem, portanto, ainda que julgues difícil suportar os ataques de tantos inimigos, que esta guerra se prolongará por toda a tua vida e que uma ruína inevitável te ameaça por todos os lados. Recorda, porém, que nem o poder nem a astúcia de teus inimigos podem ferir-te sem a permissão d'Aquele por cuja honra combates. Ele

Se compraz nessa espécie de batalha e, quanto possível, encoraja todos a tomarem parte nela; mas está tão longe de permitir que teus inimigos realizem seus perversos desígnios que Ele mesmo combaterá ao teu lado e, cedo ou tarde, coroará teus esforços com a vitória, ainda que a batalha só termine juntamente com tua vida.

Tudo quanto Ele te pede é que te defendas corajosamente e que, apesar das feridas que possas receber, jamais deponhas as armas nem abandones o campo de batalha.

Não podes fugir ao teu dever. Esta guerra é inevitável, e deves combater ou morrer; a obstinação de teus inimigos é tão feroz que qualquer paz ou acordo com eles se torna absolutamente impossível.

Capítulo XVI

O soldado de Cristo deve preparar-se desde cedo para a batalha

A primeira coisa a fazer quando despertares é abrir as janelas de tua alma. Considera-te no campo de batalha, diante do inimigo e sujeito a uma lei inexorável: combater ou morrer.

Imagina diante de ti o inimigo, isto é, aquele vício particular ou aquela paixão desordenada que procuras vencer, e pensa que esse adversário hediondo está prestes a subjugar-te. Ao mesmo tempo, contempla à tua direita Jesus Cristo, teu Chefe invencível, acompanhado pela Santíssima Virgem, por São José, por companhias inteiras de Anjos e Santos e, de modo particular, pelo glorioso Arcanjo São Miguel. À tua esquerda estão Lúcifer e suas tropas, preparados para sustentar a paixão ou o vício contra o qual combates e resolvidos a tudo fazer para causar tua derrota.

Imagina teu Anjo da Guarda exortando-te desta maneira: “Hoje deves combater para vencer teu inimigo e todos aqueles que procuram arruinar-te. Tem coragem, não temas nem sejas covarde. Cristo, teu Capitão, está aqui com todo o poder do Céu para te proteger dos inimigos e cuidar para que jamais te vençam, seja pela força, seja pela astúcia. Conserva tua posição e faz violência a ti mesmo, por mais doloroso que isso seja. Clama pelo auxílio de Jesus e Maria e de todos os Santos; se o fizeres, alcançarás a vitória.”

Não importa quão fraco sejas nem quão forte pareça o inimigo, seja pelo número, seja pelo poder. Não desanimes, pois o auxílio que recebes do Céu é mais poderoso do que tudo quanto o inferno possa enviar para destruir a graça de Deus em tua alma. Deus, Criador e

Redentor, é onipotente e deseja tua salvação mais intensamente do que o demônio pode desejar tua ruína.

Combate, portanto, com coragem e não deixes de mortificar-te. A guerra contínua contra tuas inclinações desordenadas e teus hábitos viciosos alcançará a vitória, conquistará o Reino dos Céus e unirá tua alma a Deus para sempre.

Começa imediatamente a combater em nome do Senhor, armado da desconfiança de ti mesmo, da confiança em Deus, da oração e do uso correto das faculdades da alma. Com essas armas, ataca o inimigo, isto é, a paixão predominante que desejás vencer, seja por uma resistência corajosa, seja por atos repetidos da virtude contrária ou por qualquer outro meio que o Céu te conceda para expulsá-la de teu coração. Não descanses até que esteja vencida. Tua perseverança será recompensada pelo Supremo Juiz, que, juntamente com toda a Igreja Triunfante, contempla tua conduta.

É preciso repetir: não debes cansar-te desta guerra. Todos têm o dever de servir e agradar a Deus, e é impossível evitar esse combate. Quem foge se expõe a ser ferido e até destruído. Revoltar-se contra Deus e entregar-se com o mundo a uma vida de sensualidade não diminui as dificuldades, porque tanto o corpo quanto a alma sofrem gravemente quando se abandonam ao luxo e à ambição.

É muito cego aquele que não procura evitar os numerosos sofrimentos desta vida, seguidos de uma agonia sem fim na outra, e contudo foge de pequenas dificuldades que logo terminarão numa eternidade de felicidade e no gozo interminável de Deus.

Capítulo XVII

Do método para combater as paixões e os vícios

É muito importante conhecer o procedimento que se deve seguir no combate contra as paixões e os vícios, para que não corras às cegas e te limites a golpear o ar, como fazem tantos que assim perdem todo o fruto de seus trabalhos.

Deves começar pelo recolhimento, a fim de conhecer os pensamentos e desejos que habitualmente ocupam tua mente. É necessário reconhecer tua paixão dominante e distingui-la como teu maior inimigo, o primeiro a ser atacado.

Se, porém, o inimigo realizar um movimento de distração e te atacar em outro ponto, debes dirigir-te ao lugar mais ameaçado e, depois, regressar imediatamente à posição principal.

Como refrear os impulsos repentinos das paixões

Se ainda não és capaz de suportar pacientemente as ofensas, os insultos e as demais perturbações desta vida, debes fortalecer-te para essa tarefa pela previsão e pela preparação com que os receberás.

Depois de reconhecer a natureza da paixão que mais te aflige, considera com que espécie de pessoas terás de conviver e quais lugares costumas frequentar. Por essas circunstâncias, poderás descobrir quais perturbações provavelmente ocorrerão.

Se, apesar disso, suceder algum acontecimento imprevisto, embora seja imensa a vantagem de jamais nos encontrarmos despreparados para qualquer mortificação ou adversidade, indicarei um meio de aliviá-lo consideravelmente.

No instante em que perceberes que alguma circunstância inesperada e dolorosa te atingiu, põe-te em guarda e não percas o domínio de ti mesmo. Eleva a mente a Deus e considera o acontecimento como uma prova vinda do Céu; reflete que o próprio Deus, como Pai cheio de mansidão, permite isso somente para que possas purificar-te ainda mais e unir-te mais estreitamente a Ele. Deus Se compraz infinitamente quando te vê suportar com alegria, por amor a Ele, as maiores provações.

Volta então os pensamentos para ti mesmo e censura tua falta de coragem: “Covarde! Por que foges de uma cruz que não foi colocada sobre ti por um homem qualquer, mas por teu Pai que está nos Céus?” Em seguida, voltando-te para a cruz, aceita-a não somente com submissão, mas com alegria, dizendo: “Ó Cruz, preparada para mim desde

o princípio pela Divina Providência; Cruz que o amor de meu Jesus Crucificado me torna mais doce do que os maiores prazeres sensuais, recebe-me sobre ti, para que eu me una Àquele que Se tornou meu Redentor ao morrer em teus braços.”

Se descobrires que foste tão profundamente abalado que já não és capaz de elevar a mente a Deus e que até tua vontade foi atingida, detém o mal nesse ponto. Não importa a agitação que se tenha levantado em teu coração; nada poupes para vencê-la e suplica com grande fervor o auxílio do Céu.

Naturalmente, o meio mais seguro de conter os primeiros impulsos dos desejos desordenados é procurar eliminar de antemão sua causa. Por exemplo, se percebes que um apego excessivo a determinada coisa te faz irar sempre que tuas inclinações são contrariadas, rompe esse apego e gozarás de perfeita paz.

Se a inquietação que sentes não procede do apego a algum prazer, mas da aversão a uma pessoa que te parece desagradável em tudo quanto faz, o melhor remédio para essa enfermidade é esforçar-te por amar essa pessoa apesar da antipatia que sentes. Faze-o não somente porque ela foi criada, como tu, à imagem de Deus e redimida pelo mesmo Sangue Precioso de Cristo, mas também porque, suportando pacientemente certos defeitos, imitas teu Pai Celeste, cujo amor e bondade se estendem a todos sem exceção.

Capítulo XIX

Como devemos combater a impureza

Para enfrentar esse vício, devemos empregar táticas especiais e uma resolução ainda maior. Para fazê-lo, é necessário distinguir três fases do combate: a primeira precede a tentação; a segunda ocorre durante a tentação; e a terceira vem depois dela.

1. Antes da tentação

Devemos evitar todas as pessoas e ocasiões que possam expor-nos ao pecado. Se for necessário falar com tais pessoas, façamo-lo com a maior brevidade possível, tratando apenas de assuntos sérios e guardando a modéstia e a gravidade correspondentes. Não devemos permitir que a conversa se torne familiar ou frívola.

Não presumas de tuas próprias forças pelo fato de teres permanecido firme contra o ímpeto da concupiscência durante muitos anos vividos no mundo, pois a luxúria frequentemente realiza em um só instante aquilo que anos inteiros não puderam produzir. Às vezes, ela faz longos preparativos para o assalto; então a ferida é tanto mais perigosa quanto mais inesperadamente chega e quanto melhor está disfarçada.

Também é preciso observar, como a experiência diária comprova, que o perigo é sempre maior nas ocasiões em que existe menor aparência de mal. Nesses casos, ele se apoia nos pretextos plausíveis da amizade, da gratidão, do dever ou do mérito e da virtude das pessoas envolvidas. Por meio de visitas frequentes, conversas prolongadas e familiaridades indiscretas, inclinações impuras insinuam-se imperceptivelmente em tais amizades, até que o veneno alcance o coração. A razão fica então tão cega que chega a tolerar olhares amorosos, expressões ternas e

liberdades jocosas nas conversas, de onde nascem tentações violentas e quase irresistíveis.

A. Sê cauteloso e foge, pois és mais vulnerável às ocasiões desse pecado do que a palha ao fogo. Não confies em tuas forças nem em alguma resolução que tenhas tomado de morrer antes que ofender a Deus. Apesar de tuas boas intenções, as conversas frequentes que despertam a paixão acenderão uma chama que já não poderás extinguir. O desejo impetuoso de satisfazer as paixões te tornará surdo às advertências dos amigos; perderás o temor de Deus e desprezarás a reputação e até a própria vida. Nem sequer o temor das chamas do inferno será capaz de dominar a fúria dos fogos sensuais acesos em teu coração. Procura, portanto, a segurança na fuga, pois não há outro caminho para escapar; a confiança excessiva terminará em ruína eterna.

B. Evita a ociosidade. Determina o que deves fazer e, em seguida, cumpre com exatidão os deveres próprios de teu estado de vida.

C. Obedece prontamente aos superiores e faz o que ordenarem. Mostra-te ainda mais alegre naquilo que mais te mortifica e contraria tuas inclinações.

D. Nunca julgues temerariamente os outros, sobretudo em matéria de impureza. Se alguém tiver a desventura de cair em semelhante desordem, ainda que o fato se torne público, não o trates com escárnio e desprezo; compadece-te antes de sua fraqueza e aproveita a ocasião para humilhar-te diante de Deus, reconhecendo que não és senão pó e cinza. Redobra tuas orações e evita com maior cuidado toda companhia perigosa, por mais insignificantes que pareçam os motivos para suspeitar dela. Se te permitires julgar severamente o próximo, Deus permitirá, para teu castigo e correção, que caias nas mesmas faltas pelas quais o condenaste, a fim de que, por meio dessa humilhação, descubras tua soberba e temeridade e possas encontrar o remédio conveniente para ambas.

Ainda que talvez evites esses pecados degradantes, tem por certo que, enquanto continuares a formar juízos temerários, permanecerás em grande perigo de ruína.

E. Se perceberes que teu coração está repleto de consolações e alegrias espirituais, guarda-te de uma secreta complacência em ti mesmo e de imaginar que já alcançaste a perfeição e que o inimigo não pode mais causar-te dano algum, simplesmente porque parece tratá-lo com

desprezo. Nesse ponto é necessária a maior cautela para impedir uma recaída.

2. Durante a tentação

Passemos ao exame do próprio tempo da tentação. Em primeiro lugar, devemos determinar se sua causa é exterior ou interior.

Por causa exterior entende-se a curiosidade indiscreta dos olhos ou dos ouvidos, que chega a ofender o pudor; a vaidade no modo de vestir; as amizades demasiadamente ternas; e as familiaridades imprudentes. A modéstia e a decência são os remédios próprios para esse mal, pois fecham os olhos e os ouvidos às coisas que perturbam a imaginação. O verdadeiro remédio, como já dissemos, é fugir de todas essas ocasiões de pecado.

As causas interiores procedem de um corpo tratado com excessiva indulgência ou de muitos pensamentos maus, nascidos de hábitos perversos ou das sugestões do demônio. Quando o corpo foi demasiadamente favorecido, deve ser mortificado por jejuns, disciplinas e outras austeridades, sempre reguladas, porém, pela discrição e pela obediência.

Qualquer que seja a origem dos pensamentos impuros, podemos expulsá-los mediante uma séria aplicação aos deveres próprios e por meio da oração e da meditação.

Tua oração deve ser feita da seguinte maneira. Quando perceberes que esses pensamentos se apresentam e procuram impressionar-te, recolhe-te e fala a Cristo Crucificado: “Doce Jesus, vinde em meu socorro, para que eu não caia vítima de meus inimigos.” Em certas ocasiões, podes abraçar um Crucifixo que represente o Salvador agonizante, beijar as marcas das Sagradas Chagas de Seus pés e dizer com grande confiança e afeto: “Ó Chagas adoráveis e três vezes santas, imprimi vossa imagem em meu coração, cheio de maldade, e preservai-me de consentir no pecado.”

Quanto à meditação, não sou da opinião de que, no momento em que a tentação se mostra mais violenta, devas considerar a natureza degradante e insaciável desses pecados para despertar ódio contra a impureza, nem refletir sobre o desgosto, o remorso e a angústia que os acompanham, ou sobre a perda da fortuna, da saúde, da vida e da honra. Tais considerações não são apropriadas à situação e, em vez de

nos libertarem do perigo, frequentemente apenas o aumentam, pois, se o entendimento procura expulsar os maus pensamentos, essas reflexões naturalmente os trazem de volta.

O melhor meio de nos libertarmos deles é afastar não somente os próprios pensamentos, mas também as reflexões diretamente contrárias. Ao tentarmos dissipá-los por meio de seus contrários, apenas renovamos as ideias impuras e, sem perceber, imprimimo-las ainda mais profundamente. Contenta-te com a meditação sobre a vida e a morte de nosso Salvador. Se, enquanto a realizas, os mesmos pensamentos retornarem e se tornarem ainda mais perturbadores do que antes, como pode acontecer, não desanimes nem abandones a meditação, e tampouco te esforces por expulsá-los. Ignora e despreza esses miseráveis enganos do demônio e persevera, com toda a atenção possível, na meditação sobre a morte de nosso Salvador. Nada pode ser mais eficaz para pôr o inimigo em fuga, por mais obstinadamente que ele resolva resistir.

Conclui a meditação com alguma oração semelhante a esta: “Ó meu Criador e Redentor, salvai-me de meus inimigos por vossa infinita bondade e pelos méritos de vossa dolorosa Paixão.” Recorda, porém, que ao dizê-la não deves pensar no vício particular do qual procuras libertar-te; a menor reflexão sobre ele pode ser perigosa. Acima de tudo, não percas tempo discutindo contigo mesmo sobre o quanto talvez tenhas cedido à tentação. Esse exame é uma invenção do inimigo, que, sob a aparência enganadora de um dever imaginário, procura renovar o ataque ou ao menos espera deixar alguma impressão por meio dos maus pensamentos que lançou em tua mente. Portanto, quando for evidente que consentiste no mal, basta dizer em poucas palavras ao diretor espiritual exatamente o que aconteceu; faz o que ele te aconselhar e não tornes a inquietar-te com o assunto.

Deves, contudo, ter o cuidado de não ocultar coisa alguma por vergonha ou por qualquer outro motivo. Se a humildade é necessária para vencer nossos inimigos comuns, é infinitamente mais necessária neste caso, porque esse vício é, em grande parte, justo castigo da soberba.

3. Depois da tentação

Depois de venceres a tentação, debes proceder do seguinte modo. Ainda que gozes de paz completa e te julgues seguro, evita com o maior cuidado todos os objetos capazes de conduzir à tentação; exclui-os inteiramente, inclusive de tua mente, ainda que pareçam virtuosos ou bons. Essas perversões são ilusões da natureza corrompida ou armadilhas preparadas pelo demônio, que se transformaria em Anjo de luz para arrastar-te consigo até as próprias trevas do inferno.

Como combater a preguiça

É da maior importância fazer guerra à preguiça. Esse vício não apenas impede nosso avanço no caminho da perfeição, mas também nos entrega aos inimigos de nossa salvação. Se desejas combatê-lo seriamente, começa por evitar toda curiosidade e os divertimentos vãos; desprende teus afetos das coisas mundanas e abandona todas as ocupações que não estejam de acordo com teu estado de vida.

Esforça-te assiduamente por corresponder às inspirações do Céu, executar as ordens dos superiores e fazer cada coisa no tempo e do modo convenientes. Não hesites sequer um instante para cumprir uma ordem. O primeiro adiamento provoca um segundo, este conduz a um terceiro e assim perdemos terreno, pois o temor do trabalho e o amor ao descanso crescem na proporção em que cedemos a eles. O trabalho torna-se tão desagradável que daí resulta uma hesitação entorpecida para começar a agir ou até o abandono completo da tarefa.

Depois de adquirido, é difícil livrar-se do hábito da preguiça, a menos que a vergonha dessa vida indolente nos desperte para maior diligência e aplicação. Além disso, a preguiça é um veneno que se espalha por todas as faculdades da alma; não infecta apenas a vontade, tornando-lhe odioso o trabalho, mas também o entendimento, cegando-o de tal maneira que as resoluções do preguiçoso geralmente não produzem efeito algum. Aquilo que deveria ser feito sem demora acaba negligenciado ou adiado para outra ocasião.

A mera rapidez de ação, contudo, não basta. As coisas devem ser feitas no tempo próprio e da maneira mais perfeita possível. Uma ação precipitada, realizada sem cuidado por sua execução correta e somente

para nos livrarmos do incômodo e recuperarmos a tranquilidade o quanto antes, não pode ser chamada diligente; é, antes, uma forma engenhosa e refinada de preguiça.

Essa desordem nasce da falta de consideração pelo grande valor de uma boa obra realizada no tempo devido e da maneira correta. Uma ação assim vence todos os obstáculos que a preguiça coloca diante daqueles que entram em batalha contra os próprios vícios.

Reflete frequentemente, portanto, que uma única aspiração, uma jaculatória, uma genuflexão ou o menor sinal de reverência à Majestade Divina vale mais do que todos os tesouros da terra. Todas as vezes que uma pessoa mortifica suas inclinações, os Anjos lhe apresentam uma coroa de glória como recompensa pela vitória alcançada sobre si mesma.

Ao contrário, Deus retira gradualmente Suas graças daqueles que as negligenciam e aumenta o fervor das almas diligentes, até introduzi-las, enfim, nas alegrias do Céu.

Talvez, no princípio, descubras que tuas forças são insuficientes para suportar todas as dificuldades e trabalhos que encontrarás no caminho da perfeição. Nesse caso, debes adquirir o hábito de escondê-los de ti mesmo, pois eles se revelarão muito menores do que os preguiçosos costumam imaginá-los.

Quando for necessário repetir muitas vezes determinado ato para adquirir uma virtude particular e continuar a fazê-lo durante vários dias, enfrentando inúmeros e poderosos inimigos, começa a praticá-lo como se poucos atos fossem suficientes e teu trabalho estivesse próximo do fim. Ataca um inimigo de cada vez, como se fosse o único a enfrentar, e confia que, com a graça de Deus, vencerás todos. Desse modo, triunfarás sobre a preguiça e adquirirás a virtude contrária.

Emprega o mesmo método em relação à oração. Se debes rezar durante uma hora e o tempo te parece longo, começa como se fosses rezar apenas um quarto de hora; quando esse período terminar, propõe outro quarto de hora, e assim a hora transcorrerá quase sem que percebas.

Se, porém, durante esse tempo experimentares grande repugnância e aversão à oração, interrompe-a por um momento e, pouco depois, retorna às preces que havias deixado.

O mesmo se aplica ao trabalho manual. Se te sentes oprimido pela quantidade de trabalho que tens diante de ti e pelas dificuldades envolvidas, não permitas que a indolência te desanime.

Começa por aquilo que exige tua atenção imediata e não penses no restante. Emprega grande diligência, pois, quando essa primeira parte estiver bem realizada, tudo o mais se seguirá com muito menos dificuldade do que imaginavas.

É assim que deves enfrentar as dificuldades. Nunca hesites em trabalhar, pois há boas razões para temer que a preguiça triunfe de tal maneira em teu interior que torne impossível até o primeiro passo em direção à virtude e imprima em tua mente um horror ao trabalho antes mesmo que tenhas experimentado a menor dificuldade em realizá-lo. É isso o que acontece às almas fracas e covardes: vivem em contínuo temor do inimigo, por mais fraco e distante que esteja, e receiam sempre que se lhes imponha um peso maior do que podem suportar. Por conseguinte, não encontram repouso nem mesmo quando gozam da maior tranquilidade.

Reconhece, então, que nesse vício existe um veneno que não somente sufoca as primeiras sementes da virtude, mas destrói até aquelas que já se formaram. O que o verme faz na madeira, a preguiça realiza na vida espiritual; e o demônio serve-se dela com grande êxito para atrair os homens às suas armadilhas, sobretudo aqueles que procuram a perfeição.

Vigia-te, reza e pratica o bem. Não adies a preparação de tua veste nupcial até o momento em que fores chamado a sair ao encontro do Esposo Celeste.

Reflete todos os dias que Aquele que te concedeu a manhã não te prometeu a tarde e, ainda que te conceda esta última, não te garante a manhã seguinte. Emprega, portanto, cada dia como se fosse o último e não estimes coisa alguma fora da Vontade de Deus, pois terás de prestar rigorosa conta de cada instante.

Deve-se fazer uma última observação. Ainda que tenhas realizado muitos negócios e suportado numerosos trabalhos, podes considerar o dia perdido e teus esforços sem proveito se não alcançaste muitas vitórias sobre as paixões e a vontade própria; se não reconheceste com gratidão os benefícios recebidos de Deus, especialmente Sua morte na Cruz; e se não acolheste como bênçãos os castigos que o Pai de infinita misericórdia te enviou em expiação de teus muitos pecados.

Capítulo XXI

Do uso correto dos sentidos e de como eles podem auxiliar-nos na contemplação das coisas divinas

É preciso dedicar grande cuidado e aplicação constante à ordenação correta dos sentidos. O apetite sensível, fonte de todas as ações de nossa natureza enfraquecida, tem uma sede insaciável de prazer; como não pode satisfazer-se por si mesmo, serve-se dos sentidos para atrair seus objetos próprios e transmitir depois suas imagens à mente. Em razão da união existente entre o corpo e a alma, os prazeres sensuais difundem-se por todos os sentidos capazes de deleite e, como uma enfermidade contagiosa, apoderam-se em seguida das faculdades espirituais. Desse modo, corrompem o homem inteiro.

Podes empregar os seguintes remédios contra esse imenso mal. Vigia cuidadosamente os sentidos e usa-os somente para algum fim bom, algum motivo proveitoso ou uma necessidade real, jamais pelo mero prazer. Se eles se extraviarem, talvez sem que o percebas, e ultrapassarem os limites prescritos pela razão, contém-nos imediatamente. Devem ser de tal modo regulados que, em vez de abraçarem os objetos por causa de um falso prazer, se habituem a extrair desses mesmos objetos grandes auxílios para a santificação e a perfeição da alma. Então a alma, por meio do recolhimento, poderá elevar-se do conhecimento das coisas terrenas à contemplação da Bondade Divina. Isso pode ser feito da seguinte maneira.

Quando um objeto agradável se apresentar aos sentidos, não te deixes absorver por seus elementos materiais, mas permite que o entendimento o julgue. Se nele houver algo que agrade aos sentidos,

recorda que essa qualidade não procede da própria coisa, mas de Deus, cuja mão invisível a criou e a dotou de toda a bondade e beleza que possui. Alegra-te ao pensar que esse Ser soberano e independente é o único Autor de todas as qualidades encantadoras presentes em Suas criaturas e que Ele mesmo as possui de modo infinitamente superior aos mais excelentes seres criados.

Ao contemplares uma bela obra da criação, considera que ela nada é por si mesma. Eleva teus pensamentos à grande Mão que a produziu e põe n'Ele todo o teu deleite, dizendo: "Ó meu Deus! Único Objeto de meus desejos! Fonte universal de todos os bens! Como é consolador considerar que as perfeições das criaturas são apenas uma pálida imagem de vossa glória!"

Quando contemplares a verdura das árvores e das plantas e a beleza das flores, recorda que elas possuem vida somente pela Vontade daquela Sabedoria Divina que, invisível a todos, dá vida a todas as coisas. Dize-Lhe: "Ó Deus vivo! Ó Vida soberana! Deleite de minha alma! De Vós, em Vós e por Vós vivem e florescem todas as coisas sobre a terra!"

A visão dos animais deve elevar tua mente e teu coração ao Autor da sensibilidade e do movimento. Dize com respeito e amor: "Deus excelso, Motor Imóvel de todas as coisas, como me alegro ao considerar a eternidade de vossa existência, incapaz da menor mudança!"

Quando a beleza humana te impressionar, distingue imediatamente aquilo que aparece aos olhos daquilo que somente a mente pode contemplar. Deves recordar que toda beleza corporal procede de um princípio invisível, a Beleza incriada de Deus; reconhece nela uma gota quase imperceptível que brota de uma fonte sem fim, um oceano imenso do qual fluem continuamente inúmeras perfeições. Como se arrebatava minha alma ao considerar essa Beleza eterna, fonte de tudo quanto é belo!

Quando encontrares uma pessoa inteligente, justa, afável ou dotada de qualquer outra qualidade, distingue também quanto ela possui por si mesma e quanto recebeu do Céu. Então exclamarás: "Ó Deus de toda virtude! Não posso exprimir minha alegria ao considerar que todo bem procede de Vós e que todas as perfeições dos seres criados nada são em comparação convosco! Agradeço-Vos por este e por todos os bens concedidos ao próximo ou a mim mesmo. Compadecei-Vos de minha pobreza e recordai a grande necessidade que tenho de semelhantes virtudes!"

Quando tiveres praticado uma boa ação, recorda que Deus é o Autor dela e que tu não és senão Seu instrumento. Eleva os olhos a Ele e exclama: “Ó soberano Senhor do universo! Com a maior alegria reconheço que, sem Vós, Causa primeira e principal de todas as coisas, nada posso fazer.”

Quando provares algo agradável, considera que somente Deus é capaz de lhe dar o sabor que tanto te deleita. Encontra n’Ele toda a tua alegria e diz: “Alegra-te, ó minha alma! Sem Deus não existe felicidade verdadeira nem substancial!”

Não te satisfaças com o prazer proveniente de um aroma agradável. Eleva-te em espírito ao Céu e alegra-te em Deus, de Quem ele procede. Suplica-Lhe que, sendo o Autor de toda suavidade, faça tua alma, livre de todo prazer sensual, elevar-se a Ele como um perfume fragrante.

Quando ouvires uma bela música, volta-te para Deus e exclama: “Ó Deus! Vossas perfeições divinas encham meu coração de alegria; sua harmoniosa melodia é infinitamente agradável não somente a Vós mesmo, mas também aos Anjos, aos homens e a todos os seres criados!”

Como as coisas sensíveis podem ajudar-nos a meditar sobre a Paixão e a morte de nosso Salvador

Já demonstramos como podemos elevar-nos da consideração das coisas sensíveis à contemplação da grandeza de Deus. Agora devemos aprender a relacionar essas coisas com a memória dos sagrados mistérios da vida e da morte de nosso Senhor.

Tudo no mundo pode ser relacionado com esse fim. Considera apenas, como já sugerimos, que Deus é a Causa primeira de todas as coisas e que deu a cada criatura, mesmo à mais elevada, o ser, a beleza e todas as perfeições de que está dotada. Admira então a bondade infinita desse soberano Senhor do universo, que Se dignou fazer homem e sofrer uma morte ignominiosa por tua salvação. Ele permitiu até que Suas próprias criaturas conspirassem contra Ele e O pregassem na Cruz. Se desejas entrar nos pormenores de Seus sofrimentos, tudo ao teu redor te fará recordá-los.

As armas, as cordas, os espinhos, os caniços, os cravos e os martelos facilmente trarão à memória os instrumentos de Sua agonia.

Uma morada humilde representará o estábulo e a manjedoura em que nasceu. A chuva que cai sobre a terra recordará o suor de sangue com que Ele regou o Horto das Oliveiras. As pedras serão imagens dos rochedos que se fenderam por ocasião de Sua morte. Quando contemples o sol ou a terra, lembra-te de que, ao morrer Ele, a terra tremeu e o sol se obscureceu. A visão da água recordará aquela que correu de Seu lado; e mil outros objetos se prestarão a semelhantes considerações.

Quando beberes, pensa no fel e no vinagre oferecidos como alívio a nosso amável Salvador por Seus inimigos. Se encontrares prazer excessivo nos perfumes, considera o mau cheiro dos cadáveres que O recebeu no monte Calvário.

Ao te vestires, recorda que o Filho de Deus Se revestiu de nossa carne para que fôssemos revestidos de Sua Divindade. Ao tirares as roupas, pensa n'Ele despojado pelas mãos dos algozes, prestes a ser flagelado e pregado na Cruz por tua causa.

Todo clamor tumultuoso deve recordar os gritos terríveis da multidão enfurecida contra seu Senhor: “Fora com Ele! Fora com Ele! Crucifica-O! Crucifica-O!”

Sempre que o relógio soar, recorda as batidas angustiadas do Sagrado Coração de Jesus quando, no Horto das Oliveiras, contemplava a Paixão e a morte que se aproximavam. Ou então lembra-te dos golpes do martelo com que os soldados O pregaram na Cruz.

Em suma, tudo quanto sofreres ou vires os outros suportar ficará muito aquém das dores do corpo e da alma que teu Salvador padeceu durante Sua Paixão.

Outros usos proveitosos dos sentidos em diferentes circunstâncias

Já mostramos como a mente pode elevar-se das coisas da terra às do Céu, a fim de contemplar os diversos mistérios de Cristo. Prosseguirei indicando outros temas de meditação capazes de alimentar a devoção de pessoas com disposições diferentes. Isso será útil não somente aos principiantes, mas também àqueles que possuem maior instrução e estão mais adiantados na vida espiritual, pois nem todos seguem o mesmo método em sua busca da perfeição nem são igualmente capazes de profunda contemplação.

Não penses que a variedade de métodos criará dificuldades. Deixa-te guiar pela discricção, recebe o conselho de um diretor prudente e obedece às suas orientações com grande humildade. Isso se aplica não somente ao que considero aqui, mas também ao que direi mais adiante.

Uma coisa atraente e estimada pelo mundo deve ser considerada mais insignificante do que a poeira sob teus pés. Ela fica infinitamente abaixo do que o Céu promete, para onde deves aspirar com todo o coração, desprezando os interesses insensatos do mundo.

Quando olhares para o sol, pensa em tua alma. Adornada pela graça santificante, ela é incomparavelmente mais resplandecente e bela do que todo o firmamento; privada dessa graça, porém, é mais negra do que o próprio inferno. Eleva, portanto, o coração ao Céu quando contemplates o firmamento e assegura teu direito a uma morada eterna, conservando intacta essa graça.

Quando ouvires o canto dos pássaros, pensa nas harmonias que entoam no Céu o eterno hino de louvor a Deus e suplica ao Senhor que

te torne digno de unir-te ao coro celeste para cantar Seus louvores por toda a eternidade.

Não permitas que o encanto e a beleza das criaturas enganem teu juízo. A serpente frequentemente se oculta sob aparências fascinantes, procurando envenenar e destruir a própria vida de tua alma. Tua indignação então dirá: “Afasta-te, serpente maldita; é inútil que te escondas para causar minha ruína!” Em seguida, volta-te para Deus e diz: “Bendito sois Vós, ó Deus! Descobristes meu inimigo; ele procurava destruir-me, e Vós me salvastes!”

Busca refúgio nas Chagas de teu Salvador Crucificado. Inteiramente recolhido nelas, considera os sofrimentos imensos que a própria Divindade quis suportar para libertar-te do pecado e inspirar-te aversão aos prazeres sensuais.

Eis outro meio de avaliar a atração da beleza criada: considera as mudanças que a morte produzirá naquilo que agora parece tão encantador.

Cada passo dado por uma pessoa recorda a aproximação da morte.

O voo veloz de um pássaro ou a corrente impetuosa de um rio são lentos quando comparados à rapidez da vida humana.

Uma tempestade que tudo destrói e um trovão que faz tremer a terra recordam o dia do Juízo. Eles nos põem de joelhos em adoração diante de Deus e nos fazem suplicar-Lhe a graça e o tempo necessários para nos prepararmos a comparecer perante Sua infinita Majestade.

Se desejares aproveitar os inúmeros acontecimentos desta vida, poderás praticar o método seguinte. Os sofrimentos causados pelo calor, pelo frio ou por qualquer outro incômodo, assim como o peso da aflição e da tristeza, podem ser considerados decretos eternos da Providência, que envia o sofrimento para teu próprio bem e o proporciona às tuas forças. Desse modo, tornar-se-ão evidentes o amor e a ternura paternais de Deus para contigo, manifestados nas ocasiões que Ele te concede de servi-Lo da maneira que mais Lhe agrada.

Agora que te encontras em condições de agradar-Lhe mais do que nunca, fala da plenitude de teu coração: “É a Vontade de Deus que se cumpre em mim. Desde toda a eternidade, o amor de Deus escolheu-me para suportar hoje este sofrimento. Seja Ele bendito para sempre!”

A firme convicção de que todo bom pensamento procede de Deus te levará a agradecer ao Pai das luzes sempre que tais pensamentos ocuparem tua mente.

Em todo livro religioso que leres, reconhece os impulsos e a inspiração do Espírito Santo. Na cruz, contempla o estandarte de Jesus Cristo, teu Capitão. Compreende que, se O abandonares por um só instante, teus inimigos mais cruéis se apoderarão de ti; mas, se O seguires, serás recebido no Reino dos Céus, adornado com as insígnias do vencedor.

Quando vires uma imagem da Santíssima Virgem, oferece teu coração a essa Mãe de Misericórdia. Alegra-te porque ela sempre observou perfeitamente a Vontade de Deus, deu à luz o Salvador do mundo e O alimentou com seu leite. Agradece-lhe também os favores e auxílios que jamais nos recusa em nossos combates espirituais.

As imagens dos Santos te recordarão aqueles valorosos soldados de Cristo que, combatendo corajosamente até a morte, assinalaram o caminho que debes seguir para um dia participares de sua glória.

Todas as vezes que o sino tocar para o Ângelus, faz uma breve reflexão sobre as palavras que precedem cada Ave-Maria.

A primeira consideração seja uma ação de graças a Deus pela mensagem enviada do Céu, com a qual teve início a obra de nossa Redenção.

A segunda reflexão seja de alegria com Maria pela sublime dignidade à qual foi elevada em razão de sua incomparável e profundíssima humildade.

O terceiro toque do sino recordará o Verbo feito Homem. Então reconheceremos a honra devida à Sua Santíssima Mãe e ao Arcanjo São Gabriel. Convém inclinar respeitosamente a cabeça a cada toque, mas especialmente ao terceiro.

Esses atos podem ser praticados a qualquer hora. Certos exercícios relativos aos mistérios da Paixão de nosso Salvador, mais apropriados a determinados momentos do dia, como a manhã, o meio-dia e a noite, serão tratados mais adiante. Devemos, contudo, recordar também com frequência as dores que nossa Santíssima Mãe suportou naquele tempo, pois somente a ingratidão poderia levar-nos a esquecê-las.

À noite, considera a profunda aflição que a casta e delicada Virgem sentiu diante do suor de sangue e da prisão de seu Filho Jesus no Horto, bem como todas as angústias que lhe ocuparam a alma durante a noite inteira.

Pela manhã, acompanha-a nas dores que sofreu ao ver seu amado Filho arrastado diante de Pilatos e Herodes, condenado à morte e carregado com uma pesada Cruz.

Ao meio-dia, contempla a espada de dor que atravessou a alma dessa Mãe aflita quando viu o Filho crucificado e agonizante, e Seu lado transpassado por uma lança cruel.

Essas reflexões sobre as dores da Santíssima Virgem podem ser feitas desde a noite de sexta-feira até o meio-dia de sábado. As meditações anteriores podem ser realizadas em qualquer ocasião; as circunstâncias exteriores ou determinados acontecimentos sugerirão outros pensamentos adequados à tua devoção particular.

Para concluir, ofereço um breve resumo do melhor modo de ordenar teus sentidos. Nunca permitas que o amor ou o ódio entrem em teu coração por motivos puramente humanos; deixa, antes, que a Vontade de Deus dirija tuas inclinações para abraçar ou rejeitar os objetos apresentados à mente.

Deves notar cuidadosamente que, ao recomendar essa grande variedade de práticas para a ordenação dos sentidos, está longe de minha intenção que empregues nelas todo o teu tempo. Muito ao contrário, o recolhimento e a união com Deus devem constituir tua disposição habitual. Tua principal atividade será o combate interior contra as inclinações viciosas e a prática de atos das virtudes contrárias. Esses métodos foram apresentados para que os utilizes nas ocasiões oportunas.

Não se deve imaginar que a multiplicidade dos exercícios produzirá verdadeiro progresso na devoção. Embora sejam bons em si mesmos, seu uso impróprio pode servir apenas para confundir a mente, aumentar o amor-próprio e a instabilidade e, desse modo, abrir caminho às ilusões do demônio.

Como governar a própria fala

Devemos vigiar cuidadosamente nossa fala por causa da inclinação que temos a discorrer sobre tudo quanto atrai os sentidos. Essa tendência se enraíza em certa soberba: pensamos conhecer muitas coisas e, apegados às próprias ideias, não hesitamos em comunicá-las aos outros, imaginando que toda a reunião deve prestar-nos atenção.

Não seria fácil enumerar todas as más consequências que nascem de uma fala sem domínio.

Em geral, podemos dizer que ela ocasiona grande perda de tempo; é sinal certo de ignorância e superficialidade; costuma envolver distrações e mentiras; esfria o fervor da devoção; fortalece as paixões desordenadas; e estabelece o hábito de conversas levianas e ociosas.

Para corrigir esse defeito, sugiro o seguinte método. Não fales em excesso, nem com aqueles que não te escutam de boa vontade, para que não os aborreças, nem com os que gostam de ouvir-te, para que não sejas conduzido a assuntos impróprios.

O tom de voz alto e autoritário não agrada aos ouvidos e apenas manifesta uma ignorância presunçosa.

Ninguém deve falar de si mesmo, de suas realizações ou de seus parentes, a menos que seja obrigado a fazê-lo; e, mesmo então, trate desses assuntos com a maior brevidade e modéstia possíveis. Se encontrares alguém que fale somente de si, procura uma boa razão para desculpá-lo, mas não o imites, ainda que tudo quanto ele diga só te ofereça ocasião para te humilhares e acusares a ti mesmo.

Fala de boa vontade sobre Deus e Sua imensa caridade para conosco. Entretanto, para não te expressares de maneira incorreta, prefere ouvir as palavras dos outros sobre esse assunto e guardá-las em teu coração.

Quando as conversas mundanas chegarem a teus ouvidos, não permitas que alcancem teu coração. Se for necessário escutá-las, compreendê-las e comentá-las, eleva o coração ao Céu. Ali reina teu Deus, e de lá essa Majestade Divina Se digna olhar para ti, apesar de tua indignidade. Depois de decidires o que dizer, elimina ainda alguma coisa, porque ao fim sempre descobrirás que falaste em excesso.

O silêncio possui valor incontestável no combate espiritual, e sua observância é garantia de vitória. Geralmente o acompanham a descon-fiança de si mesmo, a confiança em Deus, um desejo mais intenso de oração e maior facilidade para praticar a virtude.

Para despertar em ti o amor ao silêncio, considera as grandes vantagens que ele oferece e os inúmeros males que nascem de uma loquacidade sem freio. A fim de te habituares a falar pouco, exercita-te em conter a palavra mesmo quando te seria permitido falar, a menos que o silêncio possa causar prejuízo a ti ou aos outros.

Evita as conversas sem proveito. A companhia de Deus, de Seus Santos e dos Anjos deve ser preferida à dos homens.

Se conservares realmente presente em todo momento a guerra que empreendeste, mal encontrarás tempo para respirar e muito menos para desperdiçar tuas energias em conversas tolas e vazias.

O soldado de Cristo, resolvido a combater e vencer seus inimigos, deve evitar, tanto quanto possível, tudo o que perturbe sua paz de espírito

Quando perdemos a paz de espírito, devemos empregar todos os esforços possíveis para recuperá-la. Na verdade, nunca podemos perdê-la nem permitir que seja perturbada senão por nossa própria culpa.

Devemos sentir pesar por nossos pecados, mas essa dor deve ser calma e moderada. Também nossa compaixão pelos pecadores e nossa tristeza diante da perdição deles devem permanecer livres de irritação e inquietação, pois procedem de um motivo puramente caritativo.

As incontáveis provações que se acumulam nesta vida, como enfermidades, ferimentos, morte, perda de amigos e parentes, pestes, guerras, incêndios e tantas outras coisas que os homens, naturalmente avessos ao sofrimento, temem, podem, pela graça de Deus, não somente ser recebidas com submissão de Sua mão, mas até tornar-se ocasiões de alegria. Isso acontece quando as contemplamos como justos castigos impostos aos pecadores ou como oportunidades concedidas aos justos para adquirirem méritos.

Essas provações e esses acontecimentos sucedem por disposição de nosso Mestre; por meio das mais severas tribulações desta vida, Sua Vontade vem em nosso auxílio, para que possamos avançar com a alma calma e tranquila. Toda inquietação de nossa parte desagrade a Deus, porque, qualquer que seja sua natureza, vem sempre acompanhada de

alguma imperfeição e tende sempre, de um modo ou de outro, para o amor-próprio.

Haja sempre em tua alma uma sentinela vigilante, pronta a descobrir tudo quanto possa inquietar ou perturbar tua consciência. Ao primeiro alarme, toma as armas para defender-te. Recorda que todos esses males e muitos outros, por mais temíveis que pareçam, são apenas imaginários, pois não podem privar-te de nenhum bem verdadeiro. Considera que Deus os decreta ou permite pelas razões já apresentadas ou por outras que certamente devemos reconhecer como justas, embora permaneçam ocultas à nossa compreensão.

Descobrirás que é extremamente proveitoso conservar a mente serena em todos os acontecimentos de tua vida. Sem essa serenidade, teus exercícios de piedade não produzirão fruto.

Estou convencido de que, quando o coração se encontra perturbado, o inimigo pode sempre atingir-nos e fazê-lo tanto quanto desejar. Além disso, nesse estado não somos capazes de discernir o verdadeiro caminho a seguir nem as ciladas que devemos evitar para alcançar a virtude.

O inimigo detesta essa paz, pois sabe que nela habita o Espírito de Deus e que Deus deseja então realizar grandes coisas em nós. Por conseguinte, emprega os meios mais perversos para destruí-la: sugere diversas coisas aparentemente boas, mas trata-se de uma armadilha, como logo descobrirás ao perceber que esses desejos destroem a paz de teu coração.

Como remédio contra ataque tão perigoso, devemos guardar-nos de todo desejo novo que procure entrar no coração. Nunca lhe permitas a entrada antes de haveres despojado esse desejo de todo amor-próprio e de o teres oferecido inteiramente a Deus. Confessa tua ignorância e suplica-Lhe que esclareça o assunto e te mostre se esse desejo procede d'Ele ou do inimigo. Se possível, recorre também ao diretor espiritual.

Mesmo quando estivermos convencidos de que uma ação é inspirada pelo Espírito Santo, devemos adiar sua execução até que tenhamos mortificado a ansiedade de realizá-la. Uma boa obra precedida por semelhante mortificação é mais agradável a Deus do que quando procurada com ímpeto excessivo; acontece frequentemente que a mortificação possui maior mérito do que a própria execução da obra.

Rejeitando os maus desejos e suspendendo até os bons enquanto não houvermos reprimido os motivos nascidos do amor-próprio, conservaremos perfeita tranquilidade de espírito.

É necessário vencer também certo pesar interior que, embora pareça vir de Deus sob a aparência de remorso de consciência pelos pecados passados, é sem dúvida obra do demônio. A prova seguinte permitirá reconhecê-lo com clareza.

Quando esse pesar produz maior humildade, aumenta nosso fervor na prática das boas obras e fortalece nossa confiança na Misericórdia Divina, devemos recebê-lo com gratidão como um dom do Céu. Quando, porém, provoca ansiedade e nos deixa desconsolados, preguiçosos, temerosos e lentos no cumprimento do dever, podemos concluir com segurança que foi sugerido pelo inimigo e devemos desprezá-lo.

Acontece também com frequência que nossas ansiedades nascem das provações desta vida. Há dois meios de nos preservarmos delas.

Primeiro, devemos considerar as consequências dessas provações. Elas podem destruir nosso desejo de alcançar a perfeição ou podem destruir nosso amor-próprio. A diminuição do amor-próprio, um de nossos maiores inimigos, não oferece motivo algum para queixas; tais provações devem ser recebidas com alegre ação de graças como favores concedidos por Deus. Se, contudo, elas nos inclinam a desviar-nos do caminho da perfeição e tornam repugnante a virtude, não devemos desanimar nem perder a paz de espírito. Trataremos disso mais adiante.

Segundo, elevemos o coração a Deus. Tudo quanto Ele quiser, sem exceção alguma, deve ser recebido com a firme persuasão de que cada cruz que resolver enviar-nos se tornará uma fonte inesgotável de bênçãos e um tesouro cujo valor talvez não possamos reconhecer no momento.

O que devemos fazer quando somos feridos

Quando perceberes que foste ferido pelo pecado, seja por fraqueza, seja por malícia, não percas a coragem nem te deixes dominar pelo pânico. Volta-te para Deus com grande e humilde confiança, dizendo: “Vede, ó Senhor, aquilo que sou capaz de fazer. Quando me apoio em minhas próprias forças, nada faço senão pecar.”

Meditando sobre isso, reconhece a profundidade de tua humilhação e manifesta a nosso Senhor a dor pela ofensa cometida. Com o coração tranquilo, acusa tuas paixões viciosas, especialmente aquela que ocasionou a queda, e confessa: “Ó Senhor, eu não teria parado nesta falta se vossa bondade não me houvesse contido.”

Dá graças a Deus e, mais do que nunca, entrega-Lhe todo o amor de teu coração. Que generosidade a Sua! Tu O ofendeste e, apesar disso, Ele te estende a mão para impedir outra queda.

Com o coração cheio de confiança em Sua infinita misericórdia, dize-Lhe: “Ó Senhor, fazei resplandecer em mim vossa Divindade e perdoai-me! Não permitais jamais que eu me separe de Vós, que seja privado de vosso auxílio ou que torne a ofender-Vos!”

Depois disso, não te perturbes examinando se Deus te perdoou ou não. Isso seria completa perda de tempo, manifestação de soberba, enfermidade espiritual e ilusão do demônio, que procura prejudicar-te sob a aparência de uma ação boa. Abandona-te nos braços misericordiosos de Deus e retoma teus deveres habituais como se nada tivesse acontecido.

Ainda que caias muitas vezes durante o dia, isso não pode abalar o fundamento de uma verdadeira confiança n’Ele. Depois da segunda, da

terceira e até da última derrota, volta a Deus com a mesma confiança. Cada queda te ensinará maior desprezo por tuas forças, maior ódio ao pecado e, ao mesmo tempo, maior prudência.

Isso desconcertará teu inimigo porque é agradável a Deus. O demônio ficará confundido ao ver-se frustrado por alguém a quem tantas vezes venceu; por isso, empregará todos os esforços para induzir-te a mudar de tática e frequentemente terá êxito se não vigiares rigorosamente as inclinações do coração.

Os esforços empregados para vencer-te devem corresponder às dificuldades encontradas. Não basta praticar esse exercício uma única vez; ele deve ser repetido com frequência, ainda que tenhas cometido somente uma falta.

Por conseguinte, se caíste, estás muito perturbado e sentes abalada tua confiança, debes antes de tudo recuperar a paz de espírito e a confiança em Deus. Eleva o coração ao Céu e convence-te de que a perturbação que por vezes se segue a uma falta não é tanto dor por haver ofendido a Deus quanto temor do castigo.

Para recobrar essa paz, esquece por um momento tua falta e concentra-te na inefável bondade de Deus e em Seu ardente desejo de perdoar os pecadores mais graves. Ele emprega todos os meios possíveis para chamá-los de volta, uni-los inteiramente a Si, santificá-los nesta vida e torná-los eternamente felizes na outra.

Essa consideração, ou outras semelhantes, restituirá a paz à tua alma. Depois poderás reconsiderar a malícia de teu erro à luz do que acima dissemos.

Por fim, quando te aproximares do Sacramento da Penitência, o que te aconselho fazer com frequência, recorda todos os teus pecados e confessa-os sinceramente. Renova tua dor por havê-los cometido e teus propósitos de corrigir a vida no futuro.

Capítulo XXVII

Dos métodos empregados pelo demônio para tentar e seduzir aqueles que desejam adquirir a virtude e aqueles que ainda são prisioneiros do vício

Meu filho muito amado, nunca te esqueças de que o demônio procura continuamente tua perdição. Seus ataques, porém, variam conforme a condição de cada alma.

Antes de te apresentar alguns de seus estratagemas, consideraremos diferentes espécies de pessoas em diferentes situações.

Algumas estão tão oprimidas pelos pecados que nem sequer consideram a possibilidade de romper suas cadeias. Outras desejam libertar-se dessa escravidão, mas nada fazem para consegui-lo. Algumas se julgam seguras e, por essa mesma razão, encontram-se muito longe de o estar. Outras ainda, depois de alcançarem um elevado grau de virtude, sofrem quedas tanto mais pesadas. Nos capítulos seguintes, trataremos dessas várias condições.

Dos artifícios astutos empregados pelo demônio para destruir completamente aqueles que ele já arrastou ao pecado

Quando o demônio enreda uma alma no pecado, emprega todos os meios à sua disposição para desviar-lhe a atenção de tudo quanto poderia fazê-la reconhecer a terrível condição em que caiu.

Ele não se contenta em sufocar toda inspiração do Céu e sugerir em seu lugar maus pensamentos; procura ainda precipitá-la em novas faltas, da mesma natureza ou ainda mais perversas, proporcionando-lhe ocasiões perigosas de pecado.

Assim, privada da orientação celeste, a alma acumula pecado sobre pecado e se endurece em seus maus caminhos. Revolvendo-se no lodo, corre de treva em treva e de um abismo a outro, afastando-se cada vez mais do caminho da salvação e multiplicando os pecados, a menos que uma graça extraordinária do Céu venha fortalecê-la.

O remédio mais eficaz contra esse mal é acolher voluntariamente os auxílios divinos que conduzirão a alma das trevas para a luz e do vício para a virtude. Clame a alma: “Senhor, ajudai-me! Apressai-Vos em socorrer-me! Não me deixeis por mais tempo nas trevas do pecado e da morte!” Essas ou outras jaculatórias semelhantes devem ser repetidas com frequência.

Se for possível, procure-se imediatamente o conselho do confessor contra os assaltos do inimigo. Se isso não for possível, ajoelhe-se diante de um Crucifixo ou suplique compaixão e auxílio à Rainha do Céu.

A vitória depende inteiramente da diligência com que se empregam esses esforços.

Dos esforços do demônio para impedir a conversão daqueles que, conhecendo a enfermidade de suas almas, desejam corrigir a vida, e da razão pela qual suas boas intenções frequentemente não produzem efeito

Aqueles que reconhecem a enfermidade de suas almas e desejam curá-las são muitas vezes enganados pelo demônio. Ele procura persuadi-los de que ainda têm muito tempo de vida e podem, por isso, adiar tranquilamente a conversão.

Insinua-lhes também a ideia de que determinado negócio ou dificuldade precisa ser resolvido antes que possam dedicar-se suficientemente à vida espiritual e cumprir seus deveres sem perturbação. Essa armadilha enredou e continua diariamente a enredar muitos; seu êxito, porém, deve-se diretamente à negligência culpável daqueles que, num assunto em que somente a glória de Deus e a própria salvação deveriam ser consideradas, permanecem entregues à indolência.

Digam as pessoas nessa condição: “Agora! Agora!”, em vez de: “Amanhã! Amanhã!” Por que amanhã? Como posso ter certeza de que viverei até esse dia? E, mesmo que vivesse, estaria realmente procurando salvar minha alma se adiasse o arrependimento? Pareceria que busco a vitória se me exponho a novas feridas?

É indiscutível que a cooperação voluntária com as graças do Céu, juntamente com os meios sugeridos no capítulo anterior, constitui o único caminho para escapar dessa ilusão. Ao dizer “cooperação voluntária”, não me refiro a meros desejos nem a resoluções fracas e estéreis, pelas quais tantos são enganados. As razões disso são as seguintes.

Primeiro, o fundamento de tais desejos e resoluções não é a desconfiança das próprias capacidades nem a confiança em Deus. Como resultado, a alma, inflada por uma soberba secreta, fica tão cega que toma por virtude sólida aquilo que não passa de ilusão. O remédio para esse mal e o discernimento necessário para reconhecê-lo devem vir do Céu, que permite nossas quedas para que uma triste experiência nos abra os olhos, transfiramos para a graça divina a confiança antes depositada em nós mesmos e troquemos uma soberba quase imperceptível pelo humilde conhecimento de nossa fraqueza. As boas resoluções jamais produzirão efeito se não forem firmes e constantes; e jamais serão firmes e constantes se não se fundarem na desconfiança das próprias forças e na confiança em Deus.

Segundo, ao formarmos uma boa resolução, consideramos apenas a beleza e a excelência da virtude, que atraem até as mentes mais superficiais, mas nunca ponderamos as dificuldades necessárias para adquiri-la. Por conseguinte, as almas covardes se espantam ao primeiro sinal de trabalho e abandonam apressadamente o propósito. Seria melhor, portanto, considerar as dificuldades que surgem na aquisição da virtude mais do que a própria virtude e preparar-te de acordo com elas. Podes ter por certo que, quanto maior for a coragem com que vences a ti mesmo e derrotares teus inimigos, tanto mais rapidamente diminuirão as dificuldades, até desaparecerem pouco a pouco.

Terceiro, preocupamo-nos em excesso com a vantagem pessoal, e não com a virtude e a adesão à Vontade de Deus. Isso acontece com frequência quando somos consolados durante uma aflição. Ao percebermos que os confortos do mundo nos escaparam, resolvemos dedicar-nos ao serviço de Deus.

Para nos livrarmos dessa falta, cuidemos de não abusar da graça de Deus. Sejam humildes e prudentes ao formar boas resoluções e não procuremos favores extraordinários mediante promessas temerárias que ultrapassem nossa capacidade de cumpri-las.

Se estivermos oprimidos por alguma aflição, peçamos somente a graça de carregar a Cruz como devemos, pois ela vem de Deus. Seja essa a nossa glória, sem procurarmos alívio algum na terra ou no próprio Céu. Peçamos e supliquemos apenas que Deus nos fortaleça na provação e nos faça suportar pacientemente tudo quanto Ele julgar conveniente enviar-nos.

Capítulo XXX

Dos enganos daqueles que se julgam no caminho da perfeição

O fracasso do inimigo em seus dois primeiros ataques não o impedirá de tentar novamente causar tua ruína. Ele quer que permaneças inconsciente de teus vícios e paixões reais, enquanto enche tua imaginação com visões de uma perfeição quimérica que sabe que jamais alcançarás.

Por causa desse engano sutil, sofreremos quedas frequentes e perigosas sem dedicar muita atenção aos meios de combatê-las. A soberba secreta se apodera desses desejos fantasiosos, confunde o sonho com a realidade e nos faz repousar em ideias sublimes sobre nossa própria santidade. Assim, no mesmo momento em que a menor contradição ou afronta nos perturba, entretêmo-nos com sonhos grandiosos de que estamos prontos a suportar por amor de Deus os maiores tormentos ou as próprias penas do Purgatório.

Nosso engano consiste na tendência da natureza sensível a comparar-se ousadamente com aquelas almas valorosas que suportam as maiores dores com paciência incansável. Para evitar semelhante armadilha, devemos combater os inimigos presentes no mundo real, e não obter vitórias sem valor num mundo de fantasias criado por nós mesmos. Então veremos se nossas resoluções são covardes ou corajosas, imaginárias ou verdadeiras, e avançaremos para a perfeição seguindo os passos dos Santos.

Não precisamos preocupar-nos com os inimigos que raramente nos atacam, a menos que tenhamos motivo para esperar sua investida; nesse caso, devemos fortificar-nos com a resolução de um soldado disposto a vencer.

Não confundamos, porém, resoluções com vitórias, ainda que tenhamos feito progressos consideráveis nos atos de virtude. A verdadeira humildade deve acompanhar-nos, mantendo sempre presente a memória de nossa fraqueza e mandando-nos depositar a confiança somente em Deus. Supliquemos-Lhe que seja nossa força na batalha, nosso escudo no perigo e nossa proteção contra a presunção e a confiança nas próprias capacidades.

Esse é o caminho que conduz à grandeza e à perfeição. Nele podemos encontrar muitas dificuldades para nossa natureza frágil, a fim de sermos por elas humilhados e conservarmos o pequeno mérito que nossas boas obras já alcançaram.

Dos artifícios empregados pelo demônio para nos fazer abandonar a vida virtuosa

O quarto artifício empregado pelo demônio contra aqueles que avançam no caminho da perfeição consiste em enchê-los de resoluções inoportunas que, em outras circunstâncias, seriam muito louváveis, mas que, na situação presente, apenas produzem hábitos viciosos.

Por exemplo, uma pessoa enferma suporta sua doença com tanta resignação que o inimigo, temendo que ela adquira uma paciência habitual, sugere-lhe as muitas obras meritórias que poderia realizar se gozasse de saúde. Persuade-a de que, estando fisicamente bem, prestaria grande serviço a Deus, ao próximo e à própria alma; pouco a pouco, desperta-lhe o desejo de recuperar a saúde e a torna inquieta sob o peso da enfermidade. Quanto mais ardente se torna o desejo, maior é o desapontamento, até que a paciência cede lugar à impaciência diante de um fardo considerado obstáculo à realização das obras mais agradáveis a Deus.

Depois que o inimigo alcança seu objetivo, os grandes projetos desaparecem gradualmente, e o enfermo fica entregue a uma insatisfação corrosiva e a todos os males que acompanham o desejo impaciente de livrar-se do jugo. Assim, aquilo que parecia destinado a produzir uma virtude habitual transforma-se em fonte de um vício lamentável.

Essa ilusão pode ser desfeita pela cautela na formação de projetos piedosos incompatíveis com o estado de sofrimento em que te encontras, pois nesse caso a ambição ultrapassa os próprios limites e deixa após si apenas ansiedade e irritação.

Considera com humildade e resignação que talvez não realizes nenhum dos propósitos benévolos que agora concebes por falta de coragem quando Deus te tornar capaz de executá-los. Deves considerar ao menos a possibilidade de que Deus te negue a satisfação de praticar uma boa obra, seja por uma disposição oculta da Divina Providência, seja em expiação das faltas passadas; talvez, em Sua sabedoria, queira ver tua vontade humana afinada à Sua Vontade Divina e teu espírito humilhado diante da própria Onipotência.

Demonstra a mesma resignação quando, por orientação do confessor ou por qualquer outra razão, fores obrigado a abster-te por algum tempo da Sagrada Comunhão. Em vez de te perturbares por essa privação, deves dizer em teu coração: “Se eu não fosse culpado de alguma falta ou deficiência diante do Senhor, não seria assim privado de recebê-Lo; bendito seja o nome d’Aquele que me revelou minha verdadeira indignidade. Sei, ó Senhor, que em todas as provações de minha vida nada preciso fazer senão suportá-las com paciência, na esperança de agradar-Vos, oferecendo-Vos um coração conforme à vossa santa Vontade. Sei que, entregando-Vos meu coração, ele será nutrido de consolação divina e fortalecido contra os poderes do inferno que continuamente o ameaçam. Ó Criador e Redentor, fazei de mim o que quiserdes; seja vossa Vontade minha força agora e para sempre! Tudo quanto peço é uma alma purificada e virtuosa, digna de receber-Vos e desejosa de executar cada uma de vossas ordens.”

Aqueles que seguirem assiduamente esses conselhos podem ter a certeza de que, mesmo quando empreenderem uma obra de piedade muito superior às suas capacidades, ainda assim avançarão no caminho da salvação e servirão a Deus da maneira que Lhe é mais agradável. Nisso consiste a verdadeira devoção. Ainda que, em semelhante caso, o impulso inicial seja um artifício do demônio para produzir repugnância pela virtude ou uma inspiração do Céu destinada a provar nossa obediência, poderá no fim revelar-se proveitoso para a alma.

Devemos, contudo, exercer grande cautela no emprego de certos meios utilizados pelos Santos para eliminar enfermidades incômodas, pois frequentemente desejamos com excessiva ansiedade que produzam efeito. Mais uma vez, é preciso permanecer inteiramente resignado e nada propor a nós mesmos além da santa Vontade de Deus. Quem dentre nós pode ler na mente de Deus a solução que Ele reserva para nossos problemas particulares? Se presumires temerariamente aper-

feiçãoar o desígnio divino, serás tu a sofrer, pois a impaciência se seguirá ao desapontamento; e, mesmo que não a manifestes exteriormente, já terás perdido a resignação que torna meritórios teus atos diante de Deus.

Não se pode deixar de notar, neste ponto, um artifício secreto do amor-próprio, que habilmente disfarça até as imperfeições mais manifestas. Uma pessoa enferma, por exemplo, acredita que sua impaciência nasce de uma causa justa; em sua opinião, a inquietação não é propriamente impaciência, mas um louvável pesar pelas faltas que lhe ocasionaram o castigo da doença ou uma justa tristeza pelo incômodo que causa àqueles que cuidam dela.

O ambicioso que lamenta não haver alcançado uma posição ardentemente desejada procede do mesmo modo. Ficaria chocado se alguém atribuisse suas lamentações à vaidade e protestaria que o move um motivo muito louvável, embora saiba perfeitamente que esse mesmo motivo pouco o influenciaria em outras circunstâncias.

Do mesmo modo, o enfermo que manifesta tanta inquietação por causa do incômodo imposto àqueles que o assistem perde, tão logo recupera a saúde, toda a solicitude pelo sofrimento que essas mesmas pessoas recebem ao servir os outros. Fica evidente que sua impaciência não é uma homenagem ardente à compaixão pelo próximo, mas uma acusação verdadeira do amor que tem por si mesmo.

Assim retornamos à aceitação paciente das cruzes desta vida, que, como um fio, deve ser tecida em toda a trama de nossa vida espiritual.

Do último artifício do demônio, que transforma até a prática da virtude em ocasião de pecado

O Maligno serve-se até da virtude para nos tentar ao pecado, enchendo-nos de estima exagerada e complacência por nós mesmos, até fazer-nos sucumbir à vanglória. Devemos, portanto, vigiar sem cessar, conscientes de nosso nada, de nossa condição pecadora e de nossa espantosa insuficiência, recordando sempre que nada merecemos senão a perdição eterna. Seja essa lembrança para nós como uma espada com a qual nos defendemos dos ataques insidiosos da presunção e da vaidade, e combatamos com o vigor de um homem que luta pela própria vida.

Se, contudo, desejamos um conhecimento mais perfeito de nós mesmos, distingamos aquilo que devemos à graça de Deus daquilo que merecemos por nossas próprias obras. Recordemos a benevolência de Deus, que nos concedeu o ser; a misericórdia de Deus, que nos sustenta; e o poder de Deus, que continuamente nos conserva. Assim, não há dúvida de que aquilo que verdadeiramente merecemos por nossas forças mal é digno de nossa própria estima e muito menos da estima dos outros, pois nossas glórias remontam ao Céu, enquanto nossos pecados remontam a nós mesmos.

Se calculássemos realmente a natureza, o número e a frequência de nossas ofensas, sem falar nas faltas que teríamos cometido se a graça de Deus não as houvesse impedido, descobriríamos que, tomadas em conjunto, nossas culpas são inumeráveis e que nossa malícia se iguala à dos demônios. Tais considerações devem fazer crescer diariamente

em nós o reconhecimento de nossa baixeza e a gratidão que devemos à Bondade Divina.

Devemos também ter cautela para evitar a vanglória, apegando-nos estritamente à verdade ao examinarmos e julgarmos a nós mesmos. Embora tenhamos consciência de nossa miséria, se desejamos que o mundo nos contemple como Santos, merecemos o castigo dos criminosos.

Para que sejas fortalecido contra a vanglória e te tornes agradável Àquele que é a própria Humildade, não basta teres uma opinião modesta de ti mesmo e julgares que não és digno do bem, mas merecedor do mal. Deves também estar disposto a ser desprezado, ter repugnância por receber louvores e acolher de boa vontade o menosprezo, certificando-te, porém, de que tua verdadeira motivação seja a humildade, e não uma altivez obstinada. Com efeito, uma arrogância sutil pode disfarçar-se de coragem cristã, desprezando a sabedoria do mundo e seu juízo.

Se alguém demonstrar afeto por ti ou elogiar as qualidades que Deus te concedeu, recorda imediatamente a verdade e a justiça, dizendo em teu coração com toda a sinceridade: “Não permitais, ó Senhor, que eu procure roubar vossa glória, atribuindo a mim mesmo aquilo que devo inteiramente à vossa santa graça! Sejam vossas a honra e a glória; sejam minhas a vergonha e a confusão!”

Quanto àquele que te elogia, considera cuidadosamente seus motivos e pergunta a ti mesmo que perfeição ele pode discernir em ti. Somente Deus é bom, e apenas Suas obras são dignas de louvor. Por que o homem haveria de procurar repouso numa glória roubada?

Da mesma forma, se a lembrança de uma boa obra te adormecer numa complacência vã, recorda que foi a graça de Deus em ti que extraiu o bem de tua inutilidade. Somente Deus é o Autor; somente Ele merece o louvor.

Considera depois não apenas a realização objetiva da boa obra, mas a proporção entre a graça que recebeste para praticá-la e o resultado alcançado. Talvez, além das deficiências próprias dessa obra aparentemente boa, a falta de fervor e os defeitos de intenção e diligência tenham prejudicado ainda mais o ato. Em vez de te aqueceres no louvor de ti mesmo, deverias afligir-te por haveres empregado tão imperfeitamente uma graça tão grande.

Se comparasses tua ação com as obras dos Santos, ficarias envergonhado diante da diferença; e, se comparasses tuas ações com a sub-

lime imolação no monte Calvário, elas se reduziriam à mais completa insignificância. A vida de Cristo foi uma cruz, o sacrifício contínuo de uma dignidade infinita diante das indignidades humanas e a oferta do amor mais puro por aqueles que nada Lhe davam senão ódio.

Por fim, se elevares os olhos ao Céu e contemplares a Majestade de Deus, tuas obras tão pequenas devem inspirar-te mais temor do que soberba e fazer-te dizer no coração, com profunda humildade: “Senhor, tende piedade de mim, pecador.”

Não seas inclinado a tornar públicos os favores recebidos de Deus, pois isso geralmente Lhe desagrade, como se pode ver pelo exemplo seguinte. Aparecendo certo dia a uma grande Santa sob a figura de uma criança, Cristo foi convidado a recitar a Ave-Maria e começou imediatamente; depois de dizer, porém, “Bendita sois Vós entre as mulheres”, mostrou-Se relutante em pronunciar o próprio louvor e, quando insistiram para que prosseguisse, desapareceu. A alma devota, repleta de consolação, guardou para sempre esse exemplo divino da importância da humildade.

Devemos também esforçar-nos continuamente por nos humilhar em todas as ações, que nada mais são do que manifestações de nosso nada diante do mundo. Nessa humildade se encontra o fundamento de incontáveis virtudes. Assim como Deus criou nossos primeiros pais do nada, continua a edificar nossa vida espiritual sobre o reconhecimento da verdade de que nada somos. Portanto, quanto mais profundamente nos humilhamos, tanto mais alto se levanta o edifício; e, na proporção em que descemos às profundezas da humildade, o soberano Arquiteto eleva a construção às alturas da santidade. Jamais poderemos insistir demasiadamente nessa busca da humilhação de nós mesmos. Ó ciência celeste, que agora nos alegra e depois nos glorificará! Ó luz admirável, que atravessa as trevas para iluminar nossas almas e elevar nossos corações a Deus! Ó joia preciosa, embora desconhecida, que resplandece por entre as sombras de nossos pecados!

Esse é um assunto inesgotável, que poderia ser desenvolvido sem fim. Quem deseja honrar a Majestade Divina deve livrar-se da estima por si mesmo e do desejo de ser estimado pelos outros. Humilha-te diante de todos e lança-te aos pés dos homens, se desejas sinceramente que Deus seja glorificado em ti e tu n’Ele. Para te unires a Ele, deves fugir de toda grandeza, pois Ele foge daqueles que se exaltam continuamente. Escolhe o último lugar, se queres que Ele desça do mais alto para

abraçar-te com maior amor; escolhe ser esquecido pelos homens, a fim de receberes o amor de Deus.

Dá sempre as devidas graças Àquele que veio ser desprezado na terra para que fosses amado no Céu. Agradece também àqueles que te perseguem e se mostram hostis contra ti, tomando o cuidado de jamais te queixares deles.

Se, apesar de todas essas considerações, a malícia de Satanás, a falta de conhecimento de ti mesmo ou a propensão à arrogância te inflarem com uma suposta superioridade, humilha-te ainda mais, pois isso demonstra o pouco progresso que realmente fizeste e a dificuldade que ainda tens de vencer o hábito da soberba. Assim a humildade arrancará o ferrão da mordida, transformará o veneno em antídoto e o mal em seu próprio remédio.

Algumas instruções importantes para aqueles que desejam mortificar as paixões e alcançar as virtudes necessárias

Embora o método para subjugar as paixões e adquirir as virtudes necessárias já tenha sido tratado com certa extensão, ainda restam algumas instruções tão importantes quanto as anteriores.

1. Se desejas alcançar uma virtude sólida e completo domínio sobre ti mesmo, evita o método de distribuir o exercício de diferentes virtudes por dias determinados, pois ele produz um estado de perpétua inconstância. O método a adotar consiste em arrancar pela raiz a paixão predominante, esforçando-te ao mesmo tempo por cultivar em grau eminente a virtude contrária. Uma vez adquirida virtude tão essencial, as demais poderão ser alcançadas com menor dificuldade, pois poucos atos serão necessários para esse fim. Com efeito, a ligação entre as virtudes é tão íntima que quem possui uma delas em sua perfeição possui todas.
2. Nunca fixes um tempo determinado para adquirir alguma virtude, estabelecendo certo número de dias, semanas ou anos. Como um soldado vigoroso que combate um inimigo invisível, deves lutar sem cessar até que, por uma vitória completa, o caminho da perfeição esteja conquistado. Cada instante deve representar um avanço no caminho do Céu, e todo aquele que se detém, em vez de recobrar o fôlego e as forças, perde terreno e coragem. O conselho de avançar continuamente pretende impedir que imagines haver atingido o cume da perfeição, encorajar-te a aproveitar todas as

oportunidades de praticar novos atos de virtude e conservar em grau máximo o horror ao pecado.

Para que isso se realize, cada dever deve ser cumprido com o maior fervor e exatidão, e debes habituar-te à prática de todas as virtudes em todas as ocasiões. Abraça, portanto, cada oportunidade de avançar para a perfeição e a santidade, especialmente aquelas que forem difíceis, porque semelhantes esforços são muito eficazes para formar em pouco tempo hábitos virtuosos na alma. Ama também aqueles que te oferecem essas oportunidades, usando ao mesmo tempo de cautela diante de tudo quanto possa causar o menor prejuízo à castidade.

3. É necessário proceder com grande prudência e moderação no exercício de certas virtudes que podem prejudicar a saúde, como as disciplinas severas, os cilícios, os jejuns, as longas meditações e outras obras indiscretas de penitência. Em vez de serem procuradas com excessivo ardor, as virtudes exteriores devem ser praticadas gradualmente. As virtudes interiores, porém, como o amor de Deus, o ódio ao mundo, o desprezo de si mesmo, a contrição pelos pecados, a mansidão, a paciência e a caridade para com os inimigos, não conhecem limites e devem ser praticadas no grau mais eminente.
4. Faz com que todos os teus planos e esforços culminem na sujeição da paixão contra a qual combates, considerando essa vitória de máxima importância para ti e sumamente agradável a Deus. Quer comas, quer jejuas; trabalhando ou repousando; em casa ou fora dela; entregue à contemplação ou à ação, teu objetivo deve ser vencer essa paixão predominante e adquirir a virtude contrária.
5. Foge dos luxos e prazeres desta vida, e os ataques do vício serão enfraquecidos, pois sua força procede do amor ao prazer. Se, porém, te entregas a uma satisfação sensual enquanto evitas outra, e se fazes guerra a um só vício, tem por certo que, embora tuas feridas talvez não sejam graves, o encontro será violento e a vitória, duvidosa.

Conserva, portanto, diante dos olhos as palavras da Sagrada Escritura: “Quem ama sua vida perdê-la-á; e quem odeia sua vida neste mundo guardá-la-á para a vida eterna” [Jo 12,25]. “Portanto, irmãos,

não somos devedores à carne, para vivermos segundo a carne; pois, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras da carne, vivereis” [Rm 8,12-13].

6. Concluo com uma última exortação para que faça aquilo que, mesmo quando não for necessário, é muito salutar: uma confissão geral, acompanhada das devidas disposições, a fim de assegurar perfeita reconciliação com Deus, fonte de todas as graças, Doador das vitórias e Distribuidor das coroas.

As virtudes devem ser adquiridas uma por vez e gradualmente

Embora um verdadeiro servo de Jesus Cristo, aspirando às alturas da perfeição, não deva estabelecer limites ao progresso espiritual, precisa proceder com prudência diante dos excessos de fervor aos quais pode inclinar-se e que, no princípio, parecem suportáveis. O fervor inicial tende a arrefecer e pode extinguir-se por completo. Deve-se reconhecer, portanto, que, além dos métodos já recomendados para os exercícios exteriores, também as virtudes interiores só podem ser adquiridas gradualmente. Os fundamentos de uma piedade sólida e duradoura devem ser lançados com trabalho e cuidado; depois disso, poderemos esperar realizar em pouco tempo um progresso considerável.

Por exemplo, não debes tentar adquirir a paciência procurando imediatamente cruces nas quais te deleites, mas buscar antes os graus inferiores dessa grande virtude. Da mesma forma, não te empenhes simultaneamente em todas as espécies de virtude, nem mesmo em muitas delas; cultiva firmemente uma e depois outra, se desejas que esses hábitos se enraízem mais facilmente em tua alma. Ao procurar uma virtude particular e concentrar o pensamento em seu cultivo, a memória se exercitará mais intensamente nessa única direção; o entendimento, iluminado pelo auxílio divino, encontrará novos meios e motivos mais fortes para alcançá-la; e a própria vontade será fortalecida com novo ardor para persegui-la. Essa concentração das forças não é possível quando as três faculdades se encontram, por assim dizer, divididas entre diferentes objetos.

Além disso, os atos necessários para a formação do hábito virtuoso, ajudando-se mutuamente em direção ao mesmo fim, serão praticados com muito menor dificuldade, pois os atos posteriores deixarão uma impressão profunda no coração já devidamente preparado pelos anteriores.

A força dessas razões te parecerá ainda maior se refletires que todo aquele que se empenha vigorosamente na busca de uma virtude progride, mesmo sem perceber, na prática das demais. Além disso, quando uma delas é alcançada em grau eminente, introduz necessariamente grande perfeição nas outras, pois as virtudes, como os raios do sol, estão quase inseparavelmente unidas.

Do meio mais proveitoso para adquirir a virtude e do modo como devemos aplicar-nos por algum tempo a uma virtude particular

Às advertências anteriores devo acrescentar que, para alcançar uma piedade sólida, são absolutamente indispensáveis uma coragem intrépida e uma vontade resoluta, pois encontraremos inúmeras dificuldades e contradições. É igualmente necessário amar de modo particular a virtude, amor que nasce da reflexão frequente de que ela agrada a Deus, é admirável em si mesma e possui grande importância para o homem. Além disso, toda a perfeição cristã começa e termina na virtude.

Será da maior importância resolver todas as manhãs obedecer rigorosamente, durante o dia inteiro, aos preceitos da virtude escolhida, examinando com frequência como essas resoluções foram postas em prática. Essa regra se dirige ao cultivo da virtude que constitui o objeto imediato de nossos esforços e da qual temos maior necessidade. A ela devem ser relacionadas todas as reflexões tiradas dos exemplos dos Santos e nossas meditações sobre a vida e a morte do Salvador, que nos prestarão serviço imenso nesse combate espiritual.

Habituemo-nos à prática das virtudes exteriores e interiores, para encontrarmos nelas a mesma facilidade e satisfação que sentimos ao obedecer às tendências de nossa natureza corrompida. Os atos mais contrários a essas tendências são os que mais contribuem para estabelecer em nossas almas o hábito da virtude.

Certas passagens da Sagrada Escritura, pronunciadas com atenção ou consideradas com reverência, possuem eficácia semelhante. Devemos, portanto, conhecer bem os textos correspondentes à virtude em questão

e empregá-los frequentemente, sobretudo quando formos assaltados pela paixão predominante que lhe é oposta.

Aqueles que, por exemplo, procuram adquirir a mansidão e a paciência podem repetir estas ou outras passagens semelhantes:

“Suporta pacientemente a ira de Deus que cai sobre ti em castigo de teus pecados” [Br 4,25].

“A paciência do pobre não perecerá nem será privada de sua recompensa” [Sl 9,19].

“O homem paciente é melhor do que o valente; e aquele que domina o próprio espírito, melhor do que quem conquista cidades” [Pr 16,32].

“Por vossa paciência ganhareis vossas almas” [Lc 21,19].

“Corramos com paciência para o combate que nos está proposto” [Hb 12,1].

Também podemos empregar estas ou outras aspirações semelhantes: “Ó meu Deus, quando estarei armado da paciência como de um escudo contra as armas de meu inimigo? Quando Vos amarei de tal maneira que receba com alegria todas as aflições que Vos aprouver enviar-me? Ó Vida de minha alma, nunca começarei a viver unicamente para vossa glória, perfeitamente resignado diante de todos os sofrimentos? Como eu seria feliz se, na prova ardente da tribulação, me consumisse pelo desejo de ser inteiramente gasto em vosso serviço!”

Ofereçamos frequentemente semelhantes orações, segundo o sugerirem nossa devoção e nosso progresso na virtude. Elas se chamam jaculatórias porque, como dardos de fogo dirigidos ao Céu, elevam nosso coração à Bondade Divina quando são acompanhadas por duas qualidades que lhes servem de asas: a primeira é a convicção da alegria que Deus encontra ao ver-nos trabalhar para cultivar as virtudes; a segunda, um desejo sincero de sobressair em todas elas pelo único motivo de agradar-Lhe.

A prática da virtude exige aplicação constante

Entre todas as coisas que contribuem para alcançar nosso objetivo presente, isto é, a aquisição das virtudes cristãs, o desejo sincero de avançar continuamente é de máxima importância, pois a menor pausa nos retarda.

No momento em que deixamos de praticar atos de virtude, nossas inclinações, naturalmente voltadas para o descanso e os prazeres dos sentidos, despertam em nós apetites desordenados que derrubam ou ao menos enfraquecem os hábitos virtuosos. Isso sem contar a perda das incontáveis graças que poderíamos ter merecido mediante uma aplicação constante ao progresso espiritual.

Nisso se encontra a diferença entre uma viagem sobre a terra e aquela que conduz ao Céu. Na primeira, podemos parar sem receio de retroceder, e o repouso é necessário para conservarmos as forças até o fim do caminho; na segunda, porém, que conduz à perfeição, nossas forças crescem na proporção em que avançamos, pois os apetites inferiores, que colocam todos os obstáculos possíveis no caminho do Céu, enfraquecem gradualmente, enquanto nossas boas inclinações adquirem novo vigor.

Assim, à medida que avançamos na piedade, as primeiras dificuldades ficam para trás e cresce em nossa alma certo deleite com o qual Deus adoça as amarguras desta vida. Prosseguindo alegremente de virtude em virtude, chegamos enfim ao cume da montanha, o cume da perfeição, estado feliz em que a alma pratica a virtude não somente sem repugnância, mas com facilidade espontânea e prazer inefável. Vitoriosa sobre as paixões, sobre o mundo e sobre si mesma, ela vive em Deus e, por meio d'Ele, goza de serena paz no meio de seus contínuos trabalhos.

Da necessidade de aproveitar diligentemente todas as ocasiões de praticar a virtude, pois nosso progresso deve ser contínuo

Já demonstramos que a jornada para a perfeição deve ser assinalada por um avanço contínuo. Vigia, portanto, para não deixares passar ocasião alguma de adquirir uma virtude e guarda-te diligentemente da falta comum de evitar aquilo que contraria os afetos desordenados de nossa natureza, pois é combatendo-os que nos elevamos às virtudes heroicas.

Empregando o mesmo exemplo para ilustrar a aquisição da paciência, nunca evites as pessoas, as ocupações nem mesmo os pensamentos que para ti tenham sido fontes de grande impaciência. Habituar-te à pessoa que te parece mais desagradável e à tarefa que consideras mais penosa é o único meio de adquirir a paciência como hábito.

Se determinada ocupação, por sua própria natureza, por causa de quem a ordenou ou por ser contrária às tuas inclinações, provoca-te incômodo pessoal, não a abandones por nenhuma dessas razões. Demonstra coragem não somente aceitando alegremente a situação, mas perseverando nela apesar das irritações que surgirem e da satisfação que encontrarias em deixá-la.

O mesmo se pode dizer dos pensamentos particularmente penosos. Não se obtém vantagem alguma em ficar inteiramente livre deles, pois a inquietação que provocam te acostumará pouco a pouco a suportar as questões mais perturbadoras. Tem por certo, portanto, que quem te ensina um método contrário mostra-te realmente como evitar o incômodo que temes, mas não como alcançar a virtude que desejas.

Um soldado inexperiente que deseja adquirir prática deve proceder com muita discrição e cautela, adaptando as táticas de ataque e defesa à condição particular de suas forças e de sua coragem; jamais, porém, deve pensar em voltar as costas ou abandonar o combate, fugindo de todas as ocasiões de trabalho e irritação. Semelhante conduta talvez remova a ocasião imediata de impaciência, mas te deixará mais vulnerável do que nunca aos ataques, por falta do hábito da paciência.

O que foi discutido aqui não se aplica ao vício da impureza, que, como já observamos, somente pode ser vencido pela fuga.

Da necessidade de estimar todas as ocasiões de combater para adquirir as virtudes, especialmente aquelas que apresentam maiores dificuldades

Não devemos contentar-nos em receber passivamente as ocasiões de adquirir a virtude; ao contrário, devemos procurá-las ativamente, abraçá-las com prontidão quando as encontrarmos e encontrar alegria naquelas que trazem maior mortificação, pois são as mais proveitosas. Nada nos parecerá difícil, com o auxílio do Céu, se imprimirmos profundamente em nosso coração as considerações seguintes.

A primeira é que as ocasiões procuradas ativamente constituem os meios próprios, quando não necessários, para adquirir a virtude.

Por conseguinte, todas as vezes que pedimos a Deus uma virtude particular, pedimos simultaneamente os meios que Ele determinou para sua aquisição. De outro modo, nossa oração seria estéril e contraditória, e estaríamos tentando a Deus, que nunca concede a paciência senão por meio da tribulação, nem a humildade senão por meio da ignomínia.

O mesmo se pode dizer das demais virtudes, que são frutos das provações que Deus quer enviar-nos e que devemos estimar na proporção de sua severidade, pois a violência que fazemos a nós mesmos possui eficácia singular para formar na alma os hábitos virtuosos.

Tenhamos, portanto, o cuidado de mortificar a vontade, ainda que seja apenas reprimindo um olhar curioso ou uma palavra descuidada. Embora as grandes vitórias sejam mais honrosas, as pequenas são mais frequentes.

A segunda consideração, já mencionada, é que podemos tirar proveito de todas as coisas, pois todas se encontram sob a Providência de Deus. Na verdade, falando propriamente, não se pode dizer que fatos como os pecados dos homens aconteçam por vontade d'Aquele que abomina a iniquidade; entretanto, em certo sentido isso é verdadeiro, porque Aquele que tem poder para impedi-los permite que ocorram.

Quanto às nossas aflições, sejam causadas pela falta de um inimigo, sejam pela nossa, encontram-se, apesar disso, dentro dos desígnios de Deus. Por mais desagradável que seja sua causa imediata, Deus espera que as suportemos com paciência, seja porque constituem meios de nossa santificação, seja por outras razões que desconhecemos.

Se estamos convencidos, portanto, de que a perfeita conformidade com Sua santa Vontade envolve a aceitação paciente dos males que a malícia dos outros ou nossos próprios pecados atraem sobre nós, quão errados devem estar aqueles que, para disfarçar a impaciência, afirmam que um Deus infinitamente justo jamais pode estar relacionado com aquilo que procede de uma causa má.

É evidente que pretendem apenas conservar a tranquilidade pessoal e persuadir o mundo de que possuem o privilégio de rejeitar as cruzes que Deus Se compraz em enviar-lhes. Mas isso ainda não é tudo: mesmo que a situação fosse indiferente sob os demais aspectos, a alegria que Deus encontra ao ver-nos aceitar pacientemente um tratamento injusto, sobretudo da parte daqueles que têm obrigações para conosco, seria por si só razão suficiente para praticarmos essa virtude.

A primeira razão é que a soberba inata é reprimida mais eficazmente pelos maus-tratos recebidos dos outros do que por quaisquer mortificações voluntárias impostas por nós mesmos. A segunda é que, suportando pacientemente essas situações, conformamo-nos ao que Deus exige e contribuímos para Sua glória; harmonizamos nossa vontade com a Sua em circunstâncias nas quais Sua bondade e Seu poder se manifestam igualmente. Assim, de uma coisa tão vil como o pecado, recolhemos os excelentes frutos da virtude e da santidade.

Sabe, então, que tão logo Deus nos encontra resolvidos a alcançar uma virtude sólida, envia-nos provações da espécie mais severa. Convencidos de Seu imenso amor por nós e de Sua solicitude paternal por nosso progresso espiritual, devemos beber com gratidão até as últimas gotas do cálice que Ele Se digna oferecer-nos, confiantes de que seu proveito será proporcional à sua amargura.

Do modo como podemos exercitar a mesma virtude em diferentes ocasiões

Em um capítulo anterior, dissemos que a aplicação a uma virtude particular é preferível à tentativa de praticar muitas ao mesmo tempo; dissemos também que a virtude particular na qual concentramos nossas energias deve ser cultivada em todas as ocasiões. Exporemos agora como isso pode ser feito com grande facilidade.

É possível que, no mesmo dia e talvez na mesma hora, sejas severamente repreendido por uma ação louvável em si mesma, caluniado numa conversa ou que te recusem asperamente algum pequeno favor. Talvez recaiam sobre ti suspeitas injustas, talvez te confiem uma ocupação desagradável ou até te sirvam uma refeição mal preparada; talvez sejas oprimido por uma enfermidade ou por algum dos males muito maiores dos quais esta miserável existência está repleta. Em semelhante conjunto de contrariedades, há sem dúvida ocasião para exercitar várias virtudes; mas, segundo a regra anteriormente estabelecida, será mais proveitoso limitar teus esforços à virtude que mais desejas adquirir.

Se for a paciência, esforça-te por suportar com coragem pronta os males que te sobrevêm. Se for a humildade, recorda em todos os sofrimentos que eles são muito menores do que mereces. Se for a obediência, resigna tua vontade à Vontade de Deus, que te castiga com justiça.

Por amor a Ele, submete-te não somente às criaturas racionais, mas também às circunstâncias que servem de instrumentos à Justiça Divina. Se for a pobreza, permanece contente em tua aflição, ainda que estejas privado dos confortos e das comodidades da vida. Se for a caridade,

esforça-te por praticar atos de amor a Deus e ao próximo, recordando que aqueles que provam tua paciência te oferecem uma oportunidade de aumentar teu mérito. Lembra-te ainda de que Deus, ao enviar ou permitir os males que te cercam, não tem outro propósito senão teu bem espiritual.

O que dissemos sobre o exercício da virtude em diferentes situações pretende indicar um método para praticá-la numa ocasião particular, como uma doença ou enfermidade do corpo ou da mente.

Capítulo XL

Do tempo que deve ser empregado na aquisição de cada virtude e dos sinais de nosso progresso

É impossível estabelecer de modo geral um período determinado para a aquisição de cada virtude, pois isso depende de nossos diferentes estados e disposições, do progresso na vida devota e da orientação do guia espiritual. É certo, porém, que, se não nos faltarem a diligência e o ardor anteriormente recomendados, faremos considerável progresso em poucas semanas.

Um sinal seguro de verdadeiro avanço é a perseverança nos exercícios de piedade apesar de todo desgosto, irritação e aridez, e mesmo na ausência de qualquer consolação sensível. Outro sinal não menos evidente é a incapacidade de nossas inclinações corrompidas, dominadas e governadas pela razão, interromperem-nos na prática da virtude. À medida que essas inclinações diminuem, a virtude ganha força e lança raízes mais profundas em nossa alma. Por isso, quando já não sentimos repugnância por parte dos apetites inferiores, podemos estar certos de ter adquirido a virtude como hábito; e, quanto maior for nossa facilidade em praticar determinados atos, tanto mais perfeito será esse hábito.

Não deves imaginar, contudo, que chegaste a um grau eminente de santidade ou que tuas paixões foram inteiramente subjugadas apenas porque, durante muito tempo, não percebeste resistência em muitas provas. Frequentemente o inimigo e nossa própria natureza corrompida se disfarçam por algum tempo, e assim, movidos por uma soberba secreta, tomamos por virtude aquilo que na realidade é re-

sultado do vício. Além disso, se considerares o grau de perfeição ao qual Deus te chamou, perceberás que tuas ações passadas ficam muito aquém desse objetivo. Persevera, portanto, em teus exercícios como se apenas começasses, sem jamais permitir que diminua o primeiro fervor.

Recorda que é infinitamente melhor avançar na virtude do que ocupar-te em examinar minuciosamente o progresso já realizado. Deus, único a conhecer nosso coração, revela seu segredo a alguns e o oculta de outros, levando em consideração a propensão particular de cada um para a vaidade ou para a humildade. Desse modo, o Pai, igualmente bondoso e sábio, retira dos fracos aquilo que poderia ocasionar-lhes a ruína e concede aos fortes os meios de avançar na virtude. Ainda que a alma não perceba seu progresso, não deve abandonar os exercícios de devoção, pois Deus Todo-Poderoso o manifestará no tempo mais conveniente para seu maior bem.

Da necessidade de moderar o desejo de sermos libertados dos males suportados com paciência e do modo de regular nossos desejos

Quando estiveres sob o peso de qualquer aflição, exercita a paciência, desprezando as sugestões do amor-próprio e ignorando o tentador, que desperta desejos urgentes de libertação. Dessa impaciência nascerão dois grandes males. Primeiro, embora talvez não percas inteiramente o hábito da paciência, permanecerá em ti uma disposição infeliz para a impaciência. Segundo, tua própria paciência será imperfeita e tua recompensa se limitará ao tempo durante o qual a praticaste; ao passo que, se não tivesses procurado alívio e houvesse manifestado inteira resignação à Vontade Divina, Deus recompensaria como anos inteiros tua disposição para sofrer, mesmo que a tribulação durasse apenas quinze minutos.

Estabelece, portanto, como regra geral nada desejar senão em conformidade com a Vontade de Deus e formar todos os teus desejos em harmonia com a Sua. Assim dirigidos para o verdadeiro fim, eles serão sempre justos e santos, e tu permanecerás tranquilo na alegria de uma serenidade perfeita. Com efeito, se todas as coisas são governadas pela Providência e tua vontade está inteiramente conforme a ela, tudo sucederá segundo teus desejos, porque nada poderá acontecer que não seja agradável à tua vontade.

O que propomos aqui não se refere aos nossos pecados nem aos pecados dos outros, pois o próprio pecado é objeto da máxima aversão

do Todo-Poderoso. Trata-se antes dos sofrimentos que constituem castigo das ofensas ou provações da virtude, sejam eles dores que dilaceram o coração ou perigos para a própria vida. Essas são as cruzes com que Deus favorece aqueles a quem mais ama.

Se procurares aliviar tua dor e empregares sem êxito os meios ordinários para esse fim, deves resolver-te a suportar pacientemente o mal que não podes remediar. Tens até a obrigação de recorrer aos meios que sejam louváveis em si mesmos e determinados por Deus para semelhantes necessidades. Emprega-os, porém, porque Ele assim os ordenou, e não por apego a ti mesmo ou por um desejo excessivamente ardente de te libertares das aflições.

Da defesa contra os artifícios do demônio quando ele sugere devoções indiscretas

Quando o demônio, serpente astuta, percebe que avançamos corajosamente para o Céu, que todos os nossos desejos tendem somente a Deus e que estamos fortificados contra as ilusões satânicas ordinárias, transforma-se em Anjo de luz. Incita-nos a alcançar a perfeição, impelindo-nos cegamente e sem a menor consideração por nossa fraqueza.

Enche nossa mente de pensamentos devotos, apoiando-os com passagens da Sagrada Escritura e exemplos dos maiores Santos, para nos levar, por meio de um fervor indiscreto e precipitado, a alguma queda vergonhosa.

Por exemplo, persuade-nos a castigar o corpo com jejuns excessivos, disciplinas e outras mortificações semelhantes, para que, depois de nos convencer de que realizamos maravilhas, faça-nos cair vítimas da vaidade, como acontece frequentemente entre o sexo mais fraco.

Ou espera que, abatidos por obras de penitência superiores às nossas forças, fiquemos incapazes de realizar qualquer exercício de devoção; talvez espere ainda que, já não podendo suportar tais rigores e cansados da prática da virtude, regressemos às vaidades do mundo com apego maior do que antes.

Quem poderá contar as multidões que desse modo pereceram? A pressunção cegou-as de tal forma que, arrebatadas por um zelo indiscreto de sofrer, caíram na armadilha que elas mesmas ajudaram a preparar e se tornaram objeto de escárnio dos demônios.

Tudo isso poderia ter sido evitado se houvessem considerado que, em todas essas mortificações, por mais louváveis que sejam em si mesmas e por mais excelentes frutos que produzam, é necessário observar a moderação e respeitar rigorosamente a capacidade de cada pessoa.

Nem todos são capazes de praticar as austeridades dos Santos; todos, porém, podem imitá-los em muitas coisas. Podem formar desejos ardentes e eficazes de participar de todas as coroas gloriosas conquistadas pelos fiéis soldados de Jesus Cristo em seus combates; podem imitar os Santos no desprezo de si mesmos e do mundo, no silêncio e no retiro, na humildade e na caridade para com todos, na paciente tolerância das maiores injúrias, na retribuição do bem ao mal recebido dos piores inimigos e no cuidado de evitar as menores faltas. Todas essas coisas possuem, aos olhos de Deus, mérito infinitamente maior do que todas as severidades corporais que pudéssemos praticar.

Deve-se observar igualmente que, no princípio, convém usar de moderação nas penitências exteriores. É melhor conservar a possibilidade de aumentá-las quando necessário do que, por um zelo imprudente, arriscar-nos a perder a capacidade de praticar qualquer uma delas. Menciono isso porque estou disposto a crer que não sucumbas ao erro grosseiro de fazer da saúde um ídolo. As pessoas desse gênero vivem temendo a menor irregularidade e dedicam todo o estudo e todas as conversas aos meios de evitar enfermidades. Extremamente exigentes em relação à alimentação, muitas vezes arruinam o estômago, em vez de fortalecê-lo, pelo uso contínuo de alimentos selecionados; apesar disso, querem fazer o mundo acreditar que não têm outro objetivo senão conservar-se para a glória de Deus.

Assim disfarçam a sensualidade, quando seu verdadeiro desígnio é unir dois inimigos irreconciliáveis: a carne e o espírito. Semelhante conduta termina inevitavelmente na ruína da saúde e da devoção, que sofrem igualmente por causa dessa ilusão. Por conseguinte, realizam os maiores e mais seguros progressos na vida devota aqueles que vivem de maneira simples e sem pretensões.

Em todas as coisas, contudo, deve-se empregar a discrição e atender às exigências das diferentes constituições, pois nem todas são igualmente apropriadas aos mesmos exercícios. Isso deve ser entendido não apenas das mortificações exteriores, mas também das disciplinas da mente, como já discutimos ao tratar do método para adquirir gradualmente as virtudes mais elevadas.

Da inclinação de nossa natureza corrompida, estimulada pelo demônio, para o juízo temerário, e do remédio contra esse mal

A complacência presunçosa em nós mesmos é responsável por outra grande desordem, o juízo temerário. Esse vício, que não apenas favorecemos em nós, mas também transmitimos aos outros, nasce e se alimenta da soberba; e, à medida que o acolhemos, crescem nossa presunção e o perigo de sermos ainda mais enganados pelo demônio. Pouco a pouco, atribuímos a nós mesmos aquilo que subtraímos dos outros, imaginando insensatamente que estamos livres dos pecados pelos quais tão prontamente condenamos o próximo.

Tão logo o inimigo de nossas almas descobre essa tendência maliciosa, emprega todos os artifícios para tornar-nos atentos às faltas alheias e aumentá-las inteiramente fora de proporção. Quando não encontra um defeito mais evidente, desce a profundezas inexprimíveis para fazer-nos perceber a mais insignificante falta do próximo.

Uma vez que ele é tão perversamente hábil e tão empenhado em nossa ruína, devemos vigiar com igual cuidado para descobrir e derrotar seus desígnios. Quando nos sugere os pecados alheios, devemos expulsar tais pensamentos; e, se insiste em nos enganar para formarmos juízos temerários, cultivemos profunda aversão por essas insinuações maliciosas. Recordemos que ordinariamente não temos autoridade para julgar os outros e que, mesmo quando a temos, raramente somos guiados pela equidade, cegos como estamos pelos preconceitos e pelas paixões e inclinados a atribuir os piores motivos aos pensamentos e às ações alheias.

O remédio mais eficaz contra esse mal é a consciência constante de nossa própria miséria. Quando descobrimos em nós tantas coisas a corrigir, resta-nos pouca inclinação para julgar e condenar os outros. Além disso, procurando diligentemente nossas próprias faltas, libertaremos a mente de certa malícia que constitui a fonte do juízo temerário. Quem condena injustamente o próximo tem boas razões para suspeitar que ele mesmo é culpado do mesmo crime, pois os homens viciosos tendem a imaginar que os outros lhes são semelhantes.

Quando, portanto, nos sentirmos inclinados a condenar alguém, acusemo-nos interiormente com esta justa repreensão: “Miserável cego e presunçoso, como ousas examinar temerariamente as ações de teu próximo, tu que deves responder pelos mesmos pecados e talvez por outros ainda maiores?” Desse modo, voltando essas armas contra nós mesmos, aquilo que poderia prejudicar o próximo se torna proveitoso para nós.

Mesmo quando a falta do próximo for publicamente conhecida, permita a caridade que encontremos alguma desculpa. Acreditemos que nele existam virtudes ocultas, para cuja conservação Deus Se digna permitir a deficiência conhecida; e esperemos que a falta na qual Deus o deixa permanecer por algum tempo possa afinal conduzi-lo ao verdadeiro conhecimento de si mesmo, para que, desprezado pelos outros, aprenda a humildade. Semelhante derrota será, na realidade, uma vitória.

Quando o pecado, além de conhecido por todos, for de extrema gravidade e o pecador permanecer endurecido e impenitente, elevemos o coração ao Céu, em reverência à insondável sabedoria de Deus. Recordemos que muitos saíram das profundezas da depravação para se tornarem Santos, enquanto outros caíram de alturas angélicas de perfeição para abismos satânicos de pecado.

Essas reflexões devem convencer toda pessoa sensata de que a crítica mordaz precisa começar por ela mesma. Se alguém percebe em si uma disposição favorável para com o próximo, deve-a à inspiração do Espírito Santo; seus juízos temerários, porém, assim como a aversão e o desprezo pelos outros, nascem de sua própria malícia e das sugestões do demônio.

Recordemos, então, que, sempre que nos descobrirmos atentos em excesso às faltas alheias, não devemos cessar o combate até havê-las apagado inteiramente da memória.

Da oração

Já demonstramos que a desconfiança de nós mesmos, a confiança em Deus e o emprego correto das faculdades da alma são armas indispensáveis para alcançar a vitória no combate espiritual. Há, contudo, uma arma de importância ainda maior: a oração, pois por meio dela se obtêm não somente as virtudes acima mencionadas, mas tudo quanto é necessário para nossa salvação. A oração é o canal de toda graça divina; por ela, Deus Se deixa, por assim dizer, obrigar a conceder-nos a força do Céu e a destruir, por meio de nossas frágeis mãos, os mais ferozes inimigos. Para recebermos da oração todo o seu fruto, devemos observar o método seguinte.

1. Devemos desejar sinceramente servir a Deus com ardente fervor e da maneira que mais Lhe agrada. Esse desejo se acenderá em nosso coração se considerarmos atentamente três coisas. A primeira é que Deus Todo-Poderoso merece nossa homenagem e nosso serviço em razão da excelência de Seu Ser soberano, de Sua bondade, beleza, sabedoria e poder, bem como de Sua perfeição inefável e infinita. A segunda é que Deus, no Céu, Se fez homem na terra e consagrou uma vida de trinta e três anos à obra de nossa salvação. Dignou-Se tratar nossas feridas com as próprias mãos e curá-las não com óleo e vinho, mas com Seu Sangue Precioso e Seu Corpo Imaculado, dilacerado e desfigurado por cruéis açoites, espinhos e cravos. A terceira é o reconhecimento de nossa obrigação de observar Sua lei e cumprir cada dever, pois esse é o único caminho pelo qual podemos esperar triunfar sobre o demônio, tornar-nos senhores de nós mesmos e filhos de Deus.

2. Devemos ter fé viva e ardente e firme confiança de que Deus não recusará o auxílio necessário para O servirmos fielmente e realizarmos nossa salvação. Uma alma reanimada por essa santa confiança é semelhante a um vaso sagrado no qual a Misericórdia Divina derrama os tesouros de Sua graça; e, quanto maior o vaso, tanto mais abundantes serão as bênçãos celestes recebidas pela oração. Como poderia Deus, cujo poder não conhece limites e cuja bondade é incapaz de enganar, recusar Seus dons àqueles que Ele mesmo encorajou a pedir e a cuja perseverança e fé prometeu as bênçãos do Espírito Santo?
3. O motivo de nossa oração deve ser a Vontade de Deus, e não a nossa. Devemos aplicar-nos a esse dever divinamente estabelecido porque Ele o ordenou, e não devemos desejar senão aquilo que estiver em perfeita conformidade com Seu desígnio. Assim, nossa intenção não será tornar a Vontade Divina serva da nossa, mas transformar a vontade humana para que se harmonize inteiramente com a Divina. A razão dessa humilde submissão à Vontade de Deus é a perversidade da nossa, manchada por um amor-próprio cego. Guiados apenas por nós mesmos, erraríamos e tropeçaríamos; a Vontade de Deus, porém, essencialmente justa e santa, não pode enganar-se. Portanto, a Vontade de Deus deve ser a vontade dos homens, pois deixar de segui-la significa extraviar-se. Cuidemos, então, com a maior solicitude, para que todas as nossas súplicas sejam agradáveis a Deus; e, se houver dúvida sobre a concordância entre a vontade humana e a Divina, acompanhemos nossos pedidos de humilde submissão à Divina Providência. Se, porém, as coisas que pedimos forem agradáveis a Deus por sua própria natureza, como a graça e a virtude, supliquemo-las com o propósito de agradar e servir à Sua Divina Majestade, e não por qualquer outra consideração, por mais louvável que seja.
4. Se desejamos que nossas orações sejam eficazes, nossas ações devem corresponder aos pedidos e devemos empregar grande energia para nos tornarmos dignos dos favores que suplicamos. A oração e a mortificação interior são inseparáveis; quem pede uma virtude particular sem realizar um esforço sério para praticá-la apenas tenta a Deus.

5. Antes de pedirmos qualquer coisa a Deus, devemos agradecer-Lhe com profunda humildade os incontáveis benefícios que graciosa-mente nos concedeu. Digamos-Lhe: “Ó Senhor, que, depois de me criardes, pagastes misericordiosamente o preço de minha Redenção e me livrastes do furor de inúmeros inimigos, vinde agora em meu auxílio; esquecendo minha ingratidão passada, concedei-me o favor que agora Vos peço.”

Se, no momento em que procuramos adquirir determinada virtude, formos tentados pelo vício contrário, agradeçamos a Deus por nos conceder a oportunidade de praticar a virtude desejada e consideremos a ocasião como um favor.

6. Uma vez que toda a força e eficácia da oração se atribuem somente à bondade de Deus, devemos recordar constantemente, ao concluir nossas súplicas, os méritos da vida e da Paixão de nosso Salvador e Sua promessa de ouvir bondosamente nossos pedidos, empregando uma destas ou outras frases semelhantes:

A. “Suplico-Vos, ó Senhor, por vossa infinita misericórdia, que atendeis meu pedido.”

B. “Pelos méritos de vosso Filho, concedei-me este favor.”

C. “Recordai, ó Deus, vossas promessas e escutai minhas orações.”

Podemos igualmente recorrer à intercessão da Mãe Santíssima e dos outros Santos, pois eles muito podem junto de Deus, que Se compraz em honrá-los na proporção da honra que Lhe prestaram sobre a terra.

7. Devemos perseverar na oração, pois Deus certamente não desprezará nossa humilde constância. Se as súplicas da viúva do Evangelho prevaleceram diante do juiz perverso, como poderiam as nossas ser ignoradas por Deus, que é infinitamente bom? Portanto, ainda que os favores não sejam concedidos imediatamente e pareçam até ser ignorados por Deus, não devemos perder a confiança em Sua bondade infinita nem abandonar a oração. Deus possui imenso poder e a vontade de conceder-nos as coisas que favorecem nosso bem definitivo. Se não houver falta de nossa parte, alcançaremos inevitavelmente aquilo que pedimos, algo melhor ou talvez ambas as coisas. Quanto mais, por nossa rudeza, nos julgarmos desprezados por Deus, tanto mais de-

vemos desprezar a nós mesmos; mas, ao considerarmos nossa miséria, contemplemos também a Misericórdia Divina e, longe de diminuir nossa confiança n'Ele, aumentemo-la. Quanto mais firmes permanecermos nas situações acompanhadas de temor e desconfiança, tanto maior será nosso mérito.

Por fim, jamais deixemos de agradecer a Deus, bendizendo igualmente Sua sabedoria, Sua bondade e Sua caridade, quer Ele conceda, quer recuse nosso pedido. Aconteça o que acontecer, permaneçamos serenos, contentes e resignados à Divina Providência em todas as coisas.

Da oração mental

A oração mental é a elevação de nossa mente a Deus, pedindo-Lhe expressa ou tacitamente as coisas de que necessitamos. Pedimos expressamente quando dizemos em nosso coração: “Ó meu Deus, concedei-me este pedido para a honra de vosso Santo Nome”; ou: “Senhor, estou firmemente convencido de que este pedido está conforme à vossa Vontade e contribui para vossa maior honra; realizai, portanto, em mim vossa Vontade Divina.”

Quando formos perseguidos pelos ataques do inimigo, digamos: “Vinde depressa em meu auxílio, ó Senhor, para que eu não caia vítima de meu inimigo”; ou: “Ó Deus, meu refúgio e minha força, socorrei-me prontamente, para que eu não pereça.” Enquanto a tentação continuar, devemos perseverar na mesma oração, resistindo corajosamente ao adversário; e, quando passar o furor do combate, dirijamo-nos ao Todo-Poderoso e supliquemos-Lhe que considere nossa fraqueza diante da força do inimigo: “Vede, meu Deus, vossa criatura, obra de vossas mãos, um homem redimido por vosso Sangue Precioso. Vede Satanás procurando afastá-lo de Vós para destruí-lo inteiramente. É a Vós que recorro em busca de auxílio e em Vós deposito toda a minha confiança, pois sei que somente Vós sois infinitamente bom e poderoso. Compadecei-Vos de uma criatura miserável que, embora por própria vontade, caminha cegamente para a senda de seus inimigos, como fazem todos os que abandonam o auxílio de vossa graça. Socorrei-me, portanto, minha única esperança e única força de minha alma!”

Pedimos tacitamente os favores de Deus quando Lhe apresentamos nossas necessidades sem formular pedido particular algum. Colocando-

nos em Sua Divina presença, reconhecemos nossa incapacidade de evitar o mal ou praticar o bem sem Seu auxílio e, ao mesmo tempo, inflamamo-nos do desejo de servi-Lo. Assim devemos conservar os olhos fixos n'Ele, aguardando Seu socorro com confiança sem limites e inteira humildade.

A confissão de nossa fraqueza e o desejo de servi-Lo, unidos a esse ato de fé, constituem uma oração silenciosa que alcançará infalivelmente do Céu aquilo de que necessitamos. Quanto mais sincera for a confissão, mais ardente o desejo e mais viva a fé, tanto maior será a eficácia da oração diante do trono de Deus.

Há outro método de oração semelhante a esse, mas ainda mais breve, pois consiste num único ato da alma. Ela apresenta seu pedido ao Todo-Poderoso, voltando a atenção para um favor já solicitado e ainda desejado, embora não o formule novamente com palavras.

Esforcemo-nos por cultivar essa espécie de oração e empregá-la em todas as ocasiões, pois a experiência nos convencerá de que nada é mais fácil e, ao mesmo tempo, nada mais excelente e eficaz.

Da meditação

Quando se deve empregar um tempo considerável em oração, é aconselhável meditar sobre algum aspecto da vida ou da Paixão de nosso Salvador; as reflexões que naturalmente nascerem dessa meditação devem depois ser aplicadas à virtude particular que procuramos adquirir.

Se, por exemplo, necessitas de paciência, contempla o mistério do Salvador flagelado junto à coluna. Considera primeiro os golpes e insultos lançados contra Ele pelos soldados quando arrastam brutalmente a Vítima inocente até o lugar determinado pelas ordens recebidas. Em segundo lugar, contempla-O despojado das vestes e exposto ao frio penetrante. Em terceiro, imagina aquelas mãos inocentes fortemente atadas à coluna. Em quarto, considera Seu Corpo dilacerado pelos açoites, até que Seu Sangue umedeça a terra. Por fim, contempla a sucessão dos golpes, que abrem novas feridas e tornam a rasgar as antigas naquele Corpo Sagrado.

Detendo-te nesses ou em outros pormenores semelhantes, próprios para inspirar-te o amor à paciência, procura sentir no íntimo da alma a angústia inexprimível que teu Divino Mestre suportou com tanta paciência. Considera depois a dor dilacerante de Seu espírito e a paciência e mansidão com que foi suportada por Aquele que estava pronto a padecer ainda mais pela glória de Deus e por teu bem.

Contempla então teu Mestre coberto de Sangue e nada desejando com maior ardor do que tua aceitação paciente das aflições; tem por certo que Ele suplica ao Pai Celeste o auxílio necessário para que suportes com resignação não somente a cruz presente, mas também as que virão. Fortalece, portanto, por atos frequentes, tua resolução de

sofrer com alegria e, elevando a mente ao Céu, dá graças ao Pai das Misericórdias, que enviou Seu Filho único a este mundo para suportar tormentos indescritíveis e interceder por ti em tuas necessidades.

Conclui a meditação suplicando ao Pai que te conceda a virtude da paciência pelos méritos e pela intercessão desse Filho muito amado, em Quem Ele pôs toda a Sua complacência.

Outro método de meditação

Há outro método de oração e meditação além daquele a que acabamos de nos referir. Nele, depois de considerares os pungentes sofrimentos de teu Salvador e a paciência com que os suportou, passas a duas outras considerações de igual importância.

A primeira é a consideração dos méritos infinitos de Cristo; a segunda, a satisfação e a glória que o Pai eterno recebeu de Sua obediência, obediência levada até a morte, e morte de Cruz.

Deves apresentar essas duas considerações à Majestade Divina como dois meios poderosos para alcançar a graça que procuras. Esse método se aplica não somente a todos os mistérios da Paixão de nosso Senhor, mas também a cada ato exterior ou interior que Ele praticou durante Sua Paixão.

Método de oração fundado na intercessão da Santíssima Virgem

Além dos métodos de meditação já mencionados, há outro que se dirige particularmente à Santíssima Virgem. Consideramos primeiro o Pai eterno, depois Jesus Cristo, nosso Senhor, e por fim a Mãe Santíssima.

Em relação ao Pai eterno, há duas considerações. A primeira é o singular amor que, desde toda a eternidade, Ele dedicou a essa Virgem puríssima, escolhida para ser a Mãe de Seu Divino Filho. A segunda é a santidade eminente que Se dignou conceder-lhe e as numerosas virtudes que ela praticou durante a vida.

Ao meditares sobre o amor do Pai eterno por Nossa Senhora, começa elevando a mente acima de todos os seres criados; dirige o olhar para as vastas extensões da eternidade, entra no Coração de Deus e contempla com que deleite Ele via aquela que um dia se tornaria a Mãe de Seu Filho. Suplica-Lhe, por esse mesmo deleite, que te conceda força suficiente contra teus inimigos, especialmente aqueles que mais gravemente te afligem. Contempla depois as virtudes e as ações heroicas dessa Virgem incomparável e oferece cada uma delas, ou todas juntas, a Deus, pois possuem tal eficácia que podem alcançar para ti o auxílio divino em tuas necessidades particulares.

Depois, dirige-te a Jesus, suplicando-Lhe que Se recorde daquela Mãe amorosa que durante nove meses O carregou no seio e que, desde o momento de Seu nascimento, prestou-Lhe a mais profunda adoração. Assim reconhecia que aquele Menino era ao mesmo tempo Deus e homem, seu Criador e seu Filho. Com compaixão, viu-O pobremente abrigado num estábulo humilde, alimentou-O com seu leite puríssimo,

beijou-O e abraçou-O mil vezes com ternura maternal e, tanto durante a vida quanto na morte d'Ele, padeceu por Ele além de toda expressão. Apresenta esse quadro ao Salvador, para que Se deixe, por assim dizer, constranger por motivos tão poderosos a escutar tuas orações.

Recorre à própria Santíssima Virgem, recordando-lhe a missão que recebeu desde toda a eternidade de ser a Mãe de Misericórdia e o refúgio dos pecadores, e declara que, depois de seu Divino Filho, depositas a maior confiança em sua intercessão. Apresenta-lhe a verdade afirmada pelos doutos e confirmada por milagres, segundo a qual ninguém jamais a invocou com fé viva e ficou sem auxílio.

Por fim, recorda-lhe os sofrimentos de seu Filho por tua salvação, para que ela alcance d'Ele a graça necessária para aproveitares devidamente esses padecimentos em maior glória daquele amoroso Salvador.

Algumas considerações para despertar a confiança no auxílio da Santíssima Virgem

Quem deseja recorrer confiantemente à Santíssima Virgem deve considerar os motivos seguintes.

1. A experiência ensina que um vaso no qual se guardaram perfumes conserva seu aroma, sobretudo se o perfume ali permaneceu por muito tempo ou se ainda resta alguma porção dele; trata-se, contudo, de uma eficácia limitada, semelhante ao calor comunicado pelo fogo, que é sua fonte.

Se isso acontece, que devemos dizer da caridade e da compaixão da Santíssima Virgem, que durante nove meses carregou e ainda conserva em seu Coração o Filho único de Deus, Caridade incriada que não conhece limites? Se todas as vezes que nos aproximamos do fogo sentimos seu calor, não temos razões para crer que quem se aproxima do Coração da Mãe de Misericórdia, sempre abrasado em sua ardentíssima caridade, há de sentir profundamente seus efeitos, na proporção da frequência de suas súplicas e da humildade e confiança de seu coração?

2. Nenhuma criatura jamais amou Jesus Cristo com maior ardor nem demonstrou submissão mais perfeita à Sua Vontade do que Maria, Sua Mãe. Se, portanto, esse Salvador, imolado por nós pecadores, deu-nos Sua Mãe como advogada e intercessora para sempre, ela não pode deixar de corresponder ao pedido d'Ele e não nos recusará seu auxílio. Não hesitemos, pois, em implorar-lhe compaixão e recorramos a ela com grande confiança em todas as necessidades, porque é fonte inesgotável de bênçãos e concede seus favores na proporção da confiança que nela depositamos.

Método de meditação e oração que recorre à intercessão dos Santos e dos Anjos

Podem ser empregados os dois métodos seguintes para alcançar a proteção dos Santos e dos Anjos.

O primeiro consiste em dirigir-te ao Pai eterno, apresentando-Lhe os hinos dos coros celestes, os trabalhos, as perseguições e os tormentos suportados pelos Santos na terra por amor a Ele. Recordando então a fidelidade e o amor deles, suplica-Lhe que atenda teus pedidos.

O segundo método consiste em invocar os Anjos, espíritos bem-aventurados que desejam ardentemente não apenas nossa perfeição terrena, mas uma perfeição ainda maior no Céu. Suplica-lhes com fervor que te auxiliem a subjugar as inclinações perversas e vencer os inimigos de tua salvação, e pede-lhes que se recordem particularmente de ti na hora da morte.

Considera por vezes as graças extraordinárias que Deus concedeu aos Santos e aos Anjos e alegra-te como se houvessem sido concedidas a ti mesmo. Melhor ainda, seja tua alegria maior por Ele ter dado tais favores a eles, e não a ti, pois essa foi Sua Vontade; bendize e louva a Deus pelo cumprimento de Seu desígnio divino.

Para facilitar a regularidade e a prática desse exercício, seria conveniente dedicar os diferentes dias da semana às diferentes ordens dos Bem-aventurados. No domingo, implora a intercessão dos nove Coros Angélicos; na segunda-feira, invoca São João Batista; na terça-feira, os Patriarcas e Profetas; na quarta-feira, os Apóstolos; na quinta-feira, os Mártires; na sexta-feira, os Bispos e Confessores; e no sábado, as Virgens e os demais Santos. Não deixes, porém, passar um só dia sem

implorar o auxílio de Nossa Senhora, Rainha de todos os Santos, de teu Anjo da Guarda, do glorioso Arcanjo São Miguel e de qualquer outro Santo pelo qual tenhas devoção particular.

Além disso, suplica todos os dias ao Pai eterno, a Seu Divino Filho e à Santíssima Virgem que te coloquem particularmente sob a proteção de São José, digno esposo da mais casta das Virgens. Dirige-te depois a esse amoroso protetor e pede-lhe, com grande humildade, que te receba sob seus cuidados. São incontáveis os exemplos do auxílio prestado àqueles que invocaram São José em suas necessidades espirituais ou temporais, especialmente quando precisavam da luz do Céu e de orientação nas orações. Se Deus demonstra tanta consideração pelos outros Santos que O amaram e serviram neste mundo, quanto respeito e deferência não manifestará Àquele a quem tanto honrou a ponto de prestar-lhe homenagem e obediência filiais?

Meditação sobre os sofrimentos de Cristo e os sentimentos que devemos extrair de sua contemplação

O que prescrevi anteriormente sobre o método de rezar e meditar a respeito dos sofrimentos de nosso Senhor e Salvador referia-se somente à súplica das coisas de que necessitamos; agora devemos passar aos sentimentos que convém despertar por meio de nossas considerações. Por exemplo, se escolheste como tema de meditação a Crucifixão e as circunstâncias que a acompanharam, podes deter-te nos pontos seguintes.

Considera primeiro a chegada de Jesus ao monte Calvário. Seus algozes O despojaram brutalmente, arrancando as vestes que estavam coladas à carne aberta de Seu Corpo dilacerado. Considera depois as novas feridas produzidas em Sua Cabeça Sagrada pela coroa de espinhos, retirada e novamente colocada por Seus carrascos bárbaros. Contempla-O em seguida pregado à Cruz com cravos atravessados na carne e na madeira pelos golpes de um grande martelo. Considera que Suas mãos, não alcançando os lugares preparados para elas, foram estendidas com tanta violência que todos os Seus ossos se desconjuntaram, permitindo ao observador contá-los um a um [Sl 21,18]. Pensa então no momento em que a Cruz foi levantada e no peso do Corpo de Cristo apoiado sobre os cravos, que rasgavam feridas abertas em Suas mãos e em Seus pés e Lhe causavam dores lancinantes.

Se, por meio dessas e de outras considerações semelhantes, desejas acender em teu coração as chamas do amor divino, procura alcançar pela meditação um conhecimento sublime da infinita bondade do

Salvador, que por ti Se dignou padecer tanto. Quanto mais avançares no conhecimento de Seu amor por ti, tanto maior será teu amor e afeto por Ele. Convencido de Sua extraordinária caridade, conceberás naturalmente uma dor sincera por haver ofendido tantas vezes e tão gravemente Aquele que Se ofereceu em sacrifício por tuas culpas.

Passa então a praticar atos de esperança, considerando que esse grande Deus na Cruz não teve outro desígnio senão arrancar o pecado do mundo, libertar-te do demônio, expiar teus crimes, reconciliar-te com Seu Pai e proporcionar-te um recurso para todas as necessidades. Se, depois de contemplar Sua Paixão, considerares seus efeitos, tua tristeza se transformará em alegria. Observa que, pela morte de Cristo, os pecados da humanidade foram apagados, a ira do soberano Juiz foi aplacada, os poderes do inferno foram derrotados, a própria morte foi vencida e os lugares dos Anjos caídos foram preenchidos no Céu. A alegria nascida dessas reflexões aumentará quando pensares no júbilo com que a Santíssima Trindade, a Santíssima Virgem e a Igreja Militante e Triunfante receberam a feliz notícia da Redenção do gênero humano.

Se desejas experimentar uma dor viva por teus pecados, deixa que a meditação te convença de que Jesus Cristo sofreu tanto para inspirar-te um salutar desprezo de ti mesmo e ódio às tuas paixões desordenadas, especialmente às tuas maiores faltas, que naturalmente mais ofendem a Deus Todo-Poderoso.

Se desejas despertar sentimentos de admiração, basta considerares que nada é mais assombroso do que ver o Criador do universo, fonte da vida, massacrado por Suas próprias criaturas; o direito da Majestade Suprema como que aniquilado; a Justiça condenada; a Beleza desfigurada e coberta de imundície; o Predileto do Pai eterno transformado no objeto do ódio dos pecadores; a Luz inacessível subjugada pelos poderes das trevas; e a Glória e a Felicidade incriadas sepultadas sob a ignomínia e a miséria.

Para despertar em teu coração compaixão pelos sofrimentos de teu Salvador e Deus, além de Suas dores exteriores, considera o mais agudo de Seus padecimentos: Sua angústia interior. Se as primeiras dores te comovem, as segundas te atravessarão de tristeza. A Alma de Cristo contemplava então a Divindade com a mesma clareza com que agora a contempla no Céu. Sabia quanto Deus merece ser honrado e, amando-O infinitamente, desejava que todas as criaturas O amassem com toda a força de suas almas. Ao vê-Lo, portanto, tão horripelantemente

desonrado em todo o mundo por crimes incontáveis e abomináveis, foi esmagada pela dor de que a Majestade Divina não fosse amada e servida por todos os homens. Como a grandeza do desejo da Alma de Cristo de que Seu Pai fosse amado ultrapassa toda imaginação, é inútil tentar compreender a profundidade de Seus sofrimentos interiores nas agonias da morte.

Além disso, como esse Divino Salvador amava o gênero humano em grau inefável, um amor tão ardente e terno deve ter-Lhe causado imensa dor pelos pecados que separariam os homens d'Ele. Sabia que ninguém poderia pecar mortalmente sem destruir a graça santificante, vínculo que o une a Ele como justo. Essa separação causava a Jesus maior angústia na alma do que Seus membros desconjuntados causavam ao Corpo, pois a alma, inteiramente espiritual e imensamente superior ao corpo, é capaz de sentir a dor com delicadeza muito maior. Entre todas as aflições de nosso bendito Salvador, a mais grave foi, sem dúvida, contemplar os condenados que, incapazes de arrependimento, haveriam inevitavelmente de permanecer afastados d'Ele por toda a eternidade.

Se a contemplação de tamanho sofrimento te move à compaixão por Jesus agonizante, medita ainda mais e descobrirás que Sua dor excessiva não foi causada somente por teus pecados. Seu Sangue Precioso foi derramado não apenas para purificar-te das faltas cometidas, mas também para preservar-te daquelas em que terias caído sem o auxílio do Céu. É certo que nunca te faltarão motivos para participar dos sofrimentos de Jesus Crucificado. Sabe também que a natureza humana nunca esteve nem estará sujeita a aflição alguma que Ele não tenha conhecido. Jesus sofreu injúrias, censuras, tentações, dores, perda dos bens e austeridades voluntárias mais intensamente do que aqueles que gemem sob tais males. Esse terno Salvador compreendia perfeitamente cada aflição da mente ou do corpo a que estamos sujeitos, até a menor dor ou dor de cabeça, e por isso certamente Se comoveu de grande compaixão por nós.

Quem, contudo, poderá exprimir o que Ele sentiu ao contemplar a aflição de Sua Santíssima Mãe? Ela participou de todas as dores e ultrajes que acompanharam Sua Paixão, com as mesmas disposições e pelos mesmos motivos. Embora os sofrimentos dela ficassem infinitamente abaixo dos de Cristo, foram dolorosos além de toda expressão. O conhecimento da agonia de Nossa Senhora redobrou as dores de Jesus

e atravessou-Lhe ainda mais profundamente o Coração. Por isso, certa alma devota comparou o Coração de Jesus a uma fornalha ardente na qual Ele sofria voluntariamente as chamas abrasadoras do amor divino.

E, afinal, qual foi a causa de agonia tão inexprimível? Nada além de nossos pecados. Portanto, a maior compaixão e gratidão que podemos manifestar Àquele que tanto sofreu por nós consiste em sentir verdadeira dor pelas ofensas passadas por puro amor a Ele; detestar o pecado com todo o fervor da alma porque Lhe desagrada; e travar guerra incessante contra nossas más inclinações porque elas são Seus maiores inimigos. Assim, despojando-nos do homem velho e revestindo-nos do novo, adornamos a alma com a virtude, na qual unicamente consiste sua beleza.

Dos benefícios alcançados pela meditação da Cruz e da imitação das virtudes de Cristo Crucificado

Grandes são as vantagens que se obtêm da meditação da Cruz. A primeira é não somente a detestação dos pecados passados, mas também a firme resolução de combater os apetites desordenados sempre presentes em nós, que crucificaram o Salvador. A segunda é o perdão dos pecados, alcançado de Jesus Crucificado, e um salutar desprezo de nós mesmos, que nos inspira a nunca mais ofendê-Lo e a amá-Lo e servi-Lo continuamente de todo o coração, em reconhecimento por tudo quanto sofreu por nossa causa. A terceira é o trabalho incessante com que arrancamos todos os hábitos depravados, por mais insignificantes que pareçam. A quarta consiste em nossos ardentes esforços para imitar o Divino Mestre, que morreu não somente para expiar nossos pecados, mas também para nos deixar o sublime exemplo de uma vida de santidade e perfeição.

O método de meditação seguinte será de grande utilidade, supondo que desejes imitar especialmente a paciência do Salvador ao carregar tuas cruzes. Considera atentamente estes diversos pontos:

1. O que a Alma de Cristo sofreu por Deus.
2. O que Deus dispôs para a Alma de Jesus.
3. O que a Alma de Jesus fez por si mesma e por Seu Corpo.
4. O que Jesus fez por nós.
5. O que devemos fazer por Jesus.

6. Considera, em primeiro lugar, que a Alma de Jesus, mergulhada no oceano da Divindade, contemplava aquele Ser infinito e incompreensível diante do qual até a mais elevada das criaturas é inteiramente insignificante; contemplava-O, digo, num estado tão rebaixado que padecia as mais vis indignidades dos homens ingratos, sem a menor diminuição de Sua glória e esplendor essenciais. Das profundezas do sofrimento, a Alma de Cristo adorava Sua soberana Majestade, rendia-Lhe incontáveis ações de graças e tudo aceitava por amor a Ela.
7. Contempla, de outro lado, aquilo que Deus dispôs para a Alma de Jesus. Considera que a Vontade Divina decretou, por amor a nós, os açoites, os escarros, as blasfêmias, as bofetadas, a coroa de espinhos e a Crucifixão infligidos a Jesus, Filho único e muito amado de Deus. Observa com que alegria Deus, conhecendo o fim admirável para o qual tudo se dirigia, contemplava Seu Divino Filho carregado de infâmia e esmagado pela aflição.
8. Contempla em seguida a Alma de Jesus e observa com que prontidão Se submeteu à Vontade de Deus, seja pela imensidade de Sua perfeição divina, seja pela infinidade dos favores divinos que Lhe haviam sido concedidos. Quem poderia descrever o ardente amor dessa Alma pelas cruzes? Era uma Alma que procurava novos modos de sofrer e, não os encontrando, abandonava a Si mesma e o Corpo inocente à mercê dos malfeitores e dos poderes do inferno.
9. Volta então os olhos para Jesus, que do meio de Sua agonia te fala com afeto: “Vê a que profundidade de miséria fui reduzido por tua vontade desgovernada, que recusa a menor restrição para obedecer à Minha. Contempla as dores horríveis que suporto com o único propósito de ensinar-te a paciência. Por todos esses sofrimentos, deixa-Me persuadir-te a aceitar com resignação esta cruz que agora te apresento e aquelas que te enviarei no futuro. Entrega tua reputação à calúnia e teu corpo ao furor dos perseguidores que Eu escolhi para provar-te, por mais vis e desumanos que sejam. Ah, se soubesses quanto deleite tua paciência e resignação Me proporcionam! Mas como poderias ignorá-lo, quando contemplas estas Chagas recebidas para adquirir em teu favor as virtudes com que desejo adornar tua alma, mais preciosa

para Mim do que a própria vida? Se sofri por ti semelhante humilhação, não poderás suportar uma aflição leve para diminuir de algum modo Minha agonia? Recusarás curar as feridas que recebi por causa de tua impaciência, feridas para Mim mais cruéis do que os sofrimentos físicos?”

10. Considera Quem te fala dessa maneira. É Jesus Cristo, Rei da Glória, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Considera também a grandeza de Seus tormentos e humilhações, superiores ao que mereceria o mais perverso dos criminosos. Admira-te ao contemplá-Lo no meio dessas agonias não somente firme e resoluto, mas cheio de alegria, como se o dia de Sua Paixão fosse um dia de triunfo. Assim como algumas gotas de água lançadas sobre uma chama apenas lhe aumentam a intensidade, também Seus tormentos, abraçados por uma caridade que tornava leve o fardo, faziam crescer Sua alegria e Seu desejo de padecer aflições ainda maiores.

Reflete ainda que, durante toda a vida, Ele foi movido não pela compulsão ou pelo interesse próprio, mas unicamente pelo amor puro, para que aprendas d’Ele o modo de praticar a paciência. Procura, portanto, conhecer perfeitamente aquilo que Ele exige de ti e considera a alegria que encontra em tua prática da paciência. Forma então um desejo ardente de carregar esta cruz e outras ainda mais pesadas não somente com paciência, mas com alegria, para imitares com maior exatidão Cristo Crucificado e te tornares mais agradável a Ele.

Representa a ti mesmo todos os tormentos e todas as indignidades de Sua Paixão e, admirado diante de Sua constância, envergonha-te de tua fraqueza. Considera teus sofrimentos quase imaginários quando comparados aos d’Ele e tua paciência nem sequer como uma tênue sombra da Sua. Nada temas tanto quanto a indisposição para sofrer por teu Salvador; rejeita semelhante indisposição como uma sugestão do inferno.

Considera Jesus na Cruz como considerarias um livro devoto digno de estudo incessante, no qual podes aprender a prática das virtudes mais heroicas. Esse é o livro que verdadeiramente pode ser chamado “Livro da Vida” [Ap 3,5], pois ao mesmo tempo ilumina a mente com seus ensinamentos e inflama a vontade com seus exemplos. O mundo está cheio de livros, mas, ainda que o homem pudesse lê-los todos,

jamais aprenderia tão bem a odiar o vício e abraçar a virtude como contemplando um Deus Crucificado. Recorda, porém, que há pessoas que passam horas lamentando a Paixão de nosso Senhor e admirando Sua paciência e que, na primeira ocasião, manifestam tanta impaciência no sofrimento como se nunca houvessem pensado na Cruz. Tais homens são semelhantes a soldados ainda não provados, que em seus alojamentos só falam de conquistas, mas, à primeira aparição do inimigo, batem em retirada apressada e desonrosa. O que pode haver de mais desprezível do que considerar, admirar e exaltar as virtudes de nosso Redentor e esquecê-las todas num instante quando se apresenta a ocasião de praticá-las?

Do Santíssimo Sacramento da Eucaristia

Até aqui procurei, como talvez tenhas observado, fornecer-te quatro espécies de armas espirituais e os métodos pelos quais podem ser empregadas proveitosamente. Resta-me agora apresentar-te os auxílios inestimáveis que procedem da Sagrada Eucaristia para subjugar os inimigos da perfeição e da salvação. Como esse sublime Sacramento se eleva acima dos outros em dignidade e eficácia, é a mais terrível de todas as armas para os poderes infernais.

Os métodos anteriormente tratados não possuem força senão pelos méritos de Jesus Cristo e pela graça que Ele nos adquiriu com Seu Sangue Precioso; a Eucaristia, porém, é o próprio Jesus Cristo, Seu Corpo, Seu Sangue, Sua Alma e Sua Divindade. Os primeiros métodos nos são concedidos por Deus para que, por meio de Jesus Cristo, os empreguemos na sujeição do inimigo; a Eucaristia nos é dada para que combatamos o inimigo com o próprio Cristo. Comendo o Corpo de Jesus e bebendo Seu Sangue, permanecemos n'Ele e Ele em nós. Podemos comer Seu Corpo e beber Seu Sangue realmente todos os dias e espiritualmente a cada hora, e ambas as formas são sumamente proveitosas e santas. A segunda deve ser praticada tão frequentemente quanto possível; a primeira, tão frequentemente quanto se julgar conveniente.

Capítulo LIV

Do modo como devemos receber o Santíssimo Sacramento

São muitos os motivos para nos aproximarmos desse Divino Sacramento; por isso, há diferentes disposições a observar em três momentos distintos:

1. Antes da Comunhão.
2. No momento de receber a Comunhão.
3. Depois da Comunhão.

1. Antes da Comunhão

Qualquer que seja nosso motivo, se estivermos manchados pelo pecado mortal, devemos purificar-nos no Sacramento da Penitência. Com toda a sinceridade do coração, devemos oferecer-nos a Jesus Cristo, consagrando nossa alma e todas as suas faculdades ao Seu serviço. Nesse Sacramento, Ele concede ao gênero humano Seu Corpo, Seu Sangue, Sua Alma e Sua Divindade, juntamente com o imenso e inesgotável tesouro de Seus méritos infinitos. Como todos os nossos dons são insignificantes em comparação com os que Ele nos dá, deveríamos desejar possuir a totalidade dos méritos adquiridos por todos os seres criados do universo, para Lhe oferecer um presente digno de Sua consideração.

Se nosso desejo é alcançar a vitória sobre os adversários espirituais, devemos meditar durante algum tempo, antes de receber a Comunhão, sobre o desejo incompreensivelmente ardente que o Salvador tem de Se unir a nós para subjugar nossos apetites desordenados.

Para formarmos alguma ideia desse desejo divino a nosso respeito, podemos considerar duas coisas. A primeira é a alegria inefável com que a Sabedoria Encarnada habita entre nós, pois chama isso de Suas delícias [Pr 8,31]. A segunda é o ódio implacável que Ele tem ao pecado mortal, porque este constitui um obstáculo insuperável à união íntima com Ele, tão ardentemente desejada, e se opõe inteiramente às Suas perfeições divinas. Como Deus é soberanamente bom, Luz sem sombra e Beleza imaculada, deve necessariamente odiar o pecado, que é toda malícia, todas trevas e toda corrupção. Tão abrasador é o ódio de Deus ao pecado que toda a dispensação do Antigo e do Novo Testamento foi ordenada à sua destruição. Vários Santos de Deus disseram que a Divindade teria sofrido mil mortes em mil Calvários se, por esse meio, as menores faltas pudessem ser aniquiladas em nós.

Essas considerações, por mais elementares que sejam, podem fazer-te compreender quanto o Salvador deseja habitar em nosso coração para dali expulsar nossos inimigos comuns; devemos, portanto, acolhê-Lo com todo o fervor de que somos capazes. A alegre expectativa de Sua chegada levantará nossa coragem e nos inspirará a renovar a guerra contra a paixão predominante, praticando muitos atos da virtude contrária. Devemos proceder assim especialmente na noite anterior e na manhã em que receberemos a Sagrada Comunhão.

2. No momento de receber a Comunhão

Quando estivermos prestes a receber o Corpo de nosso Senhor, consideremos rapidamente as faltas cometidas desde a última Comunhão e, para concebermos dor mais perfeita, recordemos que as praticamos com tanta insensibilidade como se Cristo não houvesse morrido por nós na árvore do Calvário. Essa lembrança deve encher-nos de vergonha e temor por termos preferido de modo tão indigno uma pequena satisfação da vontade própria à obediência devida a um Senhor tão bondoso. Mas, quando considerarmos que, apesar dessa ingratidão e infidelidade, esse Deus de toda caridade ainda Se digna visitar-nos e habitar em nosso interior, aproximemo-nos d'Ele com confiança e o coração aberto; quando Ele habitar em nós, nenhum afeto corrompido do mundo poderá entrar furtivamente.

3. Depois da Comunhão

Depois da Comunhão, devemos permanecer em profundo recolhimento, adorando nosso Senhor com grande humildade e dizendo no íntimo da alma: “Vedes, ó Deus de minha alma, minha miserável inclinação para o pecado; vedes quão dominadora é esta paixão e que, por mim mesmo, não posso resistir-lhe. Sois Vós que deveis combater minhas batalhas e, embora eu participe do combate, é de Vós que devo esperar a coroa da vitória!”

Dirigindo-nos depois ao Pai eterno, ofereçamos-Lhe esse Filho amado que agora habita em nosso peito; ofereçamo-Lo em ação de graças pelos inúmeros benefícios recebidos e supliquemos a graça que tornará completa nossa vitória.

Por fim, resolvamo-nos a combater corajosamente o inimigo que mais nos aflige. Assim podemos esperar a vitória, pois, se não faltarmos em pedir, Deus não faltará em conceder, e cedo ou tarde a vitória será nossa.

Da preparação para a Comunhão e do papel da Eucaristia em despertar em nós o amor de Deus

Se nosso motivo para receber a Sagrada Comunhão for o desejo de crescer no amor de Deus, devemos recordar o amor que Ele tem por nós. A preparação consiste em contemplar atentamente esse soberano Senhor de poder e majestade sem limites, que, não satisfeito de nos criar à Sua imagem e semelhança nem de imolar por nós Seu Filho único, deixou-nos esse mesmo Filho no Sacramento da Eucaristia para ser nosso alimento e sustento em todas as necessidades. Considera atentamente a grandeza e a singularidade desse amor da maneira seguinte.

1. Quanto à duração, reconhecemos que o amor de Deus por nós é eterno e incessante, pois, assim como Ele é eterno em Sua Divindade, também é eterno em Seu amor. Antes que existisse o tempo, Deus determinou dar Seu Filho ao gênero humano dessa maneira admirável. Deixa, portanto, que estas palavras ressoem com alegria em teu coração: “No abismo da eternidade, minha pequenez foi tão amada pelo Deus Altíssimo que Ele pensou em mim e, com amor inefável, quis dar-me Seu Filho como alimento e sustento!”
2. Nossas paixões mais fortes pelas coisas terrenas conhecem certos limites que não podem ultrapassar; o amor de Deus por nós, porém, não tem limites. A vinda de Seu Filho, igual a Ele em majestade e perfeição, foi o testemunho desse amor imenso. Assim,

o dom é igual ao amor e o amor ao dom; e ambos são infinitos, além das fronteiras do entendimento humano.

3. Ao amar-nos, Deus não foi constrangido por poder ou necessidade alguma, mas derramou sobre nós inúmeros benefícios em razão da grandeza de Seu amor divino.
4. Tampouco nossos méritos ou boas obras anteriores nos tornaram dignos desse dom extraordinário. Se Deus nos amou sem medida e Se entregou com tamanha generosidade, isso deve ser atribuído à imensidade da caridade divina.
5. O amor de Deus por nós não está manchado pelo interesse próprio presente nos afetos humanos. O que representa para Ele toda a grandeza humana, se é a fonte de toda felicidade e glória? Como poderíamos acrescentar glória à própria Glória? Todas as vantagens, portanto, estão do lado do homem.

Meditando sobre essa verdade, diga cada um em seu interior: “Quem poderia imaginar, ó Senhor, que um Deus de grandeza tão infinita dirigisse Seus afetos a uma criatura tão abjeta e insignificante como eu? Qual poderia ser vosso desígnio, ó Rei da Glória? O que podeis esperar de mim, que não sou senão pó? Vejo claramente, meu Deus, à luz de vossa ardente caridade, que ao mesmo tempo me ilumina o entendimento e me abrasa de amor, que vosso desígnio está inteiramente livre de interesse próprio. Ao conceder-me tão bondosamente este Sacramento, desejais transformar-me em Vós, para que eu viva em Vós e Vós em mim. Uma união tão íntima há de refazer meu coração e converter este vaso de barro em instrumento delicado, afinado para as coisas divinas.”

Cheios então de alegria e assombro diante das manifestações do amor divino que Cristo nos concedeu, e conscientes de que Seu único propósito é transformar nosso coração, afastando-o das coisas da terra e elevando-o às do Céu, ofereçamos um sacrifício e consagremos a vontade, a memória e o entendimento à única tarefa de agradar-Lhe mediante a alegre aceitação de Sua santa Vontade.

Depois disso, reconhecendo nossa incapacidade de nos dispormos corretamente, sem o auxílio de Sua graça, para receber a Eucaristia, esforcemo-nos sinceramente por alcançar essa graça mediante jaculatórias como estas:

“Ó Alimento Celeste, quando estarei unido a Vós para ser alegremente consumido no fogo do amor divino? Ó Caridade Divina, quando viverei em Vós, por Vós e somente para Vós? Ó Maná Celeste, sumo Bem e alegria de meu coração, quando, detestando todo outro alimento, buscarei unicamente a Vós? Ó Vida de eterna alegria, quando habitarei somente em Vós? Ó meu Senhor amoroso e onipotente, libertai meu coração da tirania das paixões e dos apegos viciosos; adornai-o com vossas virtudes celestes e, por uma suave violência, obrigai-o a alegrar-se em amar-Vos e agradar-Vos. Então, ó Senhor, abrirei meu coração e Vos convidarei a entrar; então vireis, meu único Tesouro, transformar meu coração por vossa Divina presença.”

Esses são os sentimentos ternos e afetuosos que devemos formar na noite anterior e na manhã em que receberemos a Sagrada Comunhão.

Quando se aproximar o momento, devemos considerar atentamente Quem estamos prestes a receber. Nosso Hóspede será o Filho do Deus vivo, a Majestade augusta diante da qual os Céus e as Potestades celestes tremem de santo temor. Nosso Hóspede será o Santo dos Santos, Espelho sem mancha, a própria Pureza, diante da qual tudo é impuro por comparação. É a Divindade feita homem, considerada o opróbrio dos homens, que por amor a nós quis ser coberta de escarros, golpeada, injuriada e crucificada. Estás verdadeiramente prestes a receber o próprio Deus, em cujas mãos se encontra o destino do universo.

Considera, de outro lado, tua inteira insignificância e tua vil condição pecadora, que te reduziu abaixo dos animais irracionais e te tornou digno de ser brinquedo e escravo dos demônios. Considera como correspondeste aos infinitos favores recebidos do Salvador: insultaste o Redentor e calcaste aos pés Seu Sangue Precioso, manifestando a mais insolente ingratidão.

Mas nem mesmo a ingratidão humana pode vencer a caridade divina; a inconstância caprichosa não pode medir-se com o Amor imutável. Ainda assim, o Senhor bondoso te chama ao Banquete Divino e, em vez de rejeitar-te por causa de tua evidente indignidade, ordena-te que venhas, sob pena de morte. Os braços do Pai misericordioso estão sempre abertos para te receber, ainda que sejas leproso, coxo, cego, dissoluto ou possesso dos demônios. Ele exige de ti apenas estas poucas disposições:

A. Sentir sincera dor por havê-Lo ofendido tão gravemente.

B. Odiar com vigor inextinguível toda espécie de pecado.

C. Consagrar-te à alegre aceitação de Sua Vontade Divina, qualquer que ela seja.

D. Ter firme confiança de que Ele perdoará teus pecados, purificará tua alma de toda mancha e te defenderá de todos os inimigos.

Encorajado por esse amor inefável do Senhor por ti e por todos os pecadores penitentes, aproxima-te da Mesa Sagrada com um temor prudente, temperado pela esperança e pelo amor, dizendo:

“Depois de tantas ofensas graves, não sou digno de receber-Vos, pois ainda não satisfiz plenamente vossa Justiça. Não, meu Deus, sou indigno de Vós, manchado como estou por um apego desordenado às criaturas e pela resistência em servir-Vos inteiramente, com todo o coração e todas as forças.

“Ó meu Senhor onipotente, recordai vossa bondade e vossa promessa; pela alquimia divina do amor e da fé, fazei de meu coração uma morada digna de vosso Divino Filho.”

Depois da Comunhão, procura permanecer em profundo recolhimento, fechando o coração às numerosas e pequenas invasões das distrações mundanas. Recebe o Hóspede Divino com sentimentos semelhantes aos expressos na oração seguinte:

“Ó soberano Senhor do Céu, o que Vos trouxe das alturas celestes às profundezas dos corações terrenos?” Sua resposta será simplesmente: “O amor.”

E debes responder: “Ó Amor eterno, o que pedis de mim?” Ele tornará a responder: “Nada além de amor. Não quero em teu interior outro fogo senão a caridade, cujas chamas ardentes vencerão os fogos impuros das paixões e te tornarão agradável aos Meus olhos.

“Há muito desejo que sejas inteiramente Meu e Eu inteiramente teu. Há muito desejo também a entrega de tua vontade, sempre solícita por uma liberdade frívola e pelas vaidades mundanas, pois somente quando tua vontade estiver afinada com a Minha poderá realizar-se o primeiro desejo.

“Sabe, então, que desejo que morras para ti mesmo a fim de viveres para Mim; quero que Me entregues teu coração para torná-lo semelhante ao Meu, que se rompeu no Calvário por amor ao gênero humano. Sabes Quem Eu sou e, contudo, sabes que, em certo sentido, fiz de ti Meu igual por um excesso de amor. Quando Me entrego inteiramente a ti, nada peço em troca senão a ti mesmo. Sê Meu e ficarei satisfeito. Não queiras, não penses, não compreendas nem contemples coisa alguma

fora de Mim e de Minha Vontade. Deixa que teu nada se perca nas profundezas de Minha infinidade e ali encontra tua felicidade, como Eu encontro repouso em ti.”

Por fim, oferece ao Pai eterno Seu Filho Unigênito:

1. Primeiro, em ação de graças pelos favores inexprimivelmente grandes que Ele te concedeu ao dar-te Seu Filho.
2. Depois, em súplica pelas coisas de que necessitas e por aqueles em favor dos quais tens obrigação de rezar; recorda também em teus pedidos as Almas do Purgatório.

Faze toda essa oferenda em memória e em união com a oblação realizada por Cristo no monte Calvário, quando, sangrando na Cruz, ofereceu-Se a Seu Pai eterno.

Da mesma forma, podes oferecer por essa intenção o Sacrifício da Missa onde quer que seja celebrado naquele dia em todo o mundo cristão.

Da Comunhão espiritual

Embora a recepção sacramental da Eucaristia esteja limitada a uma vez por dia, tens liberdade para comungar espiritualmente a cada hora. Nada além de tua própria negligência pode impedir-te de receber os benefícios inestimáveis que procedem de semelhante união com Cristo. Convém observar que a Comunhão espiritual é por vezes mais proveitosa à alma e mais agradável a Deus do que muitas Comunhões sacramentais recebidas com pouca preparação e afeto ainda menor.

Quando, portanto, estiveres devidamente disposto a receber espiritualmente o Filho de Deus, tem por certo que Ele está pronto a vir a ti desse modo como alimento e sustento.

Como preparação, pensa em Jesus e, depois de considerar a multidão de tuas ofensas, manifesta-Lhe sincera dor por elas. Em seguida, com profundo respeito e fé inabalável, suplica-Lhe que Se digne entrar bondosamente em teu coração; pede-Lhe que o encha de graça, como remédio contra suas fraquezas naturais e escudo contra a violência dos inimigos. Todas as vezes que conseguires mortificar as paixões ou praticar um ato de virtude, aproveita essa ocasião para preparar o coração para o Filho de Deus, como Ele ordenou. Dirige-te então a Ele e pede com fervor as bênçãos de Sua presença, tanto como Médico de tua alma quanto como seu Protetor. Suplica-Lhe que habite sempre em teu interior e tome posse de tua alma de tal modo que expulse aqueles que procuram destruí-la.

Recorda também tua última Comunhão sacramental e, inflamado de amor pelo Salvador, dize-Lhe: “Quando, ó meu Deus, tornarei a

receber-Vos? Quando regressará aquele dia feliz em que habitareis novamente em meu coração?”

Se, contudo, desejas comungar espiritualmente com maior devoção, começa a preparar-te desde a noite anterior. Faze com que cada mortificação e cada ato de virtude contribuam para tornar tua alma uma morada mais digna de Sua presença espiritual.

Ao despertares pela manhã, medita sobre os inúmeros benefícios que se obtêm da Sagrada Comunhão. Recorda que a alma recupera as virtudes perdidas, recobra sua pureza original e se torna digna de participar dos méritos da Cruz. A própria recepção do Sacramento é sumamente agradável ao Pai eterno, que deseja que todos gozem desse Dom Divino.

Procura depois despertar em tua alma um desejo ardente de recebê-Lo em conformidade com Sua santa Vontade. Faze tuas palavras corresponderem a esse sentimento:

“Ó Senhor, uma vez que hoje não me é concedida a alegria de vossa presença sacramental, determine vossa bondade e onipotência que minha alma seja purificada da mancha do pecado, a fim de que, curado de minhas feridas, eu mereça receber-Vos em espírito. Renovadamente fortalecido por vossa graça todos os dias e a cada hora, possa eu resistir com coragem aos meus inimigos, especialmente àquela falta contra a qual, por vosso amor, travo guerra incessante.”

Da ação de graças

Uma vez que todo o bem que possuímos e todo o bem que fazemos são de Deus e procedem de Deus, a justiça nos obriga a render-Lhe graças por cada boa ação praticada e cada vitória alcançada no combate contra nós mesmos. Mais ainda, somos obrigados a agradecer-Lhe todas as bênçãos, gerais ou particulares, recebidas de Sua mão generosa.

Para fazê-lo dignamente, consideremos o fim pelo qual Ele derramou sobre nós a abundância de Suas bênçãos, pois assim aprenderemos como Deus deseja ser agradecido. Como Seu principal desígnio em toda beneficência é, antes de tudo, a própria honra e a consagração das almas ao Seu Divino serviço, reflita cada pessoa em seu coração: “Que poder, sabedoria e bondade Deus manifestou ao conceder-me esta graça e esta bênção!” Considerando depois a incapacidade do homem finito de merecer sem auxílio um favor infinito, e até a completa ingratidão que o torna indigno de semelhante bênção, devemos dizer com profunda humildade:

“É possível, ó Senhor, que ameis o homem pecador, a mais abjeta das criaturas? Como é ilimitado o amor que concede uma multidão de bênçãos àquele que tão pouco as merece! Seja vosso Santo Nome bendito agora e para sempre!”

Por fim, uma vez que tão grande multidão de bênçãos não exige do homem outro reconhecimento senão que ele ame seu bondoso Benfeitor, agradeça e ame a Deus do fundo do coração, resolvendo obedecer inteiramente aos preceitos de Sua santa Vontade. O último passo consiste na completa oferta de nós mesmos a Deus, como se explica no capítulo seguinte.

Da oferenda de nós mesmos a Deus

São necessárias duas coisas para tornar nossa oblação inteiramente agradável a Deus. A primeira é que seja feita em união com a oferenda que Cristo fez ao Pai; a segunda, que esteja completamente livre de todo apego às criaturas.

1. Quanto à primeira, devemos recordar que o Filho de Deus, durante Sua permanência sobre a terra, ofereceu ao Pai Celeste não somente a Si mesmo e Suas obras, mas também a nós e nossas obras. Assim, nossa oblação deve ser feita em união com a Sua e na dependência dela, para que ambas sejam santificadas diante do Todo-Poderoso.
2. Quanto à segunda, devemos recordar que dificilmente podemos oferecer-nos ao Céu enquanto permanecemos presos à terra pelos apegos mundanos. Portanto, se percebermos que estamos presos pelo menor afeto terreno, recorramos a Deus e supliquemos-Lhe que rompa os laços que nos acorrentam à terra, a fim de que pertençamos somente a Ele. Isso é de grande importância, pois, se alguém escravizado às criaturas pretende entregar-se a Deus enquanto continua preso a elas, oferece aquilo que não lhe pertence, uma vez que se tornou propriedade das criaturas às quais entregou sua vontade. Oferecer a Deus aquilo que já foi dado às criaturas é zombar do Todo-Poderoso. Assim, embora tenhamos oferecido a nós mesmos como holocausto ao Senhor, não somente deixamos de avançar no caminho da virtude, mas contraímos novas imperfeições e aumentamos o número de nossos pecados.

Podemos oferecer-nos a Deus mesmo enquanto ainda estamos apegados às criaturas, mas devemos fazê-lo na esperança de que Sua bondade nos liberte e de que possamos consagrar-nos inteiramente ao Seu serviço. Sejam, portanto, todas as nossas oferendas puras e sem mancha, destinadas somente à honra de Deus. Esqueçamos os bens do Céu e da terra, nada tendo diante dos olhos senão o cumprimento da Vontade de Deus e a adoração de Sua Divina Providência. Sacrifiquemos a Ele todos os afetos de nossa alma e, esquecendo as coisas terrenas, digamos:

“Eis, ó meu Deus e Criador, a oferenda que Vos faço de todo o meu ser. Submeto inteiramente minha vontade à vossa; dispõe de mim como quiserdes, na vida e na morte, no tempo e na eternidade.”

Se pronunciarmos essa oração do fundo do coração, nossa sinceridade será provada no tempo da adversidade, e demonstraremos ser cidadãos do Céu, e não da terra. Seremos filhos de Deus, e Ele será nosso, pois habita constantemente com aqueles que, renunciando a si mesmos e a todas as outras criaturas, oferecem-se como holocaustos à Sua Divina Majestade.

Encontras aqui um meio poderoso para vencer teus inimigos. Se, ao unir-te a Deus, te tornas inteiramente d’Ele e Ele inteiramente teu, que poder ou inimigo poderá causar-te algum mal? Quando quiseres oferecer jejuns, orações, atos de paciência ou boas obras, pensa primeiro na oblação das obras, orações e jejuns que Cristo ofereceu a Seu Pai e deposita toda a confiança em seus méritos infinitos. Se, porém, desejamos oferecer a esse Pai de Misericórdia os sofrimentos de Seu Filho em satisfação por nossos pecados, podemos fazê-lo do modo seguinte.

Primeiro, devemos recordar, em geral ou em particular, as principais desordens de nossa vida passada; convencidos de nossa incapacidade de aplacar a ira divina de nosso soberano Juiz ou satisfazer Sua Justiça ofendida, devemos recorrer à vida e à Paixão do Salvador. Recordemos que, quando Ele rezava, jejuava, trabalhava e derramava Seu Sangue Precioso, oferecia todos os atos e sofrimentos para reconciliar-nos com Seu Pai Todo-Poderoso, dizendo como que: “Vede, ó Pai eterno, como, segundo vossa Vontade, cumprio vossos decretos em expiação dos pecados de N. Digne-Se vossa Divina Majestade conceder-lhe o perdão e recebê-lo bondosamente no número de vossos eleitos.”

Cada pessoa deve unir suas orações às de Jesus Cristo e implorar ao Pai eterno que tenha misericórdia dela pelos méritos da Paixão e da morte de Seu Filho. Isso pode ser feito todas as vezes que meditamos sobre a vida ou a Paixão de nosso Senhor, não somente ao considerarmos os mistérios individualmente, mas também as diversas circunstâncias de cada mistério. Esse modo de oblação pode ser empregado tanto quando oferecemos nossas orações por nós mesmos quanto quando as oferecemos pelos outros.

Da devoção sensível e da aridez

A devoção sensível é produzida algumas vezes pelas disposições de nossa natureza, outras pelos artifícios do demônio e outras ainda por um influxo da graça. Podemos discernir sua origem em determinado caso estudando seus efeitos. Se nenhuma emenda de vida a acompanhar, há boas razões para suspeitar que semelhante devoção tenha por causa o demônio ou nossa natureza enferma, especialmente quando vem acompanhada de muita consolação, complacência ou algum grau de estima por nós mesmos.

Quando, portanto, teu coração se alegrar com júbilo e deleite espiritual, não te preocupes excessivamente em descobrir sua origem; ao mesmo tempo, não lhes atribuas importância particular e guarda-te de aumentar a opinião que tens de ti mesmo. Recorda antes continuamente teu nada e, rompendo os grilhões dos apegos terrenos e até das atrações espirituais, prende-te somente a Deus, procurando obedecer sempre ao menor preceito de Sua Vontade Divina. Esse modo de proceder transformará a própria natureza da consolação que experimentas; ainda que ela tenha nascido de uma fonte defeituosa, acabará tornando-se muito proveitosa.

A aridez espiritual procede das causas seguintes:

1. Do demônio, que se esforça com vigor satânico para nos tornar negligentes, afastar-nos do caminho da perfeição e mergulhar-nos novamente nas vaidades do mundo.
2. De nós mesmos, por causa de nossas faltas, negligências e apegos terrenos.

3. Da graça divina infundida em nossa alma pelo Espírito Santo, não apenas para nos desprender de tudo quanto não é de Deus ou não conduz a Ele, mas também para aprendermos por experiência que todas as coisas procedem d'Ele. Há ainda outras razões para semelhante aridez espiritual: ensinar-nos a estimar mais os dons de Deus no futuro e a conservá-los com maior humildade e cuidado; unir-nos mais estreitamente à Sua Divina Majestade por uma renúncia completa de nós mesmos, que incluía até as consolações espirituais, pois, se nossos afetos se concentram nelas, fica dividido o coração que nosso Senhor deseja conservar inteiramente para Si.

A última razão que se pode atribuir à aridez é a alegria que Deus encontra ao ver-nos combater com todas as forças e utilizar Sua graça da maneira mais proveitosa.

Quando, portanto, te encontrares oprimido pela aridez e pelo desgosto das coisas espirituais, procura saber se isso deve ser atribuído a alguma falta tua e, nesse caso, corrige-a imediatamente, não tanto para recuperar aquele prazer sensível quanto para banir tudo o que possa desagradar a Deus, ainda que minimamente. Se, depois de cuidadoso exame, não descobrires falta alguma, não te preocupes em recuperar o fervor sensível; esforça-te antes por adquirir a devoção perfeita, que consiste na perfeita conformidade com a Vontade de Deus. Por mais estéreis e insípidos que pareçam teus exercícios habituais, cumpre-os com resolução e perseverança, bebendo alegremente o cálice amargo que o Pai Celeste te apresentou.

Se, além dessa aridez que te torna quase insensível às coisas celestes, estiveres sob uma nuvem opressora de trevas espirituais, que te enche de temor e te impede de saber para onde voltar-te, não desanimes. Nada te separe da Cruz de Cristo, e despreza toda consolação humana, vã e miserável como é.

Toma também o cuidado de não revelar essa aflição a ninguém além do diretor espiritual, a quem deves manifestá-la não com o propósito de obter alívio, mas para aprender como suportá-la em perfeita resignação à Vontade Divina. Não ofereças tuas Comunhões, orações ou outros exercícios devotos para te libertares da cruz, mas para receberes força a fim de exaltá-la para sempre em honra e glória de Jesus Crucificado.

Se, por causa da confusão da mente, não puderes rezar ou meditar como de costume, deves ainda assim perseverar nesses exercícios com a menor ansiedade possível, suprimindo com o afeto da vontade as deficiências do entendimento. Emprega a oração vocal e conversa tanto contigo mesmo quanto com o Salvador. Essa prática produzirá efeitos surpreendentes e te proporcionará grande consolação na angústia. Em semelhantes ocasiões, dize a ti mesmo: “Por que estás triste, ó minha alma, e por que me perturbas? Espera em Deus, porque ainda O louvarei, a Ele, salvação de meu rosto e meu Deus. Por que, Senhor, Vos afastastes para longe e me desprezais no tempo da necessidade e da tribulação? Não me abandoneis inteiramente” [Do Sl 42].

Recorda também os piedosos sentimentos que Deus inspirou a Sara, esposa de Tobias, em sua aflição, e dize com ela em espírito e em palavras:

“Meu Deus, todos os que Vos servem sabem que, se forem visitados pelas provações da aflição nesta vida, serão recompensados; se forem oprimidos pela dor, serão libertados; se forem castigados por vossa Justiça, esperarão na misericórdia. Não Vos alegrais ao ver-nos perecer; depois das tempestades, enviais a bonança, e depois do pranto, a alegria. Ó Deus de Israel, seja vosso Nome bendito para sempre” [Tb 3].

Recorda também Cristo no Horto e na Cruz, abandonado por Aquele de Quem era o Filho único e muito amado; carrega tua cruz com Ele e dize do fundo do coração: “Não se faça a minha vontade, mas a vossa.”

Assim, unindo a paciência à oração na imolação voluntária de ti mesmo a Deus, tornar-te-ás verdadeiramente devoto. Como já disse, a verdadeira devoção consiste numa vontade ardente e inabalável de seguir Cristo e carregar a cruz no tempo e do modo que Ele determinar; consiste também em amar a Deus porque Ele é digno de nosso amor e até em renunciar à doçura de Deus por amor ao próprio Deus.

Se as multidões daqueles que professam a piedade medissem seu progresso na vida espiritual por esse verdadeiro padrão, e não pelas doçuras efervescentes de uma devoção puramente sensível, não seriam enganadas pelo demônio nem por si mesmas; tampouco seriam tão abominavelmente ingratas a ponto de murmurar contra o Senhor e queixar-se injustamente do dom que Ele lhes concede, pois as situações nas quais a virtude da paciência pode ser desenvolvida e fortalecida são verdadeiros dons. Ao contrário, essas pessoas se esforçariam por

servi-Lo com fidelidade maior do que nunca, convencidas de que Ele permite tudo para o crescimento de Sua glória e para nossa salvação.

Há outra ilusão perigosa à qual as mulheres estão frequentemente sujeitas de modo particular, embora detestem o vício e vigiem diligentemente para evitar as ocasiões de pecado. Às vezes, quando são molestadas por pensamentos impuros e assustadores e até por imagens repugnantes, ficam abatidas, julgando que Deus as abandonou. Não conseguem conceber que o Espírito Santo habite numa alma ocupada por pensamentos impuros e imaginam estar inevitavelmente banidas da presença divina.

Desanimadas dessa maneira, ficam prestes a cair no desespero e, já meio vencidas pela tentação, pensam em abandonar inteiramente os exercícios de devoção e regressar ao Egito. Em sua cegueira, não percebem a bondade de Deus, que permite que sejam tentadas como meio de prevenção contra a negligência humana e como força capaz de reconduzir o homem pródigo a uma união mais estreita com seu Pai amoroso. É, portanto, extrema insensatez queixarem-se daquilo que deveria ser ocasião de contínua gratidão.

Em semelhantes ocasiões, devemos considerar atentamente as inclinações perversas de nossa natureza ferida. Deus, que conhece melhor aquilo que conduz ao nosso bem definitivo, quer tornar-nos conscientes de que, por nós mesmos, não tendemos senão ao pecado e, sem Seu auxílio, caímos em incontáveis misérias.

Depois disso, devemos cultivar em nós uma confiança amorosa em Sua Divina Misericórdia, reconhecendo que, já que Ele Se dignou abrir nossos olhos para o perigo, deseja também libertar-nos dele e unir-nos a Si por meio da oração e da confiança. Por isso, devemos render-Lhe as mais humildes ações de graças.

Voltando àqueles pensamentos vis que são involuntários, é certo que eles são expulsos muito mais rapidamente pela resignação paciente diante da ansiedade que causam e pela pronta aplicação da mente a outra coisa do que por uma resistência tumultuada e excessivamente inquieta.

Do exame de consciência

No exame de consciência, considera três coisas:

1. As faltas cometidas naquele dia.
2. As ocasiões dessas faltas.
3. A necessidade de prontidão para corrigir essas faltas e adquirir as virtudes contrárias.

Quanto às faltas cometidas durante o dia, recorda as recomendações do capítulo XXVI, que trata do modo de proceder daquele que caiu em pecado. É evidente que deves empregar a maior cautela e circunspecção para evitar as ocasiões dessas faltas. Para corrigi-las e adquirir as virtudes necessárias, fortalece tua vontade mediante firme confiança em Deus, que te auxiliará a remediar os maus hábitos.

Se descobrires, porém, que triunfaste no combate contra ti mesmo ou te distinguiste na prática de uma boa obra, guarda-te da vanglória. Nem sequer a lembrança de semelhantes vitórias deve ocupar-te demasiadamente, para que a presunção e a vaidade não entrem silenciosa e insidiosamente em teu coração. Abandona, portanto, à misericórdia de Deus todas as tuas boas obras, quaisquer que sejam, e, esquecendo os triunfos passados, fortalece-te para os combates futuros.

Quanto à ação de graças pelos dons e favores que o Senhor te concedeu durante o dia, reconhece humildemente que Ele é o Autor de todo bem e teu Protetor contra inúmeros inimigos invisíveis. Agradece-Lhe por haver-te inspirado bons pensamentos e dado oportunidades de praticar a virtude. Por fim, agradece-Lhe todos os dons desconhecidos, dos quais jamais terás conhecimento.

Do modo como devemos perseverar no combate espiritual até a morte

Um dos requisitos do combate espiritual é a perseverança na contínua mortificação de nossas paixões indisciplinadas, pois elas jamais são inteiramente subjugadas nesta vida, mas lançam raízes no coração humano como ervas daninhas em solo fértil. Essa é uma batalha da qual não podemos escapar e um inimigo que não podemos evitar. A luta contra as paixões durará toda a vida, e aquele que depuser as armas será morto.

Além disso, devemos combater inimigos que nos odeiam com furor inextinguível e estão inteiramente consagrados à nossa destruição. Quanto mais procurarmos fazer deles nossos amigos, tanto mais procurarão arruinar-nos.

Não te espantes, porém, com sua força ou seu número. Nessa guerra, somente é vencido aquele que se rende voluntariamente, e todo o poder de nossos inimigos está nas mãos do Capitão sob cujo estandarte combatemos. Ele não apenas nos preservará da traição, mas será nosso Defensor. Infinitamente superior a todos os adversários, Ele te coroará com a vitória, contanto que, como guerreiro, não te apoies em tuas forças limitadas, mas em Seu poder onipotente e em Sua bondade infinita.

Se, contudo, Ele parecer tardar em socorrer-te e aparentemente te deixar no fogo extenuante do inimigo, não desanimes; combate antes com resolução, firmemente convencido de que Ele transformará tudo quanto te sobrevier em benefício definitivo, e a própria coroa inesperada da vitória será tua.

Quanto a ti, jamais abandones teu Comandante, que por tua causa não recuou diante da própria morte e que, morrendo no monte Calvário, venceu o mundo inteiro. Combate corajosamente sob Suas insígnias e não deponhas as armas enquanto restar um só inimigo, pois um único vício negligenciado será uma trave em teu olho e um espinho em teu lado, impedindo-te continuamente de triunfar em tua causa gloriosa e vitoriosa.

Da preparação contra os inimigos que nos assaltam na hora da morte

Embora toda a nossa vida sobre a terra seja uma guerra contínua, é certo que o último dia de batalha será o mais perigoso, pois aquele que cair nesse dia cairá para nunca mais se levantar.

Para estarmos preparados, devemos preparar-nos desde agora, pois quem combate bem durante a vida alcançará com maior facilidade a vitória no assalto final. Medita também sobre a morte e considera seu significado, pois essa reflexão afastará o terror que nos atinge quando ela se aproxima e dará à mente maior liberdade para o combate.

Os homens mundanos não suportam o pensamento da morte; recusam-se a pensar nela para não serem afastados dos prazeres terrenos nos quais depositaram seus afetos. O pensamento de perder as coisas passageiras é naturalmente repugnante e doloroso para aquele que se esquece das eternas. Assim, os afetos dos mundanos prendem-se cada dia mais firmemente a este mundo; e, dia após dia, a contemplação da perda das coisas terrenas semeia terror crescente, sobretudo no coração daqueles que por mais tempo gozaram da vida mundana.

Para te preparares para a tremenda passagem do tempo à eternidade, imagina-te alguma vez inteiramente só diante das agonias da morte e considera as coisas que mais provavelmente te perturbariam naquela hora. Depois, imprime profundamente em teu coração os remédios que proporei para serem empregados quando a situação se apresentar. O golpe que só pode ser dado uma vez deve ser bem ensaiado, pois um erro definitivo significa uma eternidade de remorso e miséria.

Capítulo LXIII

Dos quatro assaltos do inimigo na hora da morte, do primeiro assalto contra a fé e do modo de lhe resistir

Há quatro assaltos principais aos quais o inimigo provavelmente recorrerá quando estivermos no limiar da morte. São eles as tentações contra a fé, a tentação do desespero, os pensamentos de vanglória e, por fim, as diversas ilusões empregadas pelos filhos das trevas disfarçados de Anjos de luz.

Quanto ao primeiro assalto, apoia-te mais na vontade do que no entendimento, dizendo: “Vai para trás de mim, Satanás, pai da mentira, pois não quero sequer ouvir-te; basta-me crer como crê a Santa Igreja Católica.”

Vigia também com diligência contra quaisquer pensamentos que pareçam contribuir para fortalecer tua fé; rejeita-os imediatamente como sugestões do demônio, que procura desesperadamente arrastar-te para uma disputa. Se, contudo, não conseguires afastar resolutamente a mente desses assuntos, permanece ao menos inflexível em tua recusa de escutar as passagens da Escritura que o adversário talvez apresente com aparente facilidade; por mais claras e exatas que pareçam, estarão invariavelmente deturpadas, mal interpretadas ou aplicadas de modo incorreto.

Se, nesse momento, o Maligno te perguntar o que a Igreja crê, ignora-o. Percebendo, porém, que seu objetivo é surpreender-te ou enredar-te em palavras, contenta-te em fazer um ato geral de fé. Se desejares mortificá-lo ainda mais, responde que a Igreja crê na verdade; e, se ele

quiser saber o que é a verdade, dize-lhe que é aquilo que a Igreja crê e ensina.

Acima de tudo, conserva o coração atentamente fixo em Jesus Crucificado, dizendo: “Meu Deus, meu Criador e Redentor, apressai-Vos em socorrer-me e permanecei comigo, para que eu não me afaste da verdade que me ensinastes. Concedei que, assim como nasci na fé, também morra na fé, para vossa glória e minha salvação!”

Do assalto do desespero e de seu remédio

O segundo assalto pelo qual o perverso procura destruir-nos é o terror que pretende infundir em nossa mente pela recordação dos pecados passados, esperando assim precipitar-nos no desespero.

Nesse perigo, apegue-te à regra infalível de que a lembrança de teus pecados é efeito da graça e muito salutar quando inspira em teu coração sentimentos de humildade, compunção e confiança na Misericórdia de Deus. Se, porém, essa recordação provoca irritação e abatimento e te deixa sem coragem, em razão da aparente força dos argumentos apresentados para convencer-te de que estás irremediavelmente perdido, tem por certo que ela foi sugerida pelo demônio. Em semelhantes circunstâncias, humilha-te ainda mais e deposita maior confiança em Deus; assim destruirás o estratagema do demônio, voltarás contra ele suas próprias armas e darás maior glória a Deus.

É verdade que deves sentir verdadeira contrição por haver ofendido tão soberana Bondade todas as vezes que recordares tuas faltas passadas; mas, todas as vezes que pedires perdão, deves também ter firme confiança na infinita misericórdia de Jesus Cristo.

Direi ainda mais: mesmo que o próprio Deus parecesse dizer em teu coração que não pertences ao Seu rebanho, continua a depositar n'Ele tua confiança. Dize-Lhe antes, com toda a humildade: “Tendes boas razões, ó Senhor, para condenar-me por meus pecados, mas eu tenho razão ainda maior para esperar o perdão de vossa misericórdia. Tende piedade, portanto, de um humilde pecador, condenado pela própria malícia, mas redimido por vosso Sangue. Entrego-me inteiramente em vossas mãos, ó meu Redentor; todas as minhas esperanças estão em Vós, pois confio que, em vossa infinita compaixão, me salvareis para a glória de vosso Nome. Fazei de mim o que quiserdes, porque somente Vós sois meu Senhor. Ainda que me destruísseis, meu Senhor, continuaria sempre a esperar em Vós.”

Da tentação de vanglória

O terceiro assalto é o da vanglória e da presunção. Nada temas tanto quanto ceder, ainda que minimamente, a uma opinião elevada sobre tua pessoa ou tuas boas obras. Não te glories senão no Senhor e reconhece que tudo quanto és ou esperas tornar-te deve ser atribuído aos méritos da vida e da morte de Jesus Cristo. Até as próprias vésperas da vida, não escutes no coração outro refrão senão o de teu nada. Aprofunda tua humildade à medida que o amor-próprio se apaga e agradece sem cessar a Deus, Autor de toda a tua grandeza. Permanece sempre num temor santo e prudente e reconhece com simplicidade que todos os teus esforços são inúteis se Deus, em Quem se encontra toda a tua esperança, não os coroar de êxito.

Se seguirees esse conselho, teu inimigo jamais prevalecerá contra ti; o caminho permanecerá aberto diante de teus passos, e poderás avançar alegremente para a Jerusalém Celeste.

Das diversas ilusões empregadas pelo demônio na hora da morte

Se nosso obstinado adversário, que jamais deixa de perseguir-nos, nos assaltar disfarçado de Anjo de luz, permanece firme e constante, consciente de teu próprio nada, e dizê-lhe com coragem: “Regressa, miserável, ao teu reino de trevas, pois sou indigno de visões e não necessito de coisa alguma além da misericórdia de meu Salvador e das orações de Maria, de José e de todos os Santos.”

Ainda que essas visões pareçam trazer muitos sinais de haverem nascido no Céu, rejeita-as na medida em que estiver ao teu alcance. Não temas que essa resistência, fundada na consciência da própria indignidade, desagrade a Deus. Se a visão proceder d’Ele, possui o poder de fazer-te reconhecê-la e não sofrerás prejuízo algum; Aquele que concede a graça aos humildes não a retira por causa de atos nascidos da humildade.

Essas são, portanto, as armas que o inimigo mais habitualmente emprega contra nós na hora da morte. Cada pessoa é tentada segundo a inclinação particular à qual está mais sujeita. Por isso, antes que chegue a hora decisiva do grande combate, devemos armar-nos com segurança e lutar valorosamente contra nossas paixões mais violentas, para que a vitória seja mais fácil naquela hora depois da qual já não haverá tempo para preparação ou resistência.

“Combaterás contra eles até que sejam inteiramente destruídos” [1Sm 15,18].

Sobre Lorenzo Scupoli

Lorenzo Scupoli foi um sacerdote teatino italiano do século XVI, conhecido sobretudo como autor de *Il combattimento spirituale*. A primeira edição conhecida da obra apareceu em Veneza, em 1589, contendo vinte e quatro capítulos; edições posteriores ampliaram o tratado até a forma de sessenta e seis capítulos que se tornou amplamente difundida.

O Combate Espiritual alcançou grande circulação na tradição católica e tornou-se um dos clássicos da literatura ascética. Sua doutrina insiste especialmente na desconfiança de si mesmo, na confiança em Deus, na disciplina das faculdades da alma, na oração e na perseverança até a morte. A obra foi particularmente estimada por São Francisco de Sales, que a recomendava como instrumento de formação espiritual.

Ao longo dos séculos, o tratado foi traduzido e adaptado para numerosas línguas, passando por diferentes tradições editoriais. A presente edição portuguesa pertence à linhagem transmitida por uma versão francesa do século XVII e por sucessivas versões inglesas, conforme explicado na *Nota sobre esta edição*.

Sobre esta edição

O Combate Espiritual

Lorenzo Scupoli

Primeira edição digital das Edições Oratio
Brasil, 2026

Tradução, revisão e preparação editorial:
Paulo Ricardo Alves

Tradução realizada com auxílio de ferramentas de inteligência artificial a partir da versão inglesa revista por William Lester e Robert Paul Mohan.

Formato: PDF

Esta edição foi preparada para distribuição digital gratuita, especialmente para leitura, estudo e edificação espiritual.

EDIÇÕES ORATIO
oratioapp.com.br

LORENZO SCUPOLI

O Combate Espiritual

O Combate Espiritual é um dos grandes clássicos da ascética católica. Em sessenta e seis capítulos breves e densos, Lorenzo Scupoli conduz o leitor pelo caminho da vida interior, ensinando a desconfiar das próprias forças, confiar inteiramente em Deus, combater as paixões, ordenar a vontade, perseverar na oração e enfrentar com fidelidade as tentações que acompanham a vida cristã.

Esta edição das **Edições Oratio** apresenta uma nova tradução para o português brasileiro, preparada especialmente para leitura digital, estudo e edificação espiritual.

66 capítulos

Nova tradução brasileira

Edição digital • 2026

**EDIÇÕES
ORATIO**

oratioapp.com.br